

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Juliane Zonaro Chimello



1290002746

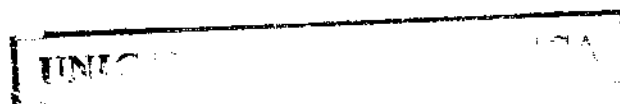


FE

TCC/UNICAMP C44m

**AS MUDANÇAS CURRICULARES NO ENSINO
MÉDIO NO OLHAR DE PROFESSORES E ALUNOS**

Campinas
2005



21.06.03.2

UNIDADE...	F.E.
Nº CHAMADA:	766108507
	CHL TO
V:.....	2846
TOR:.....	
PRO:.....	123/2006
C:.....	X
PREÇO	
DATA:.....	24 03 06
Nº CPD:.....	300103

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

C44m Chimello, Juliane Zonaro.
As mudanças curriculares no ensino médio no olhar de professores e
alunos / Juliane Zonaro Chimello. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Nora Rut Krawczyk.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ensino médio. 2. Modelo curricular. 3. Reforma do ensino.
4. Currículos - Mudanças. 5 Professores -- Participação no planejamento
curricular. I. Krawczyk, Nora Rut. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-229-BFE

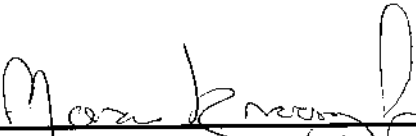
**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Juliane Zonaro Chimello

**AS MUDANÇAS CURRICULARES NO ENSINO
MÉDIO NO OLHAR DE PROFESSORES E ALUNOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade de Educação
da UNICAMP, para obtenção do
título de Bacharel em Pedagogia, sob
a orientação da Professora Dr.^a Nora
Rut Krawczyk .

**Campinas
2005**



Nora Rut Krawczyk – Orientadora



Márcia de Paula Leite- Segunda Leitora

*Dedico este trabalho a minha família,
especialmente aos meus pais José
Antônio e Gisele e ao meu namorado
Sanderson.*

Agradecimentos

Agradeço a orientação e a paciência da professora Nora Krawczyk.

Agradeço aos professores do curso de pedagogia por tudo que aprendi com eles.

Agradeço aos funcionários da biblioteca, da informática e a Luciane da secretária, pela paciência e a orientação durante estes quatro anos.

Agradeço a minha família e ao Sanderson por suportarem meu mau humor.

Agradeço as amigas que participaram das minhas angústias e alegrias.

Agradeço a escola que contribuiu para a construção deste trabalho.

Resumo

Este trabalho tem o objetivo principal analisar as principais mudanças curriculares do Ensino Médio no olhar de professores e aluno, dando ênfase ao modelo de competências.

Para isto, analisamos o contexto histórico do Ensino Médio no Brasil e o processo de reestruturação produtiva, que possui uma íntima ligação com as reformas educacionais na década de 90.

Nesta análise percebemos que o modo de produção pós-fordista passou a exigir da escola um modelo de competências, que atendesse as necessidades desse modo de produção. A partir disso a escola média passa por uma reforma curricular e na sua avaliação.

Dentro desse contexto fizemos uma pesquisa em uma escola de Ensino Médio na rede pública de Jundiaí (SP), para verificarmos como o modelo de competências está sendo trabalhado no cotidiano de docentes e discentes.

Ao longo da pesquisa foram sendo incorporados alguns elementos de análise, tais como: identidade, interdisciplinaridade e contextualização.

Sumário

Capítulo 1

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL.....	3
--	---

Capítulo 2

2. O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO PRODUTIVA.....	8
2.1 O método japonês.....	10
2.2 A reestruturação produtiva.....	12

Capítulo 3

3. A NOÇÃO DE COMPETÊNCIA.....	16
3.1 A origem da noção de competência.....	16
3.2 Competência: um conceito polissêmico.....	17
3.3 O conceito de competência no mundo do trabalho.....	19
3.4 O conceito de competência na escola de Ensino Médio.....	22

Capítulo 4

4. A REFORMA CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO.....	30
4.1 Aspectos estruturais da reforma curricular.....	31
4.2 O Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).....	35

Capítulo 5

5. A PESQUISA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO.....	37
5.1 A escolha da escola.....	37
5.2 Características da escola.....	37
5.3 Os entrevistados.....	39
5.4 Observando as aulas.....	40
5.5 As entrevistas.....	44
5.6 Análise das entrevistas.....	63

Considerações Finais.....	75
---------------------------	----

Referências Bibliográficas.....	76
---------------------------------	----

Anexo 1: Roteiro das entrevistas.....	81
---------------------------------------	----

Anexo 2: Quadro Comparativo das Entrevistas.....	85
--	----

Introdução

Nos últimos anos o Brasil tem passado por grandes reformas no ensino. Desde a Lei Federal 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional) um dos temas em destaque é o *modelo de competências*, que tem estado cada vez mais presente nas discussões que envolvem não só a escola, como também o trabalho.

A Reforma Curricular do Ensino Médio pressupõe uma nova organização dos conteúdos, colocando como eixo norteador o modelo de competências. O presente trabalho tem como objetivo estudar o modelo de competências a partir da Reforma do Ensino Médio e identificar como este modelo está sendo implantado na escola.

Para conseguir alcançar esses objetivos, no primeiro capítulo veremos brevemente a situação do Ensino Médio no Brasil desde a colônia até a última reforma com a LDB 9.394/96, para que possamos entender como e quais os motivos que estas reformas foram acontecendo.

No segundo capítulo nosso propósito é contextualizar as transformações produtivas ocorridas ao longo do capitalismo, passando do modelo fordista ao modelo toyotista, para que possamos entender o porquê da necessidade de um ensino baseado no modelo de competências, o qual estudaremos mais especificamente no terceiro capítulo, em que traremos várias definições do conceito de competência, e as várias discussões que envolvem este termo tanto no trabalho, quanto na educação.

Para mudar a maneira de organizar o ensino/aprendizagem com base no modelo de competências, foi preciso realizar uma reforma curricular e na avaliação do ensino, desta maneira faremos no quarto capítulo um debate sobre a reforma curricular e a forma de avaliar o Ensino Médio. Com isso chegamos a grande questão do trabalho: *Como a escola de Ensino Médio vem trabalhando com o modelo de competências incorporado a partir da reforma curricular?* Para tentarmos responder esta questão fizemos uma pesquisa de campo para verificar através da coordenação, dos professores e alunos como este conceito vem sendo entendido e incorporado, fazendo no quinto capítulo uma análise desta pesquisa, finalizando assim o trabalho.

1- Contexto Histórico do Ensino Médio no Brasil

Este texto tem como objetivo, desenvolver uma discussão sobre o contexto histórico do Ensino Médio no Brasil, desde o período da colônia, até os dias de hoje. Alguns autores afirmam que o ensino no Brasil colonial tinha um caráter elitista, já que era destinado apenas aos senhores das terras e dos engenhos. O primeiro ensino médio que tivemos, tinha a preocupação de fornecer uma cultura geral, sem a preocupação de qualificar para o trabalho, já que o trabalho físico era exercido pelos escravos, favorecendo assim o preconceito contra o trabalho manual. (FELIPPE, 2000)

Em 1834, acontece uma reforma educacional em que os municípios e as províncias deveriam se responsabilizar pelo ensino primário e o secundário (o nível médio da época), e o nível superior seria responsabilidade do governo central. Fundado em 1837 o Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro, era a única instituição de ensino secundário do Brasil. A principal função do curso secundário era cuidar da formação propedêutica, para que seus alunos pudessem ingressar na universidade.

Em 1889 com a Proclamação da República, o ensino secundário e o superior passa a ser responsabilidade do Estado Nacional, enquanto o ensino primário e o profissional são delegados a cada Estado.

O Ensino Médio brasileiro até 1930 sofreu uma forte influência dos modelos de educação britânico e francês, que se dividiam entre ensino profissionalizante (cursado pelas classes menos favorecidas) e propedêutico (cursado pelas elites), sendo que a educação profissionalizante não tinha equivalência do ensino propedêutico, o que ocasionava uma restrição ao acesso do ensino superior, daqueles que freqüentavam os cursos técnicos, dificultando a mobilidade social dos alunos. (FRANCO, 2004)

A partir de 1930, começa-se a pensar nas reformas educacionais, a primeira delas foi a Reforma Francisco Campos em 1931, que institui dois ciclos, um fundamental, com cinco anos e o outro complementar, com dois anos, que serviria de preparação para o ensino superior, fazendo com que o ensino secundário ficasse totalmente desvinculado da formação profissional.

Entre os anos de 1942 e 1946, com as oito leis orgânicas da Reforma Gustavo Capanema, coloca para o ensino secundário a tarefa de: *“proporcionar uma cultura geral e humanística; alimentar uma ideologia política definida em termos de patriotismo e nacionalismo de caráter fascista; proporcionar condições para o ingresso no ensino superior;*

possibilita a formação de lideranças.” (ROMANELLI, 1998 p.157). Com estas determinações vemos que o caráter do ensino médio continua o mesmo da Reforma anterior. Já o ensino profissional estrutura-se nas áreas industrial, comercial e agrícola com duração de 3 a 4 anos. O ensino profissional passa a ser complementado pelo sistema privado, com a criação do SENAI em 1942 e do SENAC em 1946, para atender a demanda gerada pela “divisão social e técnica do trabalho organizado e gerido pelo paradigma taylorista- fordista como resposta ao crescente desenvolvimento industrial que passava a exigir mão-de-obra qualificada.” (KUENZER, 2002 p.28)

Com a expansão industrial no Brasil, as classes médias urbanas começaram a frequentar o ensino secundário propedêutico também, havendo assim um grande aumento das matrículas. Este fato ocorreu pela necessidade de pessoas, para trabalhar em empregos burocráticos, comerciais e serviços não – manuais, com isso, a educação propedêutica passou a cumprir, também, o papel da educação profissional.

Em 1961 se estabelece a primeira lei brasileira que vai definir as diretrizes e bases da educação nacional para todos os níveis de ensino, com essa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (4024/61), cria-se quatro segmentos de ensino: primário (4 anos); ensino médio dividido em dois ciclos, o ciclo ginásial (4 anos) e o ciclo colegial (3 anos) e finalmente o ensino superior (duração variável dependendo do curso). Para o ensino médio foram criadas duas modalidades: o ensino normal com caráter propedêutico e o ensino profissional que dividia-se entre comercial, industrial e agrícola. O currículo também foi dividido em uma parte comum para a educação geral e uma parte diversificada de formação especial. A lei previa também a plena equivalência entre os cursos profissionalizantes e propedêuticos, não que esta equivalência, supere a dualidade estrutural, que é um reflexo do modelo da sociedade de classes na qual vivemos, que continua servindo a clientelas distintas, os cursos técnicos para a classe menos favorecida e o normal para as classes mais abastadas.

Dez anos depois da primeira LDB, em 1971 com a lei 5.692/71, o ensino passa a ser dividido em três segmentos: o ensino de 1º grau passa a ter uma duração de 8 anos, compreendendo 4 anos de ensino primário e 4 anos de ensino ginásial, o de 2º grau passa a ter uma duração de 3 a 4 anos, conforme a habilitação profissional escolhida. O objetivo geral da educação de 1º e 2º graus, passa a ser “*proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e o preparo para o exercício consciente da*

cidadania.” (BRASIL, 1971)¹. O currículo é dividido entre a educação geral e a formação especial que tem como objetivo a habilitação profissional, pretendendo substituir a dualidade do ensino médio (ensino básico X ensino profissionalizante). Dentro dessas mudanças enfatiza-se a educação profissional, que foi equiparada ao ensino propedêutico, optando desta forma pela profissionalização universal, fazendo com que todos seguissem uma única trajetória. Contudo antes mesmo da proposta ser implantada, o Parecer nº 76/1975, restabeleceu a modalidade de educação geral.

Em meados da década de 90, instalou-se um novo processo de reforma no Ensino Médio brasileiro, com o objetivo de expandir e melhorar a qualidade de ensino. Em 1996 com a promulgação da LDB nº 9.394/96, pretendeu-se superar a separação da formação geral e técnica, atendendo as exigências internacionais e do mercado de trabalho, para uma escolaridade maior e mais sofisticada, contendo também o número de alunos ao nível superior, e uma forma de *“elitização do ensino técnico-profissionalizante, já que a maior parte dos alunos de ensino médio não tem condições de realizar os dois simultaneamente.”* (DELUIZ, 2001 P.17). Tendo como uma das consequências a ampliação do tempo de formação, fazendo com que o jovem demorasse a entrar na vida produtiva.

Atrás de toda esta mudança que vem ocorrendo na escola média, estão as atuais tendências da economia da organização do trabalho, que estão exigindo novas e mais sofisticadas competências da escola, ao invés da formação técnica, especializada e disciplinada requeridas na década de 70.

Com isso a principal finalidade do Ensino Médio passa a ser segundo a LDB 9394/96 artigo 35:

*“I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.”*
(BRASIL, 1996)

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692/71; artigo 1.º

Atualmente o Ensino Médio vem sofrendo mudanças em decorrência das políticas de ampliação ao acesso do Ensino Fundamental e dos programas de correção do fluxo escolar, que possibilitou, que os concluintes deste nível estivessem dentro da idade prevista para cursar o ensino médio, estimulando esses a se matricularem no nível médio, aumentando assim a demanda. A busca pelo diploma do ensino médio, é sinalizada também pelas mudanças no mundo do trabalho, que cada vez mais competitivo requer trabalhadores mais qualificados e uma escolaridade mais longa. Estas mudanças trouxeram a esta etapa de ensino, alunos recém egressos do ensino fundamental, trabalhadores que retornam em busca de qualificação ou simplesmente do diploma, e também alunos que buscam o nível superior de ensino.

Dentro deste contexto vemos a valorização e a simultânea desvalorização do diploma, pois atualmente, a maioria dos postos de trabalho exigem a certificação do ensino médio, sem que necessariamente o trabalho a ser feito precise dos conhecimentos desenvolvidos por este nível de ensino. Vemos no caderno de empregos dos jornais, serviços simples de conteúdos intelectuais, mas que requerem o diploma do nível médio. Desta forma, ao mesmo tempo em que este diploma é valorizado e desejado pela maioria dos jovens, para melhores condições de trabalho e ascensão do nível social, ele é desvalorizado na medida em serve de requisito para qualquer tipo de trabalho.

“Os diplomas já não bastam para diferenciar e hierarquizar os indivíduos que os detêm. Certamente, a escola permanece o lugar onde se constroem os saberes e os saber-fazer² com referência ao corpus de conhecimentos relativamente estáveis, constituídos pelas disciplinas, e ela conserva o monopólio da distribuição de diplomas, garantia de um certo domínio desses saberes e saber-fazer. Porém para conservar seu valor social, os diplomas não constituem um título de valor imutável; seus detentores devem mostrar que possuem efetivamente as capacidades para mobilizar seus conhecimentos em determinadas situações. A empresa surge, então como um lugar privilegiado para validar essas propriedades específicas valorizadas em uma atividade...” (ROPE, TANGUY, 1997p. 205)

Filmus (2002) destaca que apesar do nível médio ser importante para o acesso ao trabalho mais qualificado, este nível não está assegurando que todos os seus egressos possam conseguir empregos nos segmentos de qualidade do mercado, perdendo assim o valor de possuir o diploma.

Vemos que na verdade a defesa por uma educação básica está posta para a formação de um cidadão e de um trabalhador polivalente, flexível, participativo e com

² Será feita uma discussão mais esmiuçada sobre competência no capítulo terceiro.

alta capacidade de abstração, características decorrentes de um novo processo produtivo. Para entender o motivo destas mudanças e desse novo paradigma em que vivemos, é imprescindível estudar os processos de transformação produtiva que ocorreu ao longo do capitalismo.

2- O Processo de Transformação Produtiva

Este capítulo tem a pretensão de estudar as transformações produtivas que ocorreram desde o pré- capitalismo, até os dias de hoje com a reestruturação produtiva, para que possamos entender um pouco das reformas que ocorreram no Ensino Médio brasileiro.

No ocidente os modos de produção anteriores ao capitalismo, se destacam basicamente o artesanato e o mercantilismo.

O artesanato é caracterizado pela produção estruturada na organização de ofícios em que o artesão tinha total controle sobre a produção de bens, não separando o trabalho manual do intelectual, possibilitando ao artesão que produzisse todas as etapas do produto.

Com as grandes navegações no século XVI surge o mercantilismo que dá início a transição do artesanato para a produção industrial em que o trabalhador subordina-se vendendo sua mão-de-obra, por não possuir meios de produção. Os trabalhadores passam a se reunir dentro do mesmo espaço de trabalho, onde já começa a acontecer uma pequena parcelização das tarefas.

No final do século XVIII a máquina a vapor é introduzida dentro da fábrica, gerando a I Revolução Industrial, que tem como características principais o trabalho assalariado, a propriedade privada dos meios de produção, o aprofundamento da divisão do trabalho e a absorção da mão-de-obra rural para o industrial. “*O capitalismo industrial começa quando um significativo número de trabalhadores é empregado por um único capitalista*” (BRAVERMAN, 1977 p. 61).

No final do século XIX a II Revolução Industrial foi marcada pelas descobertas científicas, o avanço da tecnologia e a invenção do motor a combustão, que trouxe consigo a parcelização total do trabalho e a grande ruptura do trabalho intelectual com o manual.

Neste período Taylor começa a escrever sua teoria que tinha como objetivo principal organizar a produção das empresas, pautada nos princípios de obediência, nos estudos sobre o tempo e o movimento que o trabalhador utilizava na produção, parcelando ao máximo o trabalho, para que fosse feito no menor tempo possível, aumentando a produtividade e o lucro da empresa, já que estamos falando de uma sociedade marcada pela compra e venda da mão-de-obra por baixíssimos salários.

Neste contexto o modo de produção capitalista cria uma população trabalhadora ajustada as suas necessidades, dando surgimento a diversas ocupações. A especialização do trabalhador braçal fica secundária, pois ele não precisará conhecer o processo todo de trabalho, já que ele fará uma pequena parcela da parte mecânica. O trabalho cerebral ficará centrado no departamento de planejamento, criando então a separação de quem projeta e de quem executa.

O trabalhador não só perde o controle dos meios de produção como o modo de executá-lo. *“Este controle pertence agora àqueles que podem ‘arcar’ com o estudo dele a fim de conhecê-lo melhor do que os próprios trabalhadores que conhecem sua atividade viva”* (BRAVERMAN, 1977, p. 104), ou seja, o estudo dos processos de trabalho deve ser feito pela gerência da fábrica, que apenas comunica ao trabalhador instruções simplificadas para o manuseio da máquina, e esse as recebe sem precisar pensar ou compreender o que lhe é passado.

Na mesma época o Fordismo vai superar os problemas da produção artesanal de automóveis, criando uma nova maneira de organizar a produção, denominando a de produção em massa.

A novidade da chamada produção em massa, consistia na criação de uma linha de montagem em movimento contínuo e da padronização de peças que utilizava no processo de fabricação. Este modelo determina que cada funcionário poderia executar apenas uma tarefa no decorrer da linha de montagem, fazendo com que a familiaridade desta tarefa, proporcionasse ao trabalhador mais rapidez do seu serviço, reduzindo assim os custos da produção e aumentando a qualidade do produto.

O modelo Fordista também não precisou de trabalhadores qualificados para o “chão de fábrica”, pois o montador não tinha uma tarefa maior do que apertar dois parafusos. Com isso o funcionário não precisava entender o que os que estavam a sua volta faziam. Contudo era necessário um trabalhador mais qualificado, alguém que cuidasse para que as peças dos carros fossem “juntadas”, cria-se então a profissão de engenheiro de produção e mais tarde outras especializações na área de engenharia.

Novas profissões foram criadas para complementar as de engenheiro, surgindo os gerentes financeiros e especialistas em marketing, tornando a divisão do trabalho de forma completa.

Devemos observar também que uma empresa Fordista possui todo o processo produtivo instalado dentro da fábrica, da matéria-prima até montagem final do

automóvel, eliminando assim qualquer necessidade de auxílio externo, a fábrica era auto-suficiente.

Assim como no modelo Taylorista, o Fordismo possuía uma grande hierarquia dentro da fábrica: faxineiros, operários, mecânicos, inspetores de qualidade, especialistas em reparos, supervisor, engenheiro e a gerência, fazendo com que todas essas funções fossem incorporadas a uma relação vertical de poder, estruturada em uma organização burocrática que posteriormente acarretaria vários problemas ao modelo, como excesso de formalismo, apego a rotina e resistência a mudança.

Esta situação teria durado por um tempo indeterminado se uma nova indústria automobilística não tivesse surgido no Japão, desenvolvendo o modo de produção enxuta, que junto a outros fatores deu início a III Revolução Industrial.

Em 1955 a produção enxuta já não era um privilégio dos EUA (país de origem da fábrica Ford) o mundo todo já adotava este modelo.

“A produção em massa de Henry Ford orientou a indústria automobilística por mais de meio século e acabou sendo adotada em quase toda atividade industrial na Europa e América do Norte. Atualmente, porém essas técnicas, tão arraigadas na filosofia de fabricação, estão frustrando os esforços de muitas companhias ocidentais no salto para a produção enxuta.”
(WOMACK, JONES, ROOS, 1992 p.18)

Junto a este novo modelo, veio a crise do Estado de bem estar social, que desprotege o trabalhador, enfraquecendo suas conquistas sociais como, a estabilidade de emprego, saúde, educação e transportes públicos segundo Harvey (1992)

“essa tendência foi institucionalizada em 1982, quando o FMI e o Banco Mundial foram designados como autoridade central capaz de exercer o poder coletivo das nações-estado capitalistas sobre negociações financeiras internacionais. Esse poder costuma ser empregado para forçar reduções de gastos públicos, cortes de salários reais e austeridade nas políticas fiscal e monetária...” (HARVEY, 1992 p. 159-160).

2.1 O Modelo Japonês

O modelo japonês vem com a III Revolução Tecnológica, apresentando ao mundo uma nova forma de organização produtiva.

Coriat (1994) descreve o processo que o “método japonês” faz para reestruturação em sua fábrica. Neste momento (pós-guerra) as empresas passam por

uma grave crise financeira, o que as faz aumentar a produção, sem aumentar o número de trabalhadores, fazendo com que um trabalhador, opere em várias máquinas. A empresa passa a produzir somente o que o pequeno mercado consumidor japonês vai precisar, invertendo a ordem de produção fordista, a Toyota começa a produzir a partir do pedido de compra, assim não produzindo excedentes. A produção passa a ser “enxugada”, ao contrário do fordismo, a Toyota não vai concentrar todo o processo dentro da fábrica, ela vai terceirizar os serviços, ficando apenas com a montagem do seu produto.

A produção da Toyota caracteriza-se principalmente por ter uma produção com vários modelos, para vários mercados consumidores e pronta para suprir o consumo, já que é o próprio consumidor que “determina” o que vai ser produzido. Para que isso possa acontecer, como já foi dito, o trabalhador deve operar com várias máquinas, o que o torna um *trabalhador multifuncional*. (CORIAT, 1994 p. 41)

O trabalho passa a ser realizado em equipe, o operário torna-se polivalente e para isso ele deve ser qualificado. A Toyota vai aproveitar o conhecimento do trabalhador para benefício da empresa, capturando a subjetividade do trabalhador através de uma série de dispositivos organizacionais, como a participação dos lucros fazendo que o trabalhador aumente a sua produtividade, o sistema de sugestões para melhorar a produtividade e a qualidade do produto.

“Outro ponto essencial do toyotismo é que, para a efetiva flexibilização do aparato produtivo, é também imprescindível a flexibilização dos trabalhadores. Direitos flexíveis de modo a dispor desta força de trabalho em função direta das necessidades do mercado consumidor. O toyotismo estrutura-se a partir de um número mínimo de trabalhadores, ampliando-os, através de horas extras, trabalhadores temporários ou subcontratação dependendo das condições de mercado” (ANTUNES 1999, p.28)

Contudo é importante ressaltar que apesar do método japonês precisar de um trabalhador altamente qualificado, flexível e polivalente, isto não acontece quando chegamos ao final da cadeia produtiva, onde se encontram trabalhadores sem qualificação e com condições precárias de trabalho, como também o trabalho alienado orientado ainda nos princípios tayloristas/fordistas. É certo afirmar que ocorreram muitas mudanças de cargos e funções dentro da empresa, sem contudo mudar o processo de tomada de decisões que continuam nas mãos da alta hierarquia da empresa.

Vemos que muitos autores supervalorizam o modelo japonês como algo que supera todos os problemas gerados pelo fordismo mas não podemos nos esquecer que

com este método o desemprego cresceu, o movimento sindical se desestruturou e com isso os trabalhadores passaram a ter condições trabalho mais precarizadas ainda, devido a diminuição de salários e de instabilidade no trabalho.

2.2 A Reestruturação Produtiva

Segundo Harvey (1992) a acumulação flexível se dá pelo confronto com a rigidez do fordismo. Ele a caracteriza pela reestruturação do mercado de trabalho, que passa por um aumento da competição e da diminuição das margens de lucro, com isso os empresários enxugam a mão-de-obra, acarretando um aumento significativo do desemprego e com um grande número de trabalhadores excedentes, causa o enfraquecimento do poder sindical, que nada pode fazer contra os regimes e contratos de trabalho mais flexíveis com baixos salários.

Essas mudanças provocaram um grande aumento de serviço no terceiro setor e surgimento de novas de indústrias, que permitiram a aceleração das inovações de produtos, que induzem a população a necessidade deste. Dessa forma valoriza o

“empreendimento inovador e esperto, ajudado e estimulado pelos atavios da tomada de decisões rápida, eficiente e bem fundamentada. O incremento da capacidade de dispersão geográfica de produção em pequena escala e de busca de mercados de perfil específico.” (HARVEY, 1992 p.149)

Tudo isso foi possível através da alta tecnologia em comunicação, pois o mercado é capaz de analisar instantaneamente os dados e coordenar os fluxos financeiros, podendo transferir a qualquer momento seus investimentos sem se preocupar com as barreiras nacionais, fatores do enfraquecimento dos Estados-Nação.

Este novo paradigma produtivo está influenciando todos os segmentos industriais mais isso não quer dizer que o *“mundo da produção caminhe inexoravelmente em direção a um único modelo de reestruturação.” (LEITE, RIZEK, 1997 p.179)*, pois não se procura um processo produtivo homogêneo para todas as indústrias. Segundo as autoras citadas acima, as pesquisas mostram que existem uma diversidade muito grande no processo de reestruturação, cada empresa está se reestruturando conforme suas características peculiares. Diante deste complexo processo, ocorrem novas formas de divisão do trabalho e de flexibilização. Contudo há algumas tendências homogeneizantes, como a qualificação e o aumento da escolaridade exigida do trabalhador. Todavia é importante observar que isto não pode ser vinculado a uma

transformação real das qualificações requeridas pelo mercado, apesar desta procura da mão-de-obra mais escolarizada, existem variáveis quanto a idade e ao sexo, pois as mulheres com maior escolaridade não tem assegurada as melhores condições de inserção do mercado de trabalho, apesar delas terem conquistado sua inserção neste mercado, isto não lhes dá o direito de competir em posição de igualdade com os homens, pois as empresas afirmam que afirma que as mulheres trazem mais gastos a empresa, já que são elas responsáveis pela reprodução.³

Leite (2003) destaca que as exigências em relação a formação profissional estão mudando desde a época do fordismo, atualmente estão sendo incorporadas a

“um conjunto tão grande de novas aptidões, capacidades e atitudes que só seriam compreensíveis alargando-se o conceito de qualificação para uma definição mais ampla que incorpore não só o conhecimento técnico e formal, mas também o conhecimento tácito informal (...) uma nova postura do trabalhador em face do trabalho. Esse novo conceito, para qual a noção de competência vem sendo considerada mais apropriada do que a de qualificação, sobrepõe as exigências do posto de trabalho, passando a se referir comportamentos e atitudes.” (LEITE, 2003 p.120)

O que passa a ser valorizado agora, é principalmente a postura cooperativa do trabalhador com a empresa, ou seja, que ele sempre esteja envolvido com os objetivos da empresa, que tenha disposição para continuar aprendendo, para poder se adaptar a novas situações, ter iniciativa e saber resolver os problemas. Dentro desta lógica a autora questiona se estas características do novo trabalhador são necessárias a toda a cadeia produtiva, levando em conta as características do trabalho, das empresas líderes e dos fornecedores presentes nos vários níveis da cadeia produtiva.

Ela dá pistas desta pergunta, através de uma pesquisa que estudou a cadeia produtiva de uma montadora de automóveis em São Bernardo do Campo (SP). Esta cadeia constituía-se em uma estrutura piramidal, na qual o primeiro nível era responsável pelo fornecimento de peças e módulos completos, responsáveis diretos no desenvolvimento do produto final; o segundo nível geralmente representados por fornecedores do primeiro nível, são responsáveis por fornecer peças ou conjunto de peças que não precisam de uma alta tecnologia para serem desenvolvidas; no terceiro nível estão os fornecedores de peças que possuem menor sofisticação tecnológica ainda,

³ Este assunto pode ser melhor estudado com a pesquisa que Leite e Souza (2005) que apresentam dados de algumas empresas do grande ABC paulista, contrariando o discurso de que as mulheres dão mais gastos as empresas do que os homens. LEITE, M. P., SOUZA, S. M. Custos do trabalho feminino: imagens e realidade no ABC paulista. In: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Questionando um mito: custos do trabalho de homens e mulheres**. Brasília: Lais Abramo: OIT, 2005.

com condições precárias de trabalho, fazendo muitas vezes parte do setor informal da economia.

A pesquisa apresenta dados mostrando que as empresas montadoras (ápice da pirâmide) são as que mais requerem profissionais qualificados e que fornecem cursos para qualificá-los, já que se utilizavam de máquinas mais sofisticadas que exigiam mais responsabilidades pelo trabalho desenvolvido. Contudo quanto mais se descia na pirâmide, menos trabalhadores qualificados e mais trabalho manual sem tecnologia era encontrado. É importante ressaltar que quanto mais o trabalho era desprovido de tecnologia e qualificação, maior era o número de mulheres que nele trabalhava fato que evidencia as diferenças de gênero produzidos na fábrica, podendo também notar que as empresas da base da pirâmide ainda utilizam processos de produção na lógica taylorista/fordista.

Leite (2003) conclui que houve um incremento da qualificação dos primeiros operários da cadeia, pois tinham que desenvolver um trabalho mental mais elaborado, enquanto os outros trabalhadores (na maioria mulheres) continuam com serviços manuais e repetitivos, destituídos de conteúdo.

“Para este conjunto de trabalhadores, em geral trabalhadoras, o investimento das empresas tendia a se restringir à escolarização – uma exigência cada vez maior das normas de certificação de qualidade, que via de regra não tinha correspondência em um trabalho mais intelectualizado – e a cursos comportamentais, cujos conteúdos pouco tinham a ver com um incremento efetivo de sua qualificação, embora tivessem como pressuposto um trabalho mais responsável.” (LEITE, 2003 p. 143 e 144)

A autora chama a atenção para os cursos comportamentais cedidos pelas empresas do nível mais baixo de fornecimento, pois para que serviriam funcionários responsáveis, de iniciativa, cooperativos, com disposição de continuar aprendendo e solucionadores de problemas sendo que os mesmos se limitavam *“a tirar rebarbas de peças de plásticos, a juntar fios que compõem chicotes a embalar pequenas peças de plástico ou metal ou a colar e costurar manualmente peças de couro em torno de um volante?”* (LEITE, 2003 p. 144). Concluindo então, que está sendo desnecessário estes cursos comportamentais para os trabalhadores dos últimos níveis da cadeia, já que o curso não interfere o processo de trabalho.

Podemos relacionar esta situação da pesquisa apresentada com a que analisamos no fim do capítulo anterior, que discutia a simultânea valorização e desvalorização do diploma do ensino do Ensino Médio. Para continuarmos a discussão da Reforma do

Ensino Médio e a sua relação com o mundo do trabalho, estudaremos a noção de competência que está tão presente na esfera produtiva quanto na esfera educativa, promovendo um diálogo entre essas esferas.

3-A Noção de Competência

3.1 A origem da noção de competência

A noção de competência aparece quando o capitalismo entra em crise, por conta da alta acumulação de mercadorias e o baixo consumo, além do grande desenvolvimento do processo de internacionalização do capital, da alta concentração do capital entre as grandes empresas, entre tantos outros motivos.

O capitalismo responde a esta crise reestruturando seu processo produtivo, fazendo dele um processo mais flexível, com inovações tecnológicas, novos modelos de organização do trabalho, objetivando tornar mais simples, eficiente e aproveitar ao máximo o emprego dos métodos científicos no processo produtivo, adequando assim o trabalhador as necessidades do mercado, conforme já explicamos no capítulo anterior.

O modelo fordista de produção requer trabalhadores disciplinados, que trabalhem isoladamente em sua função, dentro de uma linha de montagem, com alta parcelização do trabalho, exigindo que o trabalhador seja capaz de trabalhar e entender apenas de uma função da linha de montagem. Já o modelo flexível requer trabalhadores dentro de uma estrutura, em que eles possam trabalhar em equipe, exercendo várias funções no processo de trabalho (manutenção da máquina, controle de qualidade, operação do sistema, entre outras atividades), fazendo com que este trabalhador possua uma visão total do processo de produção da mercadoria, enquanto que o trabalhador fordista possui uma visão fragmentada do processo de produção.

Desta maneira para se ter uma visão mais global do sistema de produção, o trabalhador deve possuir uma grande capacidade para *“julgar, discernir, intervir, resolver problemas, propor soluções a problemas concretos que surjam cotidianamente no interior do processo de trabalho.”* (HIRATA, 1994, p.130) necessidades diferentes dos trabalhadores fordistas. Este novo modelo de produção passa então, a exigir um certo tipo de comportamento, de atitudes e organização muito diferente das características de um trabalhador da produção em massa.

“A tese de requalificação dos operadores com a adoção de novas condições de produção vai conduzir dentro da sociologia das qualificações a uma superação do paradigma da polarização das qualificações, dominante desde o fim dos anos setenta e à emergência do modelo da competência.” (HIRATA, 1994 p.132)

A noção de competência surge no meio empresarial, no fim dos anos setenta, início dos anos oitenta, quando o conceito de qualificação vai sendo progressivamente substituído, pela noção de competência, devido as mudanças no modelo de produção e no pressuposto mercado produtivo.

A utilização do modelo de competência vai sendo adotado, na medida em que a produção flexível modifica a divisão social do trabalho, ou seja, os postos de trabalho requerem do trabalhador maior mobilidade e um engajamento maior como as estratégias de competição da empresa e uma formação mais aberta e flexível para que o trabalhador possa ter uma ocupação não tão restrita, necessitando então de uma re-qualificação geral dos trabalhadores, para que eles possam participar mais nas atividades de concepção e controle da qualidade da produção, ter iniciativa nos processos de trabalho, possuir mais responsabilidades na execução desse, maior envolvimento nas atividades de aperfeiçoamento, sendo capaz ainda, de se adaptar a diferentes situações, cultivando um projeto de vida aberto as incertezas do mercado. (MACAHADO, 2002)

3.2 Competência: um conceito polissêmico

Um conceito polissêmico, significa que ele pode ter vários significados ao longo do tempo. É de certa forma o que vem acontecendo com o conceito de competência. Diferente da noção de qualificação tão bem definida pelos sociólogos franceses, a noção de competência é bastante imprecisa e usada em diferentes sentidos, como bem afirma Ropé e Tanguy (1997) quando dizem que esta noção é usada por pedagogos, sociólogos, psicólogos, entre outros, é uma noção geral que pode ser usada em diferentes lugares da sociedade, tanto por atores sociais, como por aqueles que observam e analisam os fenômenos sociais. A noção de competência substitui outras noções que prevaleciam anteriormente, como por exemplo os saberes e conhecimentos, mais usados na esfera educativa, e qualificação na esfera do trabalho. *“É uma noção geral, que conhece um uso extensivo em lugares diferentes da sociedade...”* (ROPÉ, TANGUY, 1997 p.17)

Explicitaremos algumas definições feitas por estudiosos do tema e de um dos documentos do MEC, para observarmos algumas das possíveis definições para o conceito de competência:

- Machado (2002) faz uma análise do processo de institucionalização da noção de competência no Brasil, assim como a lógica social do seu uso. Ela define o termo competência para *“identificar, classificar e nomear capacidades pessoais de*

operacionalização e de efetivação eficiente desses recursos diante de situações concretas” (MACAHADO, 2002 p.93);

- Perrenoud (1999) define competência como “*uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.*” (PERRENOUD, 1999 p.7);
- Ropé e Tanguy (1997) “*...competência é o conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que concerne seu ofício...*”; (ROPÉ, TANGUY, 1997 p.16)
- Jamati (1997) “*...designa, a multiplicidade das capacidades, dos conhecimentos colocados em prática...*” (JAMATI, 1997 p. 106)
- Ramos (2001) “*...as competências seriam as estruturas ou esquemas mentais responsáveis pela interação dinâmica entre os próprios saberes do indivíduo-construídos mediante as experiências e sabres já construídos pela humanidade, adquiridos por meio das transposições didáticas.*” (RAMOS, 2001 p.163)
- Inep (2001)⁴ “*... as competências são as modalidades estruturais da inteligência, as ações e operações utilizadas para estabelecer relações entre objetivos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer.*”

Vemos nas falas de alguns autores que muitas vezes este conceito mais do que receber vários significados, também recebe uma grande generalização do termo, tendo assim uma base insuficiente para orientar a prática nas escolas e para definir as competências e habilidades profissionais, já que os diferentes significados do conceito podem não ser notados na sua definição.

Concluindo também que a noção de competência é polissêmica, pois se origina de diversas propostas, estratégias e visões teóricas, que expressam interesses de diferentes sujeitos que buscam a hegemonia de seus projetos políticos.

“Diante de várias concepções de competências cabe enfatizar que as escolhas em educação não são neutras e que os conceitos expressam as características e os interesses dos grupos e das forças sociais que os elaboram. A noção de competência é, assim, uma construção social, e por isso alvo de disputas políticas em torno do seu significado social.” (DELUIZ, 2001 p.23)

Nos próximos tópicos procuraremos analisar as discussões que os grandes teóricos estão fazendo sobre a noção de competência na esfera do trabalho e da educação.

⁴ PORTARIA INEP Nº 00/2001. Anexo I. Matriz de Competências e Habilidades do ENEM/ 2001

3.3- O conceito de competência no mundo do trabalho

Como vimos anteriormente, o conceito de competência começa a ser usado para substituir o conceito de qualificação.

Na década de 90 com o crescimento da globalização e da crescente competitividade, o conceito de competência foi incorporado às estratégias de recursos humanos e como módulo para a gestão de pessoas. Dessa forma começa-se a valorizar altos níveis de escolaridade com a necessidade de formação contínua, flexibilidade na carreira, o compromisso dos trabalhadores com a empresa, agilidade e racionalização dos recursos.

Rico (2003) lista uma série de competências que o trabalhador deve possuir neste novo paradigma produtivo:

- Capacidade produtiva e desempenhos individuais;
- Um conjunto avaliável de conhecimentos, habilidades e comportamentos;
- Desempenho satisfatório em situações específicas;
- Saber resolver problemas de forma autônoma e flexível;
- Articular-se com os saberes para a realização das atividades.

Segundo o autor estas competências podem ser conseguidas tanto pela educação formal quanto pela educação profissional, fazendo com elas sejam obtidas de maneira muito pessoal, fazendo com que se dê mais atenção a pessoa do que ao posto de trabalho, contudo pode acabar sendo feito uma exacerbação da subjetividade, promovendo a competição e a não valorização da ação coletiva, pelo fato das competências serem construídas individualmente.

A partir disso começa-se a pensar em competência e habilidades adequadas a organização da empresa, sem que essa tenha responsabilidade nos processos de formação e construção de competências, deixando o trabalhador se responsabilizar por isso.

Não podemos deixar de discutir que esta responsabilização do trabalhador sob sua formação e sua “empregabilidade”, de certa forma o torna flexível, devido a sua rotatividade de empregos, pois muitos trabalhadores aceitam trabalhar nos mais diversos cargos e funções para garantir a sua sobrevivência. Já os trabalhadores sem empregos se culpam pela sua situação, geralmente achando que não possuem formação escolar e

competências suficientes para serem empregados. Tal processo pode aumentar ainda mais as desigualdades sociais, já que se baseia na meritocracia, fazendo com que o trabalhador assuma a culpa por não conseguir emprego, quando na verdade isso está acontecendo devido ao grande número excedente de trabalhadores no mercado de trabalho, as inúmeras exigências dos empregadores e pela falta de políticas que incentivem a criação de novos postos de trabalho.

Além de todos estes fatos, não podemos nos esquecer que o chamado trabalhador polivalente, é resultado de uma polivalência muito estreita, pois é origem de um reagrupamento das tarefas pela diminuição dos postos de trabalho, ou pelo corte de funcionários na empresa, intensificando na verdade, a exploração dos trabalhadores, que devem operar várias máquinas ao mesmo tempo, em um ritmo e velocidade determinados pela empresa, aumentando a jornada de trabalho.

“A lógica das competências na gestão do trabalho com a sua perspectiva individualizante e individualizadora das relações de trabalho, leva o trabalhador, a um só tempo, a retração de seus saberes aos restritos limites e necessidades da empregabilidade que todas as relações que se estabelecem no trabalho se dão entre ele e a empresa, sem a mediação sindical.” (DELUIZ, 2001, p.16)

É claro que adoção do modelo de competência também trouxe alguns benefícios ao trabalho, que assume um caráter mais intelectualizado, mobilizando competências, para poder reconhecer diferentes processos de trabalho, diferentes equipamentos e maneiras de resolver um problema, contudo não podemos generalizar essas características a toda a cadeia produtiva, já que este modelo é empregado apenas em empresas possuidoras de alta tecnologia, assim como já foi explicitado anteriormente.

Kuenzer (2002) defende a idéia de que as competências exigidas pelas empresas que passaram por uma reestruturação produtiva só *“podem ser desenvolvidas através de relações sistematizadas com o conhecimento em processos especificamente pedagógicos, disponibilizados por escolas ou por cursos de educação profissional.”* (KUENZER, 2002 p.3,4). A autora defende esta idéia justificando que as classes menos favorecidas têm dificuldades de acesso a produção cultural dominante, então a escola passa a ter um papel fundamental para a obtenção dos conhecimentos que permitem o desenvolvimento de competências que são exigidas pela empresa.

Na mesma perspectiva Lopes (s/d) acredita que a formação escolar desenvolve as competências necessárias ao trabalho, criticando esse modelo de ensino, que tem por base *“um ‘saber fazer’ associado ao mundo produtivo que regulamenta um conhecimento*

especializado, ele tende a desconsiderar os indivíduos que têm competências adquiridas nas redes sociais cotidianas.” (LOPES, s/d, s/p).

Contrário as duas autoras citadas, alguns autores discordam desta teoria. O discurso atual das empresas sobre o conceito de competência para ocupar determinado cargo, não está ligado totalmente à formação inicial, pois as competências adquiridas podem ter sido através de empregos anteriores, estágios, atividades lúdicas e em atividades familiares, o que faz a competência ser uma característica individual. (JAMATI, 1997)

Stroobants (1997) concorda com Jamati (1997) quando afirma que as competências do trabalho parecem não ser transmitidas e nem transmissíveis pela formação escolar, apesar de recorrerem a ela, a autora acredita que as competências evocadas pelo trabalho não têm relação com as que são preparadas antes da entrada no mercado de trabalho, pois o conhecimento nasce da situação profissional, já que o trabalhador inicia seu aprendizado no local de trabalho. Ela define o *savoir-faire* como noções adquiridas na prática e o *saber-ser* como uma série de qualidades pessoais, como autonomia, ordem, polidez, imaginação, iniciativa, adaptabilidade, etc. Qualidades que cada vez mais, são exigidas nos empregos. Para compreender como as competências se diferenciam, devemos analisá-las como “*produtos de processos e não como pontos de partida, encarando esses processos como seqüências de 'habilitações'.* Será competente aquele que está habilitado a tornar-se hábil em um domínio do conhecimento.” (STROOBANTS, 1997 p. 160).

A autora afirma que a origem das competências no trabalho pode se dar através de três discursos:

- “*Revelação empírica*”: as competências no trabalho teriam sido reveladas por conta das mudanças no mundo produtivo, das condições de trabalho serem melhores, sendo a antiga oficina “*revalorizada*” e as qualidades dos trabalhadores seriam assim também valorizadas;
- “*Refutação aplicável ao passado*” que contesta a tese de desqualificação, o operário não aparece mais como “*robô ignorante*”;
- “*Reviravolta metodológica*” considera as competências como uma construção social, atribuindo um papel fundamental aos atores sociais na organização social. (STROOBANTS, 1997 p. 137,138,139,140).

Carnoy e Levin (1987) acreditam que o tipo de competência para o trabalho, especialmente as serem trabalhadas em grupo (cooperação, rodízio de tarefas, adaptação

a novas situações) poderão ser mais facilmente conseguidas através do próprio local de trabalho, do que na escola.

Acredito que os autores Carnoy e Levin (1987) devem estar corretos em sua teoria, pois os trabalhos realizados em grupo na escola, não desenvolvem as competências específicas que a empresa deseja, um exemplo disso é o conceito de cooperação nas diferentes esferas (trabalho e escola) são desenvolvidos distintamente, já que a escola desenvolve a cooperação no sentido dos colegas colaborarem entre si na busca de um objetivo, sem que para isso haja competição entre eles, já na empresa o conceito de cooperação pode estar no sentido do trabalhador cooperar com a mesma, muitas vezes em um clima de competição com seus colegas de trabalho. Apesar disso o trabalho coletivo deve ser incentivado e valorizado nas empresas e escolas, pois é através dele que os seres humanos podem desenvolver habilidades sociais e éticas, convivendo com opiniões e valores diferentes, sempre respeitando o “diferente”.

Na mesma perspectiva Laudaes e Tomasi (2003) acreditam que a noção de competência não está associada a tarefas complexas que exijam grande atividade intelectual importante, pois estas tarefas cabem aos especialistas, o trabalhador competente é então, aquele que utiliza adequadamente as técnicas do trabalho, adaptando-as quando for necessário a novas situações. Com isto o trabalhador vai adquirindo conhecimentos sobre o seu trabalho, que não são transmitidos na escola.

Podemos concluir que a escola tem muito mais a função de formar competências de ordem comportamental, pois uma vez essas competências formadas, os estudantes poderão carregá-las para o trabalho, pois se eles se adaptarem sempre a viver novas situações, a serem criativos, autônomos, flexíveis, terem atitude e saberem resolver rapidamente os problemas, eles estarão aptos ao novo paradigma do trabalho.

Apesar de alguns autores afirmarem que as competências para o trabalho só serão adquiridas no mesmo, as empresas passam a pressionar o governo para que invistam mais em educação, pois sentem que existe uma grande diferença entre as necessidades da empresa e o que realmente os sistemas educacionais formam.

3.4- O conceito de competência na escola de Ensino Médio

No ano de 1990 o Brasil, incorpora a noção de competência a partir do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP) e do Programa Nacional de

Qualificação e de Certificação (PNQC), que cria um sistema nacional de avaliação da educação básica com base nas matrizes de competências. (MACHADO, 2002)

Dentro deste contexto o Estado brasileiro institui e formaliza juridicamente as competências nas reformas educacionais, fazendo mudanças nos programas escolares, nas formas de avaliação e nos conteúdos e métodos de ensino, possuindo assim um maior controle dos processos de ensino aprendizagem, como afirma Machado (2002). Para isso o Governo Federal contou com o apoio das grandes empresas transnacionais que estão se reestruturando, e também pelo “Sistema S” (SENAI, SENAC, SENAR, SENAT) que forma os trabalhadores tendo em vista os interesses das empresas. É importante lembrar que isto ocorre no Brasil em diferentes níveis, ficando mais restrito as grandes empresas que investem mais em tecnologia, necessitando então de uma mão de obra mais qualificada.

Pressupõe-se então que a noção de competência deve levar ao currículo escolar, os conteúdos reais do trabalho, aproximando ainda mais o mundo da escola e o mundo da produção. (RAMOS, 2001 p.156)

Perrenoud (1999) diferente dos autores já citados, não discute o modelo de competências a partir da lógica do trabalho, explica que o fato da escola ter se apropriado da noção de competência deve ser em virtude da apropriação que o mundo do trabalho também fez desse conceito, então a escola com o *“pretexto de modernizar-se e de inserir-se na corrente dos valores da economia de mercado, como a gestão dos recursos humanos, busca da qualidade total, valorização da excelência, exigência de uma maior mobilidade dos trabalhadores e da organização do trabalho.”*. Contudo ele acredita que a influência do mercado de trabalho por si só não explica o porquê dessa apropriação, pois o sistema de ensino está preso a uma tensão: transmitir a cultura e os conhecimentos por si ou ligá-los as práticas sociais.

“Seria muito restritivo fazer do interesse do mundo escolar pelas competências o simples sinal de sua dependência em relação a política econômica. Há antes uma junção entre um movimento a partir de dentro e um apelo de fora. Um e outro nutrem-se de uma forma de dúvida sobre a capacidade do sistema educacional para tornar as novas gerações aptas a enfrentarem o mundo de hoje e o de amanhã.” (PERRENOUD, 1999 p.12 ,14)

Dentro deste contexto foram ocorrendo as reformas educacionais, sendo a mais importante a promulgação da LDB com a Lei nº9394/96, que dentre outras mudanças, reformulou as diretrizes curriculares para que a prática pedagógica voltasse para a

construção de competências, para o exercício da cidadania, da inserção no mercado de trabalho e no prosseguimento dos estudos.

Como consequência desta mudança, as políticas curriculares para o Ensino Médio tiveram que mudar, pois hoje o estudante não é mais treinado para ocupar um posto de trabalho estruturado na fase taylorista, e sim em uma educação integral para que se possa formar:

“competências de poder planejar autonomamente e transferir conhecimentos adquiridos na educação geral para o mundo do trabalho, para a capacidade crítica de agir no mundo futuro numa maneira autoconsciente. Competência é, neste entendimento, o conjunto dos conhecimentos, atributos e capacidades de autogerenciamento num mundo sempre mais complexo.” (MARKERT, 2002 p.250)

Os eixos que orientam a elaboração de critérios para a seleção de conteúdos e das competências e habilidades que se pretende desenvolver no ensino médio, segundo Franco (2004) são:

- *Aprender a conhecer*, como garantia de continuar aprendendo sempre;
- *Aprender a fazer*: para desenvolver habilidades que estimulem o surgimento de novas aptidões, criando condições necessárias para enfrentar novas situações;
- *Aprender a viver* em conjunto, tendo em vista a realização de projetos comuns;
- *Aprender a ser*, constitui em ser autônomo e crítico para formular seus próprios juízos de valor, tendo condições de tomar decisões por conta própria.

Podemos entender o porquê é desejável que os alunos desenvolvam estes tipos de competências, pois com um mundo sem emprego, marcado pelas mudanças na organização produtiva, os estudantes devem estar aptos a sobreviver em um constante clima de mudanças. Segundo Markert (2002) *“espera-se que os estudantes e/ou aprendizes hoje mudarão de profissão várias vezes no futuro.” (MARKERT, 2002 p.226)*

Desta maneira, uma das principais mudanças na organização curricular, em relação as competências está nos princípios de interdisciplinaridade e contextualização. Lopes (s/d) focaliza no currículo para o Ensino Médio o conceito de competência a partir dos conceitos de contextualização e interdisciplinaridade⁵:

“Identifico que nas diretrizes e nos parâmetros curriculares para o ensino médio (PCNEM)⁶ convivem o conceito de interdisciplinaridade, que pressupõe a inter-

⁵ Estes conceitos serão melhores explicados no próximo capítulo.

⁶ Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

relação de campos disciplinares, e o conceito de competências, que pressupõe serem necessários diferentes temas e questões transdisciplinares para a formação das competências. A partir de tal convivência, é estabelecido o controle dos conteúdos de ensino, submetendo-os aos interesses do mercado de trabalho. O currículo por competências associado ao currículo disciplinar e ao discurso da interdisciplinaridade e da contextualização forma o discurso regulativo.” (LOPES, s/d, s/p).

Desta maneira ao invés de estabelecer conteúdos específicos, as escolas devem destacar a interação entre todas as áreas de conhecimentos, possibilitando ao aluno uma aprendizagem mais significativa, em que através do princípio de contextualização, os alunos possam associar o conhecimento aprendido na escola com seu cotidiano.

A partir destas considerações podemos concluir que a contextualização do conhecimento, pode mobilizar competências já adquiridas através da vida pessoal, social e cultural do aluno, unindo assim a teoria e a prática, já a interdisciplinaridade tem um caráter metodológico, que possibilita interagir as várias disciplinas, para que o aluno possa mobilizar diferentes conhecimentos para interferir no fato observado.

Devemos lembrar que o ensino baseado por competências através da interdisciplinaridade e contextualização, não rejeita os conteúdos e as disciplinas, pois deve ser orientador e atribuir sentido aos conhecimentos escolares, ou seja, o modelo de competências deve ser princípio organizador de formação, sendo assim as competências estão articuladas com os conhecimentos disciplinares, pelo fato das disciplinas organizarem tanto o mundo produtivo, quanto da pesquisa, portanto o ensino de competências nada tem a ver com a dissolução das disciplinas. As competências devem ser construídas e apoiadas em diversos conhecimentos disciplinares e interdisciplinares. (PERRENOUD, 1999)

As competências trazidas pela contextualização e interdisciplinaridade, são atualmente as que os empregadores das empresas de alta tecnologia estão exigindo dos trabalhadores, após a descentralização das empresas e da cooperação transversal com projetos entre trabalhadores de diferentes áreas, o trabalhador deve possuir uma visão total de modo de produção. As competências podem ser concebidas como “um conjunto de saberes e capacidades que os profissionais incorporam por meio da formação e da experiência, somados à capacidade de integrá-los, utilizá-los e transferi-los em diferentes situações profissionais.” (RAMOS, 2001 p. 79)

Lopes (s/d) acredita que o currículo a partir do modelo de competências, controla a atividade de professores e alunos, através do ENEM⁷, que estipula padrões de conduta a serem cumpridos com base no modelo de competências, de forma a garantir a eficiência educacional, a partir dos resultados de provas e exames. Além disso,

“o currículo por competências no contexto atual remete-se a essa estreita ocupação de postos específicos no mercado de trabalho, com base em qualificações profissionais específicas. Diferentemente, articula-se o desenvolvimento e o aprimoramento de competências e habilidades para o desempenho e a atuação profissional em um mundo onde o trabalho está em constante mudança e onde não há garantia de emprego (...) Trata-se de um processo que acaba por se constituir em uma tentativa de responsabilizar os indivíduos pelo possível fracasso de sua inserção nessa sociedade em constante mudança. Como as competências são definidas como necessárias a cada indivíduo, se elas não são assimiladas, o fracasso, o desemprego e a exclusão ficam relacionados com uma atitude do indivíduo: sua incapacidade de adquirir as competências exigidas pelo mercado.” (LOPES, s/d, s/p).

Alguns autores criticam a educação orientada pelas competências, pois para eles tem como objetivo dar capacidade adaptativa aos indivíduos, aos ditames da realidade social, acentuando a função reprodutivista da escola, pois direciona aquisição de competências que a realidade social exigiria dos indivíduos, *“como instrumento de adaptação contínua ao provisório.”* (RICO, 2003 p.47).

Kuenzer (2002) também faz uma crítica ao currículo por competências , afirmando que a pedagogia das competências dissolve o dialogo entre educação e ensino, *“ao pretender reduzir, na prática, o geral ao específico, o histórico ao lógico, o pensamento à ação, o sujeito ao objeto, o tempo de vida ao tempo escolar(...)”* (KUENZER, 2002 p.21) Além de transformar as relações sociais, em comportamentos individuais desvinculados de conteúdos, já que na visão da autora, a afetividade e a criatividade passam a ser racionalizadas neste modelo de ensino.

Contudo podemos acreditar na possibilidade do conceito de competência ser transformador da realidade social, desde que este seja entendido como um elemento para a formação integral do homem.

Acredita-se que para superar a noção de competência como princípio do relativismo e do pragmatismo científico pois isto reduz a atividade criadora do trabalho a um conjunto de tarefas, a escola enquanto viva e criadora deve fazer ao contrário disso, desenvolvendo as competências para um crescimento intelectual de seus alunos, ao invés de criar mecanismos de adaptação a realidade.(RAMOS, 2004)

⁷ Exame Nacional do Ensino Médio

Machado (1998) também defende que o conceito de competência deve ser (re) significado, numa perspectiva que *“rompa com os critérios que a estão orientando na atualidade: o fatalismo da disputa competitiva, a impossibilidade de evitar a insegurança e a incerteza(...)”* (MACHADO, 1998 p.93)

Silva Junior e Gonzalez (2001) fazem um discurso positivo do modelo de competências, no sentido da humanização do ser humano, como uma alternativa que questiona a origem dos problemas e coloca a história como central no entendimento da prática social.

Segundo Desaulniers (1997) o processo de construção da competência, envolve habilidades em todas as dimensões do indivíduo, sempre com ênfase na autonomia, na capacidade de crítica, envolvendo um espírito responsável, flexível e de iniciativa. Para isso a dinâmica institucional deve ser mudada, assim como a sociedade em que este indivíduo vive. Diferente de outros autores estudados no presente trabalho, a autora entende que estas mudanças para um ensino de competências *“tendem a produzir novas possibilidades à construção da cidadania.”* (DEUSAULNIERS, 1997 p.53). com esta afirmação percebemos que ela concorda com um ensino baseado na lógica das competências, pois isto auxiliaria o indivíduo no seu processo da construção de cidadania.

A autora acredita que com o processo de globalização da economia, o trabalhador pode desenvolver suas capacidades como um ser integral, avançando então para uma nova ordem social, apesar deste desenvolvimento integral, não se dar em todos os processos de trabalho. A educação então, deve construir novas estratégias que desenvolvam as competências exigidas ao trabalhador. Ela menciona alguns procedimentos de cunho pedagógico que seriam necessários para a construção dessas competências:

“definir o mais precisamente possível, o perfil de profissional a ser formado (...) instaurar estratégias de aprendizagem que se vinculam ao conjunto de conhecimentos já acumulados pelo formando, a partir de situações- problemas (...) articular teoria e prática (...) propor uma dinâmica que envolva as qualidades humanas, a formação técnico- científica (...) priorizar as propostas educativas de cunho interdisciplinar (...) insistir em relações baseadas na interação e flexibilidade entre os vários agentes que atuam na construção desse processo.” (DEUSAULNIERS, 1997 p.59,60).

Para a autora, construir competências deve partir de despertar o desejo contínuo dos alunos, para que eles se interessem sempre em continuar aprendendo, para isto os

educadores devem planejar situações desafiadoras que os estimulem a descobrir e pesquisar diante do novo, construindo competências para o mundo do trabalho e para a cidadania.

Maia e Carneiro (2000) a partir de uma reflexão de encontro com diretores, professores e educadores em geral, entendem que para trabalhar com as competências e as habilidades, é preciso selecionar os conhecimentos que melhor respondem as necessidades dos alunos e da sociedade como um todo, já que esse tipo de ensino promove a liberdade docente, idéia contrária a Lopez (s/d). Para os autores, os professores devem então diagnosticar o que os alunos sabem e o que se precisam saber, para selecionar as competências.

Perrenoud (2000) também defende um ensino baseado no modelo de competências, e apresenta uma lista com dez competências que devem ser priorizadas na formação contínua dos professores. As competências são:

- ***“Organizar e dirigir situações de aprendizagem”*** implica trabalhar a partir das representações dos alunos, conhecer os conteúdos a serem ensinados, envolver os alunos em atividades de pesquisa e projetos de conhecimento;
- ***“Administrar a progressão das aprendizagens”***, observando e avaliando os alunos em situações de aprendizagem, adquirindo uma visão longitudinal dos objetivos do ensino;
- ***“Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação”***, ou seja, administrar a heterogeneidade dos alunos, fornecendo apoio integrado e trabalhando com os alunos com grandes dificuldades, e desenvolver a cooperação do ensino mutuo entre os alunos;
- ***“Envolver os alunos em uma aprendizagem e em seu trabalho”***, suscitando no aluno o desejo de aprender e de desenvolver a capacidade de auto-avaliação, oferecendo atividades opcionais de formação e favorecendo a definição de um projeto pessoal do aluno;
- ***“Trabalhar em equipe”*** elaborando projetos em equipe que representem interesses comuns, administrando crises ou conflitos interpessoais e dirigindo um grupo de trabalho;
- ***“Participar da administração da escola”*** elaborando projetos para instituição, administrando recursos da escola, organizando e fazendo evoluir a participação dos alunos no âmbito da escola;

- ***“Informar e envolver os pais”*** fazendo entrevistas e dirigindo reuniões de informação e debate;
 - ***“Utilizar novas tecnologias”*** como editores de textos e ferramentas de multimídia no ensino;
 - ***“Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão”*** prevenindo a violência na escola e fora dela, lutando contra qualquer preconceito e discriminação, analisando a relação pedagógica, a autoridade e a comunicação em aula;
 - ***“Administrar sua própria formação contínua”*** sabendo explicitar suas próprias práticas, estabelecendo seu próprio balanço de competências e de seu programa de formação contínua e acolhendo a formação dos colegas e participando delas.
- (PERRENOUD, 2000 p. 20,21)

O modelo de competências descrito no Parecer nº15/98 responsabiliza o nível médio em fazer com que os alunos adquiram competências e habilidades (principalmente de ordem cognitivas e sociais) que dêem uma formação geral para o trabalho e que possuam a capacidade de continuar aprendendo, para que possam servir de objeto para o aproveitamento de estudos em habilitações profissionais específicas, fazendo com que a escola ficasse com a *“missão quase impossível de identificar conhecimentos, competências e habilidades de formação geral e de preparação para o trabalho.”* (BUENO, 2000 p.16).

Na medida em que a escola foi incumbida de formar competências em seus alunos, houve a necessidade de uma reforma na avaliação e no currículo da escola. As avaliações deverão ser baseadas em critérios que indiquem o desempenho do estudante para que não se caia nos testes normativos que ordenam os estudantes bons e ruins. O currículo deve ser baseado na capacidade dos estudantes atingirem competências mínimas, desde que a escola forneça um ensino apropriado e o tempo adequado para que cada um atinja os padrões estabelecidos, assunto que agora veremos no próximo capítulo.

4- A Reforma Curricular do Ensino Médio

Como já foi discutido anteriormente *um dos* principais motivos da Reforma do Ensino Médio são as novas necessidades colocadas no âmbito da produção, exigindo um novo currículo que se adapte as estas novas exigências do capital. A nova organização curricular tem uma perspectiva diferente das anteriores, que priorizavam a memorização de conhecimentos, hoje com superação constante da tecnologia, o que se deseja é que os estudantes possam desenvolver sua autonomia intelectual, um pensamento crítico para ter a capacidade de continuar aprendendo.

O Parecer nº 15/98 da Câmara de Educação Básica do conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, determinando as bases filosóficas, pedagógicas e metodológicas para o currículo que todos os Estados devem desenvolver. Essas diretrizes explicitam de maneira mais detalhada o que a LDB 9394/96 no artigo 36 estabelece:

“I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

§ 1º. Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.” (BRASIL, 1996)

O Parecer nº15/98 também responsabiliza o nível médio em fazer com que os alunos adquiram competências e habilidades (principalmente de ordem cognitivas e sociais) que dêem uma formação geral para o trabalho e que possuam a capacidade de continuar aprendendo, para que possam servir de objeto para o aproveitamento de estudos em habilitações profissionais específicas, fazendo com que a escola ficasse com a *“missão quase impossível de identificar conhecimentos, competências e habilidades de formação geral e de preparação para o trabalho.”* (BUENO, 2000 p.16).

Silva Júnior (2002) afirma que a atual LDB faz um discurso de forma mais persuasiva que a lei nº 5.692/71 que reduzia a formação geral à específica, mas ele

acredita que a economia capitalista e o trabalho abstrato são trazidos para dentro da escola, na condição de elementos centrais. O autor faz uma citação das Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio que valida sua afirmação:

“O trabalho é o contexto mais importante da experiência curricular no ensino médio, de acordo com as diretrizes traçadas pela LDB em seus artigos 35 e 36. O significado desse destaque deve ser devidamente considerado: na medida em que o ensino médio é parte integrante da educação básica e que o trabalho é princípio organizador do currículo, muda inteiramente a noção tradicional de educação geral acadêmica ou, melhor dito, academicista. O trabalho já não é mais limitado ao ensino profissionalizante. (Brasil, 1998, p. 58)” (SILVA JÚNIOR, 2002)

Contrário aos autores citados, Barreto (2002), acredita que o eixo da discussão do ensino médio está deixando de girar em torno da relação educação e trabalho, buscando *“novos enfoques, capazes de trafegar mais amplamente no plano da cultura, da ética, da sensibilidade, buscando captar subjetividade de seus atores e encontrar formas políticas novas de assegurar a solidariedade social.”* (BARRETO, 2002 p. 360)

Contudo, Martins (2000), defende que a reforma no Ensino Médio surge a partir da ruptura tecnológica característica da chamada terceira revolução técnico- industrial, bem como as dinâmicas sociais e culturais deste processo, para comprovar cita um trecho em que o BIRD destaca que:

“A educação geral dota a criança de habilidades que podem ser mais tarde transferidas de um trabalho para outro, e dos instrumentos intelectuais básicos, necessários para a continuação do aprendizado. A educação aumenta a capacidade de desempenhar tarefas normais, de processar e utilizar informações e adaptar-se a novas tecnologias e práticas de produção. (Apud BIRD, 1995, p. 42)” (MARTINS, 2000 p.73).

Complementando a UNESCO (1994) defende que o aluno de ensino médio, deve ser apto a exercer funções do futuro, que estejam aptos a trabalhar em equipe, que tenham capacidade de abstração, desenvolvimento do pensamento complexo e inter-relacionado, habilidade de experimentação e capacidade de colaboração. Requisitos estes que o mundo do trabalho almeja cada vez mais.

4.1 Aspectos estruturais da Reforma Curricular

As diretrizes gerais para o ensino médio estão orientadas a partir do Relatório da Reunião Educação para o Século XXI que a Unesco promoveu em Paris no ano de 1994, com o objetivo de melhorar o processo de ensino/aprendizagem dos alunos que

devem a partir de agora “*aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser.*” (MARTINS, 2000 p.80) e (RAMOS, 2003 p.21) Sendo desejável que o aluno desenvolva “*competências críticas e criativas para utiliza-las adequadamente em diferentes níveis de análise e avaliação sobre as graves consequências sociais marcadas pelas mudanças na organização da vida produtiva (...)*” (MARTINS, 2000 p. 83) Competências essas valorizadas pelo modelo de reestruturação produtiva.

As Diretrizes institui que o novo currículo (agora mais flexibilizado) deve envolver a base comum nacional e a parte diversificada, dentro dos princípios pedagógicos de identidade, diversidade e autonomia, interdisciplinaridade e contextualização.

O ideário de diversificação e flexibilização curricular, pretende que a escola possa compreender 25% da sua carga horária para atender de acordo com as características econômicas, regionais, locais e culturais dos alunos e da comunidade. Com isso possibilita que as escolas e os alunos possuam uma maior autonomia para se adequarem na organização curricular, favorecendo também o processo de contextualização. A atual LDB também prevê um mínimo de oitocentas horas distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar. A avaliação poderá ser realizada por promoção, transferência ou uma avaliação contínua do aluno, aceleração de estudos, recuperação ou aproveitamento de estudos concluídos .

A base nacional comum do currículo deve preparar o aluno para o prosseguimento dos estudos e construir competências e habilidades básicas a todos os concluintes, para que se possa garantir uma democratização do ensino. Segundo artigo 26 da LDB, fica obrigatório a base nacional comum o ensino de: matemática, língua portuguesa, o conhecimento do mundo físico e natural, a realidade social e política do Brasil, o ensino de arte, a educação física, o ensino da história do Brasil e a partir da 5ª série do Ensino Fundamental o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna.

A nova configuração curricular é algo extremamente inovador e relevante, pois com esta nova configuração que pressupõe interdisciplinaridade e a contextualização, desenvolve nos estudantes a capacidade de ser “*indivíduos consciente, conhecedores dos problemas de seu tempo, historicamente situados e enriquecidos pessoal e profissionalmente, via possibilidade de enfrenta os desafios atuais e presentes.*” (FRANCO, 2004 p.45). Contudo a autora faz algumas críticas pois, esta proposta curricular não levou em conta a situação efetiva para sua realização. Ela afirma que os professores de Ensino Médio não tiveram formação adequada, já que na universidade os cursos são oferecidos em

determinadas especializações, e não em torno de diferentes áreas do conhecimento, sem contar as dificuldades que a escola passa para preencher seu quadro de professores, e a falta de profissionais que existem em determinadas disciplinas, podem ser resolvida com a determinação de áreas do conhecimento, por exemplo, um professor de matemática, pode ser contratado para dar aulas de física sem tem a formação específica para isto. Outros aspectos são as condições de funcionamento das escolas, que ocupam prédios inadequados e mal equipados, muitas vezes não possuindo suporte financeiro, material e técnico.

Contrário a crítica feita por Franco (2004), Mello (1998) em uma palestra dada ao Centro de Integração Empresa- Escola (CIEE), acredita que para haver esta integração entre interdisciplinaridade e contextualização ao currículo, as escolas devem fazer *“um exercício da solidariedade didática entre as disciplinas. Dizemos solidariedade didática porque solidariedade implica boa vontade. E talvez o primeiro passo para a interdisciplinaridade seja a boa- vontade, a idéia de desarmar resistências em relação aos feudos disciplinares.”* Completa dizendo que a interdisciplinaridade deve fazer a conexão entre as disciplinas, pois quanto mais a pessoa se aprofunda em sua disciplina, mais ela observa as conexões feitas com outras, *“e aí a interdisciplinaridade pode dar-se em níveis muito mais sofisticados. Isso vai depender, obviamente, de cada escola.”* (MELLO, 1998 p. 27).

Acredito que a crítica de Franco (2004) é mais pertinente que a de Mello (1998), pois não se basta ter boa vontade para fazer as mudanças estruturais do currículo, mas sim ter um corpo docente com alta qualidade de formação e remuneração, e uma escola equipada para isso, como diz o velho ditado popular *“de boas intenções o inferno está cheio”*, ou seja, boa vontade não é o suficiente para a implantação de uma reforma curricular.

Deve-se considerar que as reformas são feitas em órgãos centrais de administração, mas quando chegam na escola encontram:

“estruturas culturais e políticas historicamente estabelecidas, criando uma trama institucional que interpela, filtra, transforma, ignora, escamoteia ou absorve muitas vezes fragmentariamente, as mudanças pretendidas. Nessa trama institucional, o professor é o laço estratégico, pois dele se exige o abandono de práticas e de saberes profissionais historicamente acumulados; ou seja, espera-se uma ‘conversão’ em diversos níveis: cognitivos, psicológico, social e políticos.” (ZIBAS, 2002 p.72)

O objetivo deste novo currículo é que a base comum e a parte diversificada assegure a interdisciplinaridade e a contextualização, superando a organização do currículo através de disciplinas estanques e dando um formato global com várias dimensões articuladas. Para que isso acontecesse foi criado os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que tem como referência atender os objetivos da LDB 9.394/96. O PCNEM apresenta os conhecimentos agrupados em 3 grandes áreas (linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências da natureza, matemática e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias), o ensino por área tem o propósito de contribuir para a formação geral do aluno, possibilitando à ele aprender a fazer escolhas, refletindo sobre seu contexto junto aos estudos, fazendo relação com os conhecimentos aprendidos em outras áreas e os conhecimentos anteriormente obtidos. Ao invés de disciplinas isoladas, estas áreas do conhecimento são responsáveis por 75% da carga horária mínima que as escolas devem cumprir.

A criação destas áreas de conhecimento criam condições para que a prática escolar se desenvolva e implante a nova estrutura organizacional curricular do Ensino Médio com base na interdisciplinaridade e a contextualização. A interdisciplinaridade pode ser definida como *“uma abordagem relacional, em que se propõe, por meio da prática escolar que, sejam estabelecidas interconexões e passagens entre os conhecimentos através de relações de complementaridade, convergência ou divergência.”* (FRANCO, 2004 p.39). Para a autora a contextualização do conhecimento é o recurso para retirar o aluno da condição de espectador passivo para uma aprendizagem significativa, associando a experiência da vida cotidiana, assumindo que *“a contextualização evoca por isso áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, e mobiliza competências cognitivas já adquiridas.”* (Idem p.42)

Ramos (2003) faz uma análise dos princípios de interdisciplinaridade e contextualização, chamando a atenção para se ter muito cuidado ao considerar o conhecimento e o contexto do aluno, para não fazer uma simples equivalência do conhecimento cotidiano e do conhecimento científico, sistematizando esse conhecimentos com base no senso comum e não sob o caráter científico.

Segundo a resolução nº 3/98 da LDB, a escola não é obrigada a seguir o PCN, mas sim a desenvolver as competências e habilidades que estas áreas definem, pois essas serão avaliadas nacionalmente, através do Exame Nacional do Ensino Médio por exemplo.

4.2 O Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM)

O ENEM é realizado anualmente, como o objetivo fundamental de avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, “para aferir o desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania.” pretende também alcançar os seguintes objetivos específicos:

- “oferecer uma referência para que cada cidadão possa proceder a sua auto-avaliação com vistas às suas escolhas futuras, tanto em relação ao mercado de trabalho quanto em relação à continuidade de estudos;
- estruturar uma avaliação da educação básica que sirva como modalidade alternativa ou complementar aos processos de seleção nos diferentes setores do mundo do trabalho;
- estruturar uma avaliação da educação básica que sirva como modalidade alternativa ou complementar aos exames de acesso aos cursos profissionalizantes pós-médios e ao ensino superior.(...)”⁸

O exame tem caráter voluntário e dele pode participar os concluintes do Ensino Médio no ano da realização do exame, e também dos que já concluíram em anos anteriores, podendo o participante fazer a prova quantas vezes for de seu interesse.

O ENEM é constituído de uma prova com questões de múltipla escolha e de uma proposta de redação. As questões objetivas e a redação destinam-se a avaliar as competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos, ao longo da escolaridade básica, a partir de uma Matriz de Competências⁹ desenvolvidas por um grupo de profissionais da educação, especialistas em psicologia do desenvolvimento, pesquisadores e professores das diferentes áreas de conhecimento e especialistas em psicometria, a partir de um projeto elaborado e coordenado pelo INEP.

O ENEM coloca que a avaliação do desempenho do aluno deve contribuir para a política educacional, constituindo-se num componente de avaliação dos sistemas de ensino, para que se possa definir ou redirecionar os rumos da política educacional.

Perrenoud (1999) critica este método padronizado de avaliar as competências dos alunos, pois desta forma se avalia comparando um aluno com outro, enquanto que a avaliação de competências não pressupõe essa competição. Para o autor, as competências devem ser avaliadas em uma situação que o professor possa fazer uma comparação entre a tarefa a realizar, e o que o aluno fez ou faria se fosse mais competente, o que torna uma avaliação sem vencedores ou perdedores.

⁸ Informações retiradas de: <http://www.inep.gov.br/basica/enem/publicacoes/>

⁹ Para maiores informações sobre a Matriz de Competências acessar o site citado acima.

Podemos concluir que o ENEM pretende avaliar as competências que os alunos construíram ao longo de sua escolaridade, é também um exame que tem clara definição quanto as competências que se quer formar, visando tanto a formação para a cidadania como para o trabalho.

Dentro desta discussão, nos cabe perguntar e investigar: **Como a escola de Ensino Médio vem trabalhando com o modelo de competências incorporado a partir da Reforma Curricular?**

5- A Pesquisa em uma Escola Pública de Ensino Médio

5.1 A Escolha da Escola

A pesquisa foi realizada em Jundiaí (63 Km. da cidade de São Paulo)¹⁰. O município possui 341.420 habitantes, sendo 320.077¹¹ da população urbana.

Segundo o INEP, Jundiaí possui 25 escolas de ensino médio, sendo que 23 escolas dividem seu prédio com o ciclo II do ensino fundamental, as outras duas escolas além do ensino médio oferece também diversos cursos técnicos. Veja o número de matrículas do ensino médio na cidade¹²:

Unidades da Federação	Municípios	Dependência Administrativa	Ensino Médio (Regular)	Educação Profissional - Nível técnico
Brasil	Total		9.169.357	676.093
São Paulo	Total		2.045.851	258.721
São Paulo	JUNDIAI		19.458	4.391
São Paulo	JUNDIAI	Estadual	15.933	1.399
São Paulo	JUNDIAI	Municipal	0	0
São Paulo	JUNDIAI	Privada	3.525	2.992

Escolhemos uma escola da região central de Jundiaí, por ser uma das mais antigas e uma das maiores escolas, que recebe alunos de diferentes regiões da cidade, possuindo então uma clientela heterogênea.

5.2 Características da Escola

A escola que foi escolhida possui 6,54% de todos os alunos matriculados na rede estadual no município. São no total 1042 alunos matriculados, distribuídos entre 27 turmas de 1º, 2º e 3º anos, no período diurno e noturno. A tabela a seguir mostra os indicadores educacionais da escola¹³:

¹⁰ Fonte: <http://www.seade.sp.gov.br>

¹¹ Fonte: <http://www.seade.sp.gov.br>

¹² Tabela retirada: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/resultados.htm>

¹³ Informações obtidas: <http://www.inep.gov.br>

Indicadores do Ensino Médio	Números
Alunos por turma (Média)	38,6%
Horas- aula diárias (Média)	4,5%
Docentes com curso superior	100%
Taxa de aprovação	79,50%
Taxa de reprovação	7,2%
Taxa de abandono	13%
Taxa de distorção Idade- Série	28,5%
Taxa de distorção Idade-Conclusão	44,6%

A escola possui três prédios, todos possuem salas de aula (no total são 18 salas), no primeiro localiza-se a sala dos professores, a sala da direção e coordenação, no segundo prédio está localizada a secretaria e a sala de vídeo. A escola possui um amplo pátio coberto, uma cantina, uma quadra de esportes e um estacionamento para os professores. Através de conversas com os alunos tive o conhecimento da existência de um laboratório de informática, de um laboratório de ciências e uma biblioteca que não são utilizados. Investigando o motivo dessa falta de uso, fui informada por alunos e a secretária que estes espaços não possuem materiais adequados para o funcionamento, uma aluna do 3º ano disse ter entrado no laboratório de ciências apenas uma vez, para pegar a bola de futebol para o professor de educação física, ela disse que o laboratório parecia mais um depósito, tendo vários objetos guardados dentro dele. Não tive acesso a estes espaços, pois segundo a secretaria não tinha nada lá que eu pudesse estar vendo.

A escola abre os portões 10 minutos antes da entrada dos alunos, durante o intervalo era posto um aparelho de som com grandes caixas de som, com diversos tipos de músicas. Nos murais e nas paredes das salas de aulas, haviam muitos cartazes e faixas com frases sobre o respeito. A conservação do mobiliário das classes e sala dos professores estavam em situação regular, a maioria das carteiras, cadeiras e salas de aula estavam “pichadas”. Existem três banheiros para os estudantes, dois deles estavam quebrados, nos momentos de maior uso (intervalo) formavam grandes filas para os alunos usarem o banheiro.

Percebi que durante as aulas vários alunos transitavam pela escola, mas nem as inspetoras, nem o coordenador diziam para esses alunos entrarem para assistir as aulas, inclusive em uma das vezes que estive andando com o coordenador pela escola, ele encontrou com um aluno pelo corredor e pediu para que voltasse para aula, o aluno disse que mais tarde voltaria, pois tinha que resolver um problema com um colega de outra sala, o coordenador não o questionou e o deixou seguir para onde estava indo.

Conversando com alguns alunos no horário da entrada, fui informada que no início do ano o coordenador começou a aplicar muitas advertências e suspensões para os alunos que estavam fora da sala de aula, mas segundo os alunos, isso não adiantou em nada, pois todos os que queriam sair da sala, continuaram saindo. Quando questionados pelo motivo que saíam das salas, disseram que saíam quando não estava “*afim das aulas*” ou por conta de “*aulas e professores chatos*”.

A minha comunicação com a coordenação da escola foi bastante difícil, pois o coordenador ora não estava presente, ora em alguma reunião, a diretora em quanto eu estive fazendo as entrevistas e as observações nunca a encontrei, já a vice-diretora esteve presente todos os dias em que fui para a escola.

Entrevistando uma aluna do 3º ano, pude constatar que também sente dificuldades em se comunicar com a coordenação/direção da escola, afirmando que era um problema para a escola:

“eu acho que a direção é bagunçada, eu acho que a gente não tem uma boa direção na escola (...) o coordenador, você tem alguma coisa pra falar com ele, ele nunca tá lá, com a diretora, você não tem a diretora na escola, ela escolhe os dias que ela resolve trabalhar e o período, é raro você pegar ela na escola, então eu acho que isso é que não tá legal, o próprio coordenador, é muito enrolado pra falar com ele.”

5.3 Os Entrevistados

Foram entrevistados o coordenador pedagógico da escola, três alunos sendo dois do 1º ano e uma do 3º ano, três professores (português, biologia e geografia) um de cada área¹⁴: Linguagem e Códigos: português, inglês, artes e educação física; Ciências da Natureza e Matemática: matemática, física, química e biologia; Ciências Humanas: história, geografia, filosofia e sociologia.

O coordenador da escola, é formado em Matemática Licenciatura, está na escola há cinco anos, sendo quatro anos como professor e um ano como coordenador do Ensino Médio diurno e de 5ª a 8ª séries no período vespertino, ajuda também no Ensino Médio noturno, pois para este período a escola está sem coordenador. Segundo a professora de geografia a escolha do coordenador é feita através de uma prova escrita, depois ele faz um plano de trabalho e apresenta na escola juntamente com outros

¹⁴ A definição das áreas de conhecimento foi retirado das Diretrizes Nacionais para a Organização Curricular do Ensino Médio.

candidatos, os professores votam no plano que acharam melhor, contudo sempre acontece do candidato que já é professor da escola ganhar.

A professora de português é formada em Letras Licenciatura, está a três anos na escola, leciona no Ensino Médio (diurno) no Ensino Fundamental II (vespertino) e no Supletivo (noturno) e a onze anos dá aulas.

A professora de geografia é formada em Ciências Sociais, com pós graduação na área de geografia, está a quase dois anos na escola e faz quinze anos que está na rede pública, ministra aulas no Ensino Médio (diurno), no Ensino Fundamental II (vespertino) e também em uma escola particular.

A professora de biologia é formada em Biologia Licenciatura e leciona aulas nos três períodos na escola pesquisada. Faz 28 anos que é professora da rede estadual.

Os alunos entrevistados do 1ºA e 1ºH tem 16 e 14 anos respectivamente, o aluno 1ºA foi reprovado no ano anterior quando estudava em outra escola de Jundiá, está fazendo pela segunda vez o 1º ano, já trabalha em um escritório no período vespertino, no setor de vendas e contabilidade. O aluno do 1º H apenas estuda e faz um curso de espanhol. A aluna do 3º A além do ensino médio faz também um curso pré vestibular em uma escola particular de Jundiá no período noturno.

5.4 Observando as Aulas

Assisti a aulas de geografia, biologia e português, no 1º, 2º e 3º anos, pois estas foram as professoras que eu fiz a entrevista.

Assisti quatro aulas de geografia em duas classes de 1º ano, pois esta professora leciona aulas apenas em 4 salas das 9 salas do 1º ano. Ela estava começando a falar sobre quilombos, ela começou a aula dizendo que eles já deveriam saber o que era, pois deveriam ter aprendido em história, depois levou a classe para a sala de vídeo e passou um pequeno documentário sobre uma terra remanescente de quilombo. No início do documentário os alunos estavam prestando atenção, mas 10 minutos depois, a maioria já estava conversando.

Antes do fim do documentário a classe toda já conversava, a professora me disse que iria tirar o vídeo, já que ninguém mais estava se interessando. A professora tirou o vídeo e começou a conversar com os alunos sobre o que viram, pediu que eles falassem o que entenderam, o que pensavam sobre o assunto. Discutiram bastante, a maioria achou que o povo que foi mostrado, era feliz de viver naquele lugar, pois sempre

estavam fazendo festas para comemorar alguma coisa, acharam bastante interessante o modo de vida daquele povo, contudo ninguém comentou o fato deste povo estar sendo ameaçado de viver ali, pois estavam querendo desapropriar as terras em que eles estavam vivendo, a professora também não chamou a atenção para este fato. Durante a conversa foi mencionado uma explicação da professora de história sobre os quilombos, a professora ouviu com atenção o que a aluna falou e completou a explicação. Nesta aula os alunos participaram bastante, apenas no final que os alunos se irritaram, devido a professora ter dado dever de casa, pedindo que eles escrevessem um texto sobre suas impressões do documentário.

Na outra classe de 1º ano, a professora deu a mesma aula, começou dizendo que eles já deveriam saber o que era um quilombo e passou o vídeo para eles, esta turma não deu muita importância para o documentário, nem mesmo no início, riram o tempo todo, como na outra classe, a professora desligou o vídeo antes do final. Começou a conversar com eles pedindo que dissessem o que acharam, eles falaram que acharam aquilo tudo muito “cafona”, reclamaram por ter que assistir um “filme” que só passava gente desdentada que cantava o dia inteiro, a professora ficou visivelmente decepcionada com a fala dos alunos, ela explicou á eles que era uma comunidade carente, sem condições, por isso não tinham como tratar os dentes, que as festas que faziam e as cantigas que cantavam, eram religiosas, que existia um sentido para aqueles rituais. A professora também não chamou atenção da classe para a questão política que aquele povo estava vivendo, e como a outra turma pediu para dever de casa um texto sobre o que acharam do documentário, a reação dos alunos foi a mesma, de irritação.

Assisti também a quatro aulas de biologia, duas em uma classe de 2º ano e duas em uma classe de 1º ano. No 2º ano a professora estava falando sobre a reprodução das plantas, ela levou para a classe alguns hibiscos, para mostrar onde estavam os órgãos de reprodução da planta, fez um desenho da planta na lousa, explicou como acontecia o processo e depois passou de aluno por aluno mostrando os órgãos da flor, a professora fez muitas perguntas aos alunos, mas como nenhum deles respondia, então ela mesma respondia as perguntas que fazia, pelo que pude entender as perguntas eram referentes a aula anterior, pois ela sempre dizia “*na aula passada vocês aprenderam isso...*”, mas nenhum aluno tomava conhecimento do que a professora dizia. Alguns alunos estavam conversando, outros desenhando no caderno, dois brincando de jogo da velha no caderno, algumas meninas, olhando catálogos de produtos de beleza, duas garotas no fundo da classe estavam fazendo as unhas, até que a professora chamou a atenção e

pediu para elas guardarem, ficaram um pouco bravas, pois iriam borrar as unhas. A professora explicava a matéria de maneira bem clara, a todo o momento tentava fazer com que os alunos participassem através de perguntas relacionadas ao que estava explicando. Depois de ter passado toda a matéria ela pediu a eles que respondessem o questionário da apostila, os alunos que não tivessem apostila, poderiam sentar com aqueles que tinham, se eles já estavam desinteressados durante a explicação, ficaram ainda mais para responder o questionário da apostila, a maioria pelo que vi, não fez.

Enquanto eles “estavam fazendo” o questionário a professora ficou sentada na mesa fazendo outras coisas, e chamando atenção da classe quando o barulho aumentava bastante. No fim da aula, ela começou a conversar comigo e disse que todos os dias eram assim, eles não tinham a mínima vontade de estar aprendendo, disse que tinha tentado fazer nesta classe um projeto sobre a água, mas praticamente eles se recusaram a fazer, pois acharam que dava muito trabalho e que não gostavam de fazer relatório de experiências, então ela não os obrigou, pois acreditava que poderia ser pior do que as aulas tradicionais *“com professor na lousa e aluno na carteira”*

Na aula do 1º ano, o assunto era reprodução, ela iniciou a aula com perguntas aos alunos, perguntando o que sabiam sobre o assunto, perguntando o nome de alguns órgãos e hormônios, poucos responderam, a maioria não estava prestando atenção, a sala de aula tinha 12 alunos de 42. Intrigada pelo fato de ter um número tão baixo de alunos na classe, perguntei a professora o motivo do número baixo de alunos na sala, ela disse que isso sempre ocorria nas últimas aulas, os alunos iam embora ou ficavam andando pela escola, por que todos os dias sempre há falta de um professor, então acaba acontecendo uma sala sair mais cedo, os outros alunos que querem ir embora, se “infiltram” no meio da turma que foi dispensada e acaba saindo junto.

A professora levou objetos (órgãos reprodutores) para a explicação, fez alguns desenhos sobre algumas explicações, fez muitas perguntas a classe sobre o que conheciam a respeito, o que pensavam. A classe estava totalmente desinteressada, a professora tinha que repetir as perguntas várias vezes, por que ninguém estava prestando a atenção, os alunos estavam sentados em grupos e duplas quando ela entrou, e ela não pediu para que eles mudassem de lugar, apenas pediu para que não ficassem conversando, notei que ela não foi uma professora autoritária, explicou de forma muito clara, contudo os alunos não estavam prestando atenção no que ela falava, a aula ao meu ver foi muito interessante, pois além da professora ter trazido vários objetos para a explicação, o tema da aula também faz parte do cotidiano dos alunos.

As aulas de português que assisti, foram duas no 2º ano e duas no 3º ano. No 2º ano a professora levou várias notícias de jornal, falando sobre o mesmo assunto (a corrupção no futebol), pediu aos alunos que se dividissem em grupos, deu uma notícia a cada grupo e pediu que lessem e discutissem, depois eles trocaram as notícias entre os grupos. Quando todos na classe leram todas as notícias a professora pediu que eles falassem as diferenças que viram sobre como os jornalistas abordaram o mesmo assunto. A maioria da classe não viu diferença nenhuma, apenas um grupo apontou uma diferença, dizendo que um jornal falava mais sobre a corrupção dos árbitros, enquanto o outro jornal comparava o escândalo dos árbitros com a corrupção do governo. Além deste exemplo dado pelo grupo, a professora falou outras diferenças das notícias e disse a importância deles estarem procurando informações em diversos lugares para analisar vários pontos de vista até formarem sua opinião. Acredito que foi uma aula em que os alunos participaram bastante, todos os grupos leram as notícias e a discutiram, percebi que quando questionados sobre a diferença entre as notícias, os alunos tinham pouca argumentação e coerência quando falavam sobre alguma diferença. Acredito que de todas as aulas que assisti esta foi a que os alunos mais participaram e mostraram-se interessados.

A aula no 3º ano foi diferente da do 2º ano, a professora passou na lousa várias questões que estavam no ENEM este ano, ela discutiu com a classe sobre as questões, falando sobre as alternativas incorretas e corretas, pedindo a opinião deles para saber o porquê a questão estava certa ou errada. Foi uma aula que os alunos participaram bem pouco, sempre os mesmos alunos é que respondiam as perguntas da professora, o restante da classe ficou conversando e falando sobre outros assuntos que não estavam vinculados com a aula. A professora perguntou quantos alunos fizeram o ENEM este ano e apenas 16 levantaram a mão o restante da classe (20) não fizeram, alguns disseram que não iam prestar vestibular por isso não quiseram fazer, outros disseram que não fizeram porque não tinham vontade e outros não disseram o porquê não fizeram. Os que fizeram disseram que prestariam vestibular no final do ano e um aluno gostaria de saber como se sairia na prova.

Percebemos que a maioria dos estudantes vincula o ENEM ao vestibular, pelo fato deste exame contar pontos nos vestibulares de algumas faculdades, apenas um aluno disse ter prestado a prova para verificar seu desempenho, já os que não fizeram, ou não iriam prestar vestibular no fim do ano ou não tinham interesse na prova.

5.5 As Entrevistas

Este tópico tem o objetivo sistematizar as entrevistas e as observações feitas na escola. Para que o leitor possa entender de maneira mais clara divididos as entrevistas em temas para poder analisá-las melhor.¹⁵ Os temas são: reforma curricular, interdisciplinaridade, contextualização, projetos, competência, PCN, cursos de capacitação, HTPC, identidade do ensino médio e consequências dessas mudanças.

- Reforma Curricular

Foi perguntado ao coordenador e as professoras, o que conheciam sobre a reforma curricular e o que havia mudado com ela. O coordenador e duas das professoras entrevistadas (geografia e biologia) falaram da mudança da grade horária de cinco aulas para seis aulas, já a professora de português disse não haver mudanças nem de conteúdo nem das disciplinas. Todos os que falaram desta mudança disseram que não participaram da decisão, responsabilizando órgãos superiores a escola (Diretora de Ensino e Secretaria da Educação).

Quando questionados sobre a autonomia da escola para fazer mudanças no currículo, todos os entrevistados (exceto a professora de biologia) disseram que a escola tem uma autonomia relativa, pois não podem decidir questões referentes ao currículo, mas podem decidir se querem ou não participar de eventos, projetos e de cursos de capacitação como disse o coordenador. A professora de geografia afirmou que a escola pode ter uma interferência na parte diversificada do currículo¹⁶, de acordo com a região da escola, contudo ao dizer isso não sabe como e quem decide sobre a parte diversificada do currículo, tendo certeza apenas de que os professores não são. A professora de português disse ser relativa pois, percebe através das reuniões com a Diretoria de Ensino, que a escola deve seguir a filosofia do governo, passando muitas vezes por cima do próprio regimento da escola, questionando então essa autonomia. A única entrevistada que afirmou que a escola não tem autonomia, justifica essa posição dizendo que quando se menos espera as reformas estão implantadas, fazendo com que os professores a incorporem sem nenhum tipo de apoio para trabalhar.

¹⁵ A divisão das entrevistas por tema encontra-se em anexo deste trabalho.

¹⁶ como já dissemos no quarto capítulo, a parte diversificada do currículo representa 25% da carga horária total do currículo.

Sobre os conhecimentos que tinham sobre a Reforma Curricular do Ensino Médio todos mostraram poucos ou quase nenhum conhecimento dessa Reforma. O coordenador disse que lembra de ter ouvido falar na faculdade, quando fazia o curso de licenciatura, citando novamente a mudança na grade e que de agora em diante a escola deve trabalhar com a interdisciplinaridade e organizar-se por áreas para os professores fazerem o planejamento anual. A professora de Geografia disse ter ouvido falar da Reforma de maneira bem superficial, e que atualmente não se fala mais nisso, acreditando que a Reforma não foi implantada, pois foi dito na escola onde ela trabalhava que iria ter uma eliminação de disciplinas e a organização das disciplinas passariam a ser em módulos, mas que tudo isso ela não viu acontecer na escola, apontando o fato das escolas de Ensino Médio de Jundiaí dividirem o prédio com o Ensino Fundamental, e por conta disso as escolas estariam mais preocupadas com o Fundamental, já que os alunos são mais novos e imaturos, exigindo mais atenção. A Professora de biologia afirma ter ouvido falar muito disso, através da LDB e do Plano Nacional de Educação (PNE), mas que nada e ninguém havia dito como eles teriam que fazer para a Reforma acontecer. Já a professora de português colocou que agora com a Reforma os alunos teriam mais chances de não serem retidos e com relação aos conteúdos trabalhar mais com projetos, mas diz não ter visto nenhuma grande mudança com a Reforma.

Diante da questão de como essas mudanças chegaram na escola, o coordenador diz não se lembrar porque na época das mudanças ele era professor e não acompanhou essa questão, dizendo que foi uma coisa passada do Estado para eles, não sabendo explicar como foram feitas as mudanças. Já as professoras disseram não ter participado de nenhuma discussão e também não viram nenhuma mudança concreta acontecer.

Em relação a organização do currículo as respostas foram bem diversas, o coordenador disse que o currículo da escola é organizado por áreas (exatas e humanas) para que os professores possam se reunir e discutir o planejamento anual, para estar tentando fazer uma ligação entre as disciplinas e a interdisciplinaridade. Contudo cada professora disse que o currículo era organizado de diferentes formas: disciplina, disciplinas e por área, já que as disciplinas não acabaram e finalmente por área, concordando com o que o coordenador havia falado. As respostas foram dadas respectivamente pelas professoras de geografia, biologia e português.

Para os professores estarem trabalhando em áreas, o coordenador disse que no início do ano eles se dividem para estar fazendo o planejamento, já no restante do ano,

isso fica mais difícil, já que eles não possuem tempo para estarem se reunindo, porque cada um faz a HTPC em um horário. A professora de biologia disse que são divididos em humanas, exatas e biológicas, a partir daí tentam trabalhar junto com os colegas das disciplinas afins, contudo o que acaba acontecendo é que o planejamento não fica uma coisa séria, por não poderem se falar durante o ano *“O que acontece é que uma liga para outra, fazendo um trabalho fora da escola, quando dá tempo”*. A professora de português diz que eles são divididos nas áreas de humanas e exatas para fazerem o planejamento anual e às vezes fazendo um projeto, deixando claro que as disciplinas não acabaram.

Os alunos entrevistados disseram que nunca ouviram falar que o Ensino Médio está passando por uma reforma, apenas um deles (1ºH) disse que a escola foi pintada no início do ano, mas que agora já está toda suja novamente, ele comentou no fim da entrevista que *“eu acho que tem muita coisa que você falou que eu nem sabia o que era, acho que não acontece muito isso lá na escola.”*.

- Interdisciplinaridade

Para o coordenador a interdisciplinaridade é uma coisa nova no ensino, sendo uma proposta bem interessante, contudo difícil de se estar fazendo, pois alega que na escola nenhum professor tenha sido educado dessa maneira, ficando difícil da proposta ser trabalhada, o que é feito para se trabalhar isso é a organização do currículo por áreas, para que os professores das matérias afins possam estar conversando e se organizando, para estar fazendo algum projeto. Afirma também que sabe das dificuldades dos professores se reunirem, devido ao pouco tempo que se tem para conversar, pois já foi professor e sabe como funcionam as coisas. Acredita que essa proposta pode ser viável desde que os professores tenham tempo para discutir entre si. *“a gente não tem tempo pra tá fazendo, tudo interligado... isso é ilusão, enquanto a gente não tiver um tempo só pra isso, não vai acontecer da maneira que deve ser.”*

A professora de geografia diz que sua formação é eclética, afirmando que a geografia em si é uma disciplina que pressupõe a interdisciplinaridade. Ela diz que dividir os conhecimentos em disciplinas é didático, mas o mundo é um só, e para entender a realidade não se pode prender a uma só disciplina. Assim como o coordenador diz que não é fácil se fazer isso, pois foi educada de uma forma em que o conhecimento era compartimentalizado, agora a proposta é diferente, mais interessante,

mas deve aprender como trabalhar com isso. A professora afirma que na prática ela considera os conhecimentos que os alunos já possuem através de outras disciplinas.

A professora de Biologia coloca que a proposta é viável, desde que eles possam se reunir com os outros colegas, fala também da dificuldade que os professores tem de se encontrar, já que a maioria tem mais de um emprego e nas HTPC eles precisarem preencher vários papéis com informações dos alunos, resolver vários problemas e as vezes participar de algum curso, faltando o tempo para se reunir com o professor da matéria afim e trabalhar com a interdisciplinaridade. Ela sugere que os professores sejam contratados para darem aulas em um período e no outro poderem programar suas aulas, preparar o material e poder discutir com os outros colegas. Outro ponto que ela coloca é fato de alguns professores não aceitarem ainda a interdisciplinaridade, pois *“é muito trabalhoso e a maioria tem mais de dois empregos, eles não tem tempo de ficar bolando as atividades, fazendo coisas novas, xerocando material pra trazer pra cá, isso demanda custo¹⁷ e tempo e os professores muitas vezes não tem nem recurso financeiro pra tá fazendo isso e nem tempo.”* Ela diz que considera os conhecimentos que os alunos possuem em outras disciplinas, fazendo um resgate dos conhecimentos prévios deles, mas percebe que são poucos os alunos que tem o conhecimento prévio que ela espera deles.

Como as outras professoras, a de português também se queixa da falta de tempo para se reunir com os outros professores, dizendo que no início do ano é combinado de trabalhar em conjunto mas ao decorrer do ano como não se tem tempo para estar conduzindo os projetos, fazendo reuniões para estar verificando os resultados, cada professor acaba trabalhando um pouco sozinho. O que acaba fazendo é algumas relações com outras disciplinas, principalmente história *“mas dizer que existe um projeto e que os professores de tal área vão trabalhar isso aí, isso não existe, é difícil.”* A professora diz que faz um debate com os alunos para resgatar os conhecimentos que eles já possuem, partindo as vezes de algo que eles dizem para começar a matéria.

Os alunos disseram nunca terem ouvido falar de interdisciplinaridade, depois de ter explicado a eles o que era, tiveram respostas diferentes ao falar se acontecia ou não no cotidiano das aulas.

¹⁷ A escola não possui máquina copiadora, então quando os professores precisam tirar cópias pagam com seu próprio dinheiro.

O aluno do (1ºA)¹⁸ acha que isso acontece, colocando alguns exemplos da prática, diz que não consegue fazer interligação entre as matérias de humanas e exatas e diz que os professores relacionam sua matéria com a de outra disciplina dessa maneira: *“eles falam assim: isso aqui interliga física com química, daí eles explicam até uma parte, e falam que dessa parte em diante é o outro professor que tem que explicar”*. Realmente o aluno tem razão, conforme já citei anteriormente a professora de geografia penas citou que a professora de história já deveria ter explicado o que era quilombo, fazendo uma simples e pequena relação com a outra disciplina.

Já o aluno do (1ºH)¹⁹ diz que isso acontece, mas acha que é coincidência, exemplificando com as professoras de português e história que às vezes falam coisas semelhantes. Ele acredita que é bem difícil fazer relação de uma disciplina com a outra pois são coisas bem diferentes, acreditando inclusive que uma disciplina não pode ajudar a entender a outra, pelo mesmo motivo. Percebemos que a professora de português ao dizer que faz ligações com a história, realmente acontece, pois o aluno só conseguiu citar português com história, como exemplo de ligação entre as disciplinas. Em relação aos professores interligarem sua disciplina com outra, diz que isso depende de cada professor, *“As vezes comenta assim, vocês já devem ter visto isso em matemática, ou vocês estão vendo isso em tal matéria.”*

Diferente dos outros alunos a aluna do (3ºA)²⁰ diz que às vezes consegue ver sentido, principalmente em história, português e geografia que está vendo mais ou menos as mesmas coisas, diz que apenas nessas disciplinas é que consegue ver relação, mas depois cita que se conseguir ter uma boa interpretação (através do português), conseguirá ir bem em física, com os cálculos que tem na matemática. Assim como os alunos do 1ºano diz que *“às vezes a professora de geografia comenta, a vocês estão vendo isso em história, o de história também, fala isso...é mais a de geografia e de português que fazem isso.”* Não cita a professora de biologia a qual ela tem aula, mas como assisti as aulas da professora pude ver que ela faz sim um resgate dos conhecimentos prévios dos alunos, contudo sem citar nenhuma outra disciplina.

Podemos perceber nas falas destacadas dos alunos que os professores apenas citam: vocês já viram/aprenderam isso na disciplina X, nas aulas que assisti não vi as

¹⁸ Aluno da professora de geografia

¹⁹ Aluno da professora de português

²⁰ Aluna da professora de biologia

professoras aprofundarem o que os alunos já sabem, apenas perguntam se já viram ou não a matéria.

- Contextualização

Sobre esse tema o coordenador diz que é sempre bom estar trazendo coisas atuais para discutir com os alunos, diz que esse conceito inova o currículo, na medida que os professores trazerem notícias de jornal e revista, para estarem discutindo com os alunos.

A professora de geografia disse que já ouviu falar sobre isso, mas não necessariamente com relação a Reforma do Ensino Médio. Ela diz que os professores devem contextualizar sua disciplina para fazer sentido ao aluno, diz que para geografia tem sentido, já que é a mais interdisciplinar de todas as disciplinas.

A professora de biologia diz que tem dificuldades de trabalhar com os outros professores pelos motivos já citados acima, diz que faz sentido para sua disciplina, já que mexe muito com a vida.

A professora de português diz que deve se contextualizar tudo, mas não sabe se o rumo que está tomando é o certo, diz que trabalha o que é de interesse do aluno, que quando vai contextualizar alguma coisa que está acontecendo, percebe que os alunos não possuem conhecimentos anteriores. Afirmar que trabalha diariamente com isso, trazendo assuntos atuais para a aula, mas os alunos reclamam por que acham que não faz parte do conteúdo de português, e por isso acreditam que ela está “matando” aula. As professoras entrevistadas disseram usar o livro didático, mas também textos de jornais, revistas e vídeos. As professoras de biologia e de português reclamam da falta de recursos da escola, que não possui laboratórios, nem máquina copiadora, como já foi citado. Afirmam que precisam pagar do seu salário quando querem levar cópias ou fitas de vídeo para a sala. A professora de biologia diz que gosta também de trabalhar com reportagens da televisão, para discutir com a classe, sobre as novas descobertas e o que isso vai implicar para a nossa vida. *“tem que trabalhar de uma maneira diversificada, mas a escola nem um xerox dentro tem, para eu trazer uma revista e xerocar e passar para todo mundo, então as vezes a gente não tem condições de fazer isso. O governo pede uma coisa e a escola tem uma estrutura que não atende a isso que ele pede e aí fica meio complicado.”*(professora de biologia)

Quando questionados sobre o que trabalham com o material que trazem dizem que é para discutir com os alunos. A professora de português ainda acrescenta que trabalha

com os textos o conteúdo de português, diz que procura levantar hipóteses daquilo que quer trabalhar como os alunos, quais os conhecimentos que eles tem a respeito do assunto, mas fica desanimada, por que eles não correspondem ao que ela quer, como também afirma a professora de biologia. Diz que a única coisa que eles sabem bem, que tem conhecimento é a música, desde que seja de rap, mas isso depende da classe, então através da música ela consegue tirar as informações deles, afirma que outra coisa que eles sabem muito é sobre as drogas, superando a questão do sexo que é tão forte na idade dos alunos.

É importante ressaltar que a professora de geografia diz que se ela está falando sobre um assunto atual, são os alunos que trazem coisas do seu cotidiano, *“não que eu tente extrair algo da vida deles, eles é que acabam trazendo as coisas(...) aí eu discuto se eu acho pertinente”*, mostrando que acaba descartando o cotidiano da vida dos alunos para a aula.

A metodologia que as professoras utilizam para começar suas aulas são diversificadas, a professora de geografia usa o instinto, tentando imaginar como os alunos podem aprender melhor a matéria, diz que não segue a teoria de nenhum pedagogo, por que cada assunto ela gosta de explicar de uma forma, e ela se prendendo a uma só teoria, acha que vai ficar presa a explicar de uma maneira só. A professora de biologia diz que faz um resgate perguntando a eles o que sabem sobre o assunto que ela vai tratar, depois procura fazer relação com alguma coisa que eles conheçam, por exemplo: filmes, reportagens da televisão, começando por alguma coisa que eles conheçam para poderem ter idéia do que ela está falando. A professora de português tem uma metodologia semelhante a de biologia, ela diz que um conteúdo vai puxando o outro e sempre que ela vai começar uma nova matéria, tenta encaixar uma música, saber o que os alunos tem de conhecimento sobre o conteúdo, alguma coisa que esteja contextualizando aquilo que ela quer trabalhar com a classe.

Os alunos não conheciam o conceito de contextualização, depois de ter explicado o conceito à eles, apenas o aluno do 1ºA respondeu que isso acontecia nas aulas, porém somente citou as aulas de português para aprender a se expressar de uma boa forma, já que ele trabalha com vendas e matemática, pois trabalha também com contabilidade fazendo várias contas, por isso essas disciplinas o ajudam no cotidiano. Acredita que os conhecimentos que aprende na escola servem para ser disciplinado e

para saber se comportar nos lugares. Quando questionado se os conhecimentos que aprende na escola vai ajudar na sua vida profissional, diz que algumas matérias sim, como português, matemática e biologia, pois quer ser biólogo, considera que artes ele nunca precisará e não servirá para nada.

Diferente do aluno do 1ºA, o aluno do 1ºH diz que nenhuma das coisas que ele aprende na escola faz parte do seu cotidiano, para a vida profissional diz que dependerá da área que ele escolher, diz que usará alguns conhecimentos de matemática, física não usará para nada e história somente se seguir essa área.

Já a aluna do 3ºA diz que os professores estão mais preocupados em terem sua matéria em dia, independente de relacionar com os alunos, então acha que não acontece a contextualização nas aulas, apesar de ter dito que não, depois disse que aprendeu a ler na escola e isso faz parte do seu cotidiano, também comentou que *“depende da matéria por que cada matéria tem um professor e cada professor tem uma vontade de explicar aquilo pro aluno ou não, então eu tenho uma professora que eu acho ela exemplar de biologia²¹, eu sei que ela tá me dando uma super base pro vestibular, que vai fazer parte da minha vida.”* Na sua vida profissional acha que vai usar português para falar e escrever, matemática para os cálculos, assim como falaram os outros alunos.

Quando foi perguntado aos alunos como os professores começam um novo conteúdo, responderam praticamente iguais. O professor explica a matéria, passa na lousa, faz exercícios e depois aplica a prova. Quando foi perguntado á eles sobre o diálogo que o professor faz antes de começar a matéria, percebemos que os alunos do 1º ano respondem de maneira bem semelhante:

“Pergunta quem já viu essa matéria, daí eu que sou repetente e falo que já vi, eles falam que é legal, então você vai ver de novo, só que aí é uma cobrança ainda mais em cima de mim, por que eu devo ir melhor que os outros que nunca viram” (aluno 1ºA)

“As vezes no comecinho ele explica a matéria e pergunta se alguém já viu, se já viu ele fala então que a gente vai rever e quem não aprendeu vai aprender, aí ele fala então vamos aprender agora.” (aluno 1ºH)

A aluna do terceiro cita um exemplo semelhante ao dos garotos, mas também diz que o professor de história e a professora de geografia misturam muitas coisas do seu conteúdo com a atualidade, comparando um conflito atual que pareça com o que ela está tentando explicar, o professor de história também está sempre trazendo jornais, para eles lerem e se tiverem dúvidas, ele explica, ele também mistura um pouco da matéria com a

²¹ A professora a qual ela se refere foi a professora entrevistada por mim.

atualidade. Ela faz um comentário sobre a professora de sociologia: *“A de sociologia ela tenta (faz debate com as coisas que estão acontecendo, que saem no jornal), mas ela fala muito e acaba não dando a oportunidade do aluno falar, as aulas dela sempre são de debate, então ela fala muito e acaba deixando a gente sem o nosso espaço, então a aula é dela.”*

Em relação a participação da classe nas aulas o aluno do 1ºA diz que é bem aberto para quem quer participar, diz que a participação da classe é boa, pois vão até a lousa, fazem a correção dos exercícios, prestando atenção. O aluno do 1ºH diz que a participação depende do aluno, é bem livre e a vontade, quem quiser pode participar, se não concordar pode discutir com o professor, afirmando que tem professor que até gosta dessas discussões. Ao contrário do aluno do 1ºA que diz não questionar o professor, pois *“A gente não tem muita moral para falar, por que os professores já se formaram e eles sabem o que tem que passar pra gente, tem que concordar com que eles falam, né. O que o professor passar tá certo né!”*

O aluno do 1ºH continua dizendo que a participação também depende da matéria, se ela for “legal” e chamar a atenção os alunos questionam mais, dá um exemplo de química, em que a professora fala de fenômenos da natureza.

A aluna do 3ºA diz que a participação da sua classe não é boa, diz que a classe não participa nem das aulas “legais”, nem das aulas que não tem entusiasmo para falar. Cita a aula de biologia sobre os órgãos sexuais, em que é muito interessante, e aprendem várias informações, essa aula todos gostam e participam.

Como observei nas aulas a profunda falta de interesse dos alunos nas aulas, perguntei a ela se imaginava o motivo dessa falta de participação e de vontade dos alunos e ela disse que

“a maioria vê a escola como uma obrigação, uma coisa forçada, aí a escola é uma bagunça, aí você chega lá e não tem aula”²², aí você fica preso lá dentro, (...) então ir para escola já é uma obrigação, já é ruim acorda cedo, e chega lá tá uma bagunça, ainda se acorda e pensa: eu vou estudar eu vou ter aula, já e alguma coisa, já dá um animo.”

- Projetos:

O coordenador diz que os professores procuram trabalhar nos projetos da sua área, acontecendo às vezes de um professor participar de outra área. Diz que os professores se organizam para fazer os projetos no corredor e no intervalo. Ele diz que a escola possui quatro projetos em andamento, o projeto sobre o respeito, sobre a água,

sobre o preconceito racial e sobre as drogas²³. Quanto a participação dos alunos na decisão do tema ele diz que os alunos não os vem procurar para falar o que querem fazer, então os professores a partir da necessidade que sentem, elaboram o projeto, sempre com um tema que tenha a ver com eles.

A professora de geografia disse ter elaborado um projeto a partir de um curso de capacitação que participou “Diferença para Igualdade”, que tinha o objetivo de visualizar o preconceito da sociedade e tentar superá-lo, com isso agora no dia 20 de novembro, os professores envolvidos no projeto vão fazer várias atividades para resgatar a auto-estima dos afrodescendentes. Para ela isto está sendo interdisciplinar na medida que vários professores estão participando, ela, o professor de história, a professora de português, professor de inglês, professora de artes, diz que até o momento da entrevista, ela ainda não tinha conseguido o apoio dos professores da área de exatas e biológicas, ela diz que essa falta de participação dos professores dessa área *“tem a ver com a própria formação, primeiro que se forem da minha geração, eles também tiveram essa educação compartimentalizada, depois na universidade também não é proposto uma visão interdisciplinar, então você tem que achar isso sozinho, e não se sabe como nem onde.”* É importante lembrar que participei das aulas de duas classes quando ela iniciou o projeto, contudo a professora em nenhum momento disse aos alunos que estava iniciando o projeto.

A professora de português também está participando do projeto sobre o preconceito racial, ela diz que vai trabalhar com textos sobre conscientização, a professora de história com a parte da história dos negros no Brasil, a professora de geografia vai trabalhar de onde eles vieram, cada um ministrando sua aula a respeito desse tema, dessa maneira ela diz que o projeto funciona bem porque é *“um projetinho rápido e curto”*.

A professora de biologia disse que ela e mais dois professores (geografia e física) elaboram um projeto sobre a água, assim como a professora de geografia disse que não conseguiu o apoio dos outros professores, pois não se interessaram, ela também diz que até poderia sugerir algumas atividades mas não faz por medo de parecer intrometida. A professora também comenta de um projeto sobre o respeito, explicando que cada professor procura conversar com a classe nas suas aulas, tentando

²² Em relação a falta dos professores a aluna relata que dos cinco dias da semana, pelo menos dois dias existe a falta de professores.

²³ O projeto sobre a água já terminou, sobre o preconceito ainda não começou, sobre as drogas não consegui obter informações, projeto sobre o respeito também já está finalizado

conscientizar os alunos sobre isso, já que em sua opinião a escola está um caos. Nesse projeto estão participando a professora de artes que está com a parte de fazer os cartazes, a professora de português com as frases e os textos e a professora de matemática, ela não sabe bem o que está fazendo, são estas três professoras que estão organizando o projeto.

Assim como disse o coordenador os professores não têm muito tempo para se reunirem e discutirem sobre os projetos, elas dizem conversar bem rapidamente no intervalo, nas HTPC dificilmente se dá para falar dos projetos pois, os professores nunca fazem no mesmo horário, sempre precisam preencher muitos papéis e sempre estão fazendo algum curso de capacitação, assim como já foi dito anteriormente.

As professoras dizem que possuem autonomia para elaborar e aplicar os projetos, contudo dizem que a coordenação e a direção não se envolvem com o projeto, também se queixando que não existe um apoio metodológico, nem um apoio financeiro para estar custeando o material, dizem apenas que a coordenação demonstra uma boa vontade em estar deixando elas fazerem o projeto e usarem os espaços da escola (como a sala de vídeo) para isso.

Tanto o coordenador como os professores deixam claro em várias pontos das conversas que a coordenação/direção não participam da elaboração e execução dos projetos: *“os projetos são mais os professores que se organizam pra fazer, eu não me interfiro nessa questão, eu deixo bem livre pra eles fazerem o que eles acham que é preciso...os professores têm a idéia de fazer.”*(coordenador)

Em relação a participação dos alunos nos projeto apenas a professora de geografia diz que os alunos gostam de estar participando, pois quando tem discussões e debates os alunos participam, ela afirma que os projetos costumam dar certo, pois é uma situação diferente para os alunos. Já as professoras de biologia e português acreditam que os alunos não gostam de participar dos projetos, preferindo as aulas tradicionais (com matéria na lousa e a professora falando).

A professora de biologia acredita que eles não gostam, por que dá muito trabalho,

“eles não gostam de assistir vídeo, por que depois a gente sempre dá relatório para eles fazerem, então quando fala que vai ter vídeo, eles ficam bravos, por que eles estão numa fase da preguiça(...) Então fica difícil, aula normal com o

professor na lousa eles não querem, projeto também não, filme também, não. O que a gente faz ?”

A professora de português diz que os alunos não gostam de participar e também não participam da escolha do tema, são os professores que elaboram os projetos, ela afirma que essa falta de participação acontece pois,

“eles acham que vem para escola para aprender a matéria, eles querem a matéria, eu vejo que eles não vem finalidade nisso (...) eles acham que quando a gente faz projeto, a gente tá matando aula, na verdade o que eu mais acho que funciona com os alunos, apesar deles falarem em aula diversificada, eles gostam da matéria na lousa, adoram copiar a matéria da lousa, é o que mais funciona no ensino médio, eu tenho sempre aula dupla, eu chego lá passo a matéria na lousa, eles copiam a matéria, aí depois eu explico para eles, é que eu percebo que eles gostam, é um momento que eu consigo prender a atenção deles.”

Os alunos entrevistados disseram não ter participado de nenhum projeto, apesar das classes onde estão terem participado de um projeto pelo menos. O aluno do 1º H disse que a professora de inglês conversa com a classe sobre o respeito, mas não é nenhum projeto, ele diz que nenhum professor desenvolveu projeto na sua classe e também que não tem conhecimento dos projetos através de alunos de outras turmas. A aluna do 3ºA comenta que após eu ter falado sobre os projetos da escola ela se lembra de ter visto alguns cartazes sobre o respeito, mas não sabia que isso era um projeto pois, pela classe dela não passou. Os três alunos conseguem ver apenas como projeto o “Família vai a Escola”.

Conversando com outros alunos que eram de classes que já tinham participado dos projetos, percebi que eles não viam as atividades como projeto, muitos diziam, eu nem sabia que isso era projeto, aconteceu também de algumas classes terem tido uma parte do “projeto”, pois só tinham aula com um dos professores envolvidos no projeto. A escola tem 84 professores nos 3 períodos e nenhum professor dá aulas para todas as classes.

- Competência:

O coordenador não sabe onde ouviu falar pela primeira vez essa palavra, diz que sempre ouviu competente, incompetente. Ele acredita que é um conceito muito confuso,

com várias interpretações, o que ele entende por competência são as habilidades que o aluno deve ter ao sair do ensino médio, *“então pra mim é isso, tem aquele monte de habilidades que você tem que trabalhar com o aluno, a principal competência que o aluno deve ter agora é a competência leitora, saber interpretar textos, dados, é isso o que mais está se falando nos cursos de capacitação.”*

Além do coordenador mais dois professores falam sobre a competência leitora. Ele acredita que os PCN e as Diretrizes Curriculares (documentos que mais difundiram esse conceito) não ajudam a entender os conceitos, pois tem dificuldades de entender o que realmente esses documentos querem dizer, sendo feitos por pessoas que não sabem do cotidiano e dos problemas da escola, dessa forma esses documentos se tornam mais para consulta.

Apesar de todas as mudanças adotadas, *“essa maneira de fazer contextualizado, um projeto interdisciplinar,”* cada professor tem sua metodologia e sua forma de avaliar, tendo que no final do bimestre passar uma nota para cada aluno, *“at como ele faz isso é problema dele, a gente dá muita autonomia pra que o professor decida a melhor maneira de fazer”*.

Os professores como também o coordenador mostraram-se inseguros ao falar sobre competência. A professora de geografia disse que sempre ouviu essa palavra, e que competência deve ser relativo, pois ninguém é totalmente competente ou incompetente. A professora de biologia diz que as competências e habilidades são o maior entrave na escola, ela afirma que a maior competência que eles pedem é a capacidade leitora e escritora, dizendo que cada professor tem que desenvolver na sua área. Ela diz que competência leitora *“é mais de análise e interpretação, verificar se eles entenderam o que estão lendo, o que estão escrevendo, se estão entendendo o que a gente está falando, então é assim que a gente mede competência”*. Disse ter ouvido isso em um dos cursos de capacitação, por que é nesses cursos que eles costumam falar sobre competência e habilidade. Já para a professora de português competência *“são as habilidades que os alunos têm para determinada coisa (...) são as habilidades, o conhecimento que eles tem o Estado vem, joga as coisas em cima da gente e é você que tem que estudar e descobrir o que é competência, então foi isso que eu entendi.”*

Como o coordenador, as professoras disseram que os PCN e as Diretrizes Curriculares não estão claras quando falam em competência. A professora de geografia diz que esses documentos falam sobre as habilidades e competências dos alunos, da competência leitora, da competência artística, o seu *“medo”* é quando falam que ela

deve avaliar competência na prova, *“mas o que é que é competência? Eu acho que isso deveria ser mais claro para cada professor na sua disciplina, cada um tem um entendimento sobre o que é competência, então a gente as vezes acaba não avaliando por que você não sabe o que é, não sabe como trabalhar.”* A professora de biologia diz que foi entender o que era competência leitora quando fez um curso há muito tempo, e o governo não está mais oferecendo esses cursos. A professora de português diz que os documentos não são objetivos, são como as leis, que dão margem para várias interpretações, por isso ela acha que os documentos deveriam ser mais objetivos e claros, sem colocar mil ressalvas.

Quando questionadas sobre o que achavam mais importante na formação do aluno através da disciplina que lecionavam, e como faziam para avaliar se os alunos conseguiam chegar nesses objetivos, a professora de geografia respondeu que era o conhecimento do mundo, para ser cidadão, quanto mais conhecimento sobre o mundo o aluno tiver melhor, *“para desenvolver a consciência, o espírito crítico, para você tomar decisão, formar sua opinião, e a geografia possibilita isso, não só o espacial, como econômico, crítico, o social.”* Para avaliar se os alunos conseguem chegar a esses objetivos a professora diz que é através da prova e quando estão em uma discussão, percebe pelas suas opiniões e pela forma que argumentam, e se eles não conseguirem elaborar uma opinião, é sinal de que ou ela não conseguiu passar sua mensagem de maneira clara ou eles não deram a devida atenção quando ela estava tentando explicar, deixando claro que ela não espera que eles tenham uma opinião igual a dela, mas até que ponto eles conseguiram elaborar uma opinião sobre o assunto.

A professora de biologia diz ser mais importante a parte da vida, de conhecer o funcionamento do organismo, de saber usar corretamente uma camisinha, o conhecimento das plantas e animais, para eles saberem que não se pode desmatar uma floresta, pois sabem as conseqüências futuras, *“por que é esse conhecimento que ele vai levar que vai ajudar a tirar o planeta dessa situação que se encontra, dessa destruição, da poluição em grande escala,”* Para avaliar isso ela diz que não há outra maneira de medição senão com a prova teórica e os questionários que ela manda para eles fazerem em casa.

A professora de português acredita que o mínimo que ela espera deles é que consigam *“interpretar, entender o que está lendo, saber escrever corretamente e conhecer a política do país”*. Para avaliar isso ela diz que analisa os alunos quando estão participando das aulas, quando compreendem a mensagem do texto, na apresentação de um trabalho e na prova. Como a professora de geografia, ela não considera sua opinião

como a única correta, pois quando os alunos entendem algo diferente do que ela pensa, ela procura entender como o aluno chegou a essa conclusão, por que acredita que eles possam ver coisas diferentes dela.

Diferente dos outros conceitos, que os alunos não sabiam o que significava, disseram o que pensavam sobre competência: “*eu acho que é quando você vai na escola e faz suas obrigações certo...*” (aluno 1ºA); “*não faço idéia, eu acho que é quando você é competente, quando você **sabe fazer** alguma coisa bem, tipo quando uma pessoa é competente no serviço, daí ela boa no serviço.*” (aluno 1ºH); “*eu acho que é quando um aluno sabe as coisas é inteligente e passa de ano*” (aluna 3ºA)

- PCN:

O coordenador diz que os PCN são trabalhados pelos professores, na medida em que eles planejam suas aulas, funcionando como um manual de consultas para o professor. Ele afirma que cada professor trabalha de uma maneira, alguns usando mais outros menos o PCN.

Apenas a professora de geografia parece não utilizar o PCN, as outras duas acabam utilizando mais para fazer o planejamento anual e para consultas durante o ano. A professora de geografia prefere planejar as aulas com o material que ela possui. A professora de biologia diz que os PCN estão caindo em desuso, pois agora estão usando o PNE, queixando-se da constante mudança dos documentos. Ela acredita que o PCN é bem complexo, feito por técnicos que não possuem o conhecimento do cotidiano da sala de aula, então ela acaba o utilizando para a programação do curso, dizendo que o PCN tem muito conteúdo, sendo quase impossível dar todo o seu conteúdo em três anos de Ensino Médio.

A professora de português parece usar um pouco mais os PCN do que a professora de biologia, ela diz que no planejamento usa o PCN para tentar enquadrar o que está trabalhando, e mesmo durante o ano ela sempre está vendo o que pode trabalhar, estar, incluindo, “*a gente trabalha com ele do lado.*” Quando questionada sobre a suficiência do PCN diz que não sabe se é suficiente, não que ela queira contestar, mas o que está escrito, parece que se fizerem igual vai dar tudo certo, e na prática isso às vezes não funciona.

- Cursos de Capacitação:

O coordenador citou um curso chamado “Ensino Médio em Rede”, em que o tema central foi o protagonismo juvenil, em como trabalhar com o jovem. Esse curso foi feito no horário da HTPC dos professores, sendo um curso longo que ocupou quase todas as HTPC durante o ano, foi um curso a longa distância, então passavam vários vídeos, eram enviados textos, para a discussão e os professores tinham que preencher vários papéis com informações dos alunos e sobre o curso. O coordenador afirma que a maioria dos professores gostaram e acharam que ajudou, mas alguns professores não gostaram, falaram que esses cursos são uma perda de tempo, que não dizem nada sobre a realidade, mas ele acha que foi bom, pois participou de algumas reuniões. Ele disse que o curso forneceu apostila para os professores. Em relação aos conceitos discutidos durante a entrevista ele diz que o curso não abordou explicitamente, falando algumas coisas sobre contextualização, em estar contextualizando a aula com a cultura juvenil.

Apenas a professora de português citou o curso “Ensino Médio em Rede” colocando que esse curso teve um material muito bom, ajudando os professores a estar mudando o jeito de dar aula, buscando novos caminhos, para que as aulas fiquem mais dinâmicas e mais prazerosas, dando alternativas para o professor ensinar, elaborar as aulas e até mesmo fazer projetos, como foi o caso da professora de geografia que elaborou um projeto através do curso “Diferença para Igualdade”.

A professora de biologia diz que

“estão falando muito sobre reciclagem, e eu fico muito irritada, por que parece que você não serve mais pra nada e eles querem reciclar você e te transformar em outra coisa e o que nós precisamos é de capacitação, para eles explicarem pra gente como é que é para ser feito, não é certo cada um fazer do jeito que acha que está certo, agente precisa ter certeza do que estamos fazendo, eles precisam direcionar melhor essas mudanças, jogá-las em cima de nós e fácil e depois exigir algo que não foi passado, que a gente nem viu direito, aí é complicado, a gente não tem noção do que é para fazer.”

Em relação aos conceitos discutidos na entrevista, elas dizem que foram tratados de maneira superficial, nos cursos que participaram, citando a competência leitora e a interdisciplinaridade.

- HTPC:

Foi perguntado ao coordenador e as professoras se os conceitos abordados na entrevista são discutidos nas HTPC, o coordenador diz que a reforma em si não é

discutida, são mais questões referentes a alguma coisa que venha da diretoria, da secretaria e alguns problemas da escola, como a indisciplina. Os professores falam de algum projeto que estão fazendo, sobre interdisciplinaridade, afirmando que sempre que se tem um tempo eles conversam sobre esses conceitos, dizendo que nos cursos acabam retomando uma discussão sobre esses conceitos. O coordenador afirma que tem muitas dúvidas, assim com os professores pois, não sabem se estão fazendo o que é certo, “a gente não tem alguém aqui que fale: olha é assim que faz, a gente faz o que a gente entende que está certo, é difícil”.

As professoras dizem que grande parte das HTPC são ocupadas pelos cursos de capacitação, e para preencher documentos, como já foi citado. A professora de geografia, assim como o coordenador diz que não se fala sobre a Reforma. Todas as professoras entrevistadas citam a palavra burocracia quando falam das HTPC:

“acaba tendo que preencher papéis, fazer algumas coisas burocráticas que a Secretária ou escola pede, as vezes tem esses cursos também,” (Professora de Geografia)

“você tem sempre que preencher documento, é uma burocracia, quando se tem tempo, nós discutimos sobre os projetos, sobre essas coisas, mais é difícil se ter tempo para isso.” (Professora de Biologia)

“é difícil, por que gente tem sempre um monte de coisas para preencher, então a finalidade do HTPC, acaba ficando de lado, que é você estar discutindo os problemas da escola, os projetos. é uma burocracia danada...” (Professora de Português)

- Identidade do Ensino Médio:

No início da pesquisa este tema não foi previsto para discutir com os entrevistados, contudo o tema apareceu nas respostas, fazendo com que nós o incluíssemos na discussão do trabalho.

As respostas do coordenador e das professoras foram bem semelhantes. O coordenador diz que a finalidade do Ensino Médio é

“formar para vida, por que pro vestibular, eles não têm chance de concorrer com quem está em uma escola particular, eles mesmos falam isso, eles sabem que lá eles são preparados exclusivamente para o vestibular, aqui não é assim, não tem esse preparo exclusivo, para o trabalho também a gente não forma, por que aqui não tem curso técnico, não tem uma formação específica pra eles saírem daqui com um emprego, então eu acho que acaba se tentando preparar pra vida, mas também não é uma coisa que eu possa te afirmar que todos aqui vão sair preparados para a vida, a exercerem a cidadania, por que isso também não depende só da escola, depende do aluno também se ele não tem vontade de aprender de estudar, o que a gente pode fazer?”

A professora de geografia diz que a finalidade do Ensino Médio é bastante discutível, por que o próprio nome está dizendo: médio, ou seja entre o Fundamental e o Superior, então ele é um pouco sem identidade, muitas coisas que os alunos aprendem no Ensino Fundamental eles vêem de novo do Ensino Médio, com um pouco mais de profundidade,

“O Ensino Médio tem uma razão de ser, pois eles também não estariam preparados para sair do fundamental e ir para faculdade. O problema que se instalou depois dessa reforma, foi a separação do ensino técnico, por que antes tinha uma finalidade, de preparar para o trabalho, e hoje não prepara para o trabalho e nem para a universidade, pois o ensino não é voltado para o vestibular, então eu acho que ficou confuso isso. Que nem o ensino particular tem mais identidade do que o público, o objetivo deles é o vestibular, e o público não prepara para o vestibular e nem para o trabalho, por que tiraram o ensino técnico.”

A professora de biologia acha o Ensino Médio importante, pois alguns alunos fazem o Ensino Médio e param de estudar, então se eles fizerem um Ensino Médio bem feito, terão uma amplitude maior de conhecimento, sendo beneficiado na vida deles,

“a gente gostaria que o ensino médio preparasse mais para o trabalho, que fosse mais direcionado, eu acho que era melhor antes, antes dessa mudança da grade, o aluno chegava no 2º ano e ele escolhia o que ele queria fazer, então cada um ia fazer um curso técnico na área que queria atuar, e hoje não, eles têm de fazer o ensino médio todo para depois seguir o que ele quer fazer da vida.”

A professora de português diz não saber o motivo de existir o ensino médio, pois os alunos não são preparados para o vestibular, nem para o trabalho, a escola tenta prepara-los para serem cidadãos, mas na verdade não faz nenhum dos três,

“eles não vem a finalidade deles estarem estudando, eu acho que o ensino médio deveria ser, já que não prepara eles para o vestibular, deveria ser direcionado para a questão do trabalho, como era antes, eu na minha avaliação, e olha que não faz tanto tempo que eu dou aula, eu acho que só piorou, por que como eles não vêem finalidade naquilo que eles estão fazendo. Eu acho que deveria mudar o ensino médio, e mudar mesmo, preparar eles para um vestibular, por que eu acho um grande crime que o governo faz, de ter essa filosofia de não prepara-los para o vestibular, ou fazer com que a gente trabalhasse com o trabalho mesmo, eles não sabem nem fazer um currículo, eu dou aula no fundamental também, já na sexta série eu ensino a fazer currículo...”

Diante da indagação da professora de português sobre os alunos não verem finalidade no Ensino Médio estar relacionada ao desânimo e falta de vontade, o coordenador também é da mesma opinião, pois diz que os alunos sabem que em uma faculdade não vão passar, conseguir um emprego é difícil, “até para eles que fazem o

ensino médio, hoje uma exigência de qualquer firma”, então eles ficam sem vontade, se desanimam.

Os três professores demonstram um certo descontentamento ao fato do Ensino Médio ter se separado do Ensino Técnico, pois acreditam que antes dessa mudança acontecer o Ensino Médio tinha mais identidade, pois preparava para o trabalho e agora não tem identidade pois não prepara mais para o trabalho, nem para o vestibular e bem pouco para vida e é por conta dessa falta de identidade do Ensino Médio, que os estudantes não vem finalidade de estarem cursando.

Aos alunos entrevistados também foi perguntado qual a finalidade do Ensino Médio e se eles acreditavam que o essa modalidade de ensino prepara melhor para o vestibular, para o trabalho ou para a vida. Todos eles responderam que prepara para o Ensino Superior. A aluna do 3ºA diz que saem da 8ª série imaturos, e o Ensino Médio é que vai aprofundar a matéria e preparar para a faculdade. A opinião da aluna vai ao encontro da professora de geografia, diante da questão do Ensino Médio aprofundar o que os alunos já aprenderam no Fundamental.

Os dois alunos do 1º ano dizem que o Ensino Médio os prepara melhor para o vestibular, o aluno do 1ºH diz que os professores fazem relações da matéria com o vestibular. O aluno do 1ºA diz que cada coisa que aprende na escola é um pouco do que vai estar no vestibular, sendo que se tiver um bom desempenho na escola isso o ajudará na vida e no trabalho: *“por que se você for bem no vestibular você pode passar numa faculdade, e se você for bem na faculdade vai te ajudar arrumar um emprego bom, então se você arrumar um emprego bom, vai te ajudar na sua vida, para você não passar por necessidades.”*

Já a aluna do 3ºA acredita que a intenção da escola é preparar os alunos para o vestibular, mas *“o ensino tá fraco, então eu acho que não tá adiantando pra nada eu fazer ensino médio, é mais por uma obrigação e você ter no seu currículo que você fez, sabe os alunos são muito conformados, a que bom que não tem aula, e eu acho que não é assim”*

Conversando com outros alunos percebi que eles já estão começando a ter consciência que não vai adiantar apenas fazer o ensino médio para conseguir trabalho, pois percebi que eles falavam muito em fazer cursos de computação, telemarketing, línguas e técnicos para os ajudar na hora do emprego.

- Consequências dessas mudanças:

O coordenador diz que o ensino está mudando, mas não sabe se isso quer dizer uma melhora na qualidade do ensino, mas acredita que a escola está trabalhando para isso e espera conseguir reverter essa situação.

As professoras tiveram respostas diferentes tanto uma das outras quanto do coordenador. A professora de geografia disse que não sabia dizer se as mudanças estavam melhorando a qualidade do ensino, pois teria que entender e discutir melhor essa Reforma, a questão da contextualização e das competências.

A professora de biologia diz que quem faz a qualidade é o professor e o aluno, ela diz ter uma bagagem excelente para passar para os alunos, mas diz que eles devem estar preparados para receber essa bagagem,

“eles não têm perspectiva de futuro, a maioria vai fazer o colegial e para por aqui. Tem aluno que questiona, que pergunta, então esse aluno é aquele que busca a qualidade. Ultimamente a gente tem discutido isso, por que parece que a gente tá emburrecendo, por que a gente tem que abaixar para o nível aos alunos que estão chegando, eles chegam sem bagagem nenhuma, você tem que buscar e retomar a coisa lá atrás, então a qualidade está ficando deficitária sim, e não é culpa do professor que não tem conhecimento, mas quem está recebendo não traz uma bagagem, não procura melhorar o ensino, por isso que vem depois nas avaliações e aparece aqueles índices horrorosos, a gente tá preparado para ensinar bem, mas eles não estão preparados para receber bem, essa é a minha visão de qualidade.”

5.6 Análise das Entrevistas

Percebemos que a Reforma Curricular é vista pelo coordenador e a professora de biologia como apenas uma mudança da carga horária, as professoras de português e geografia acreditam que não houve mudanças no currículo, a professora de geografia até cita essa mudança na carga horária, mas não como parte da reforma curricular, e a professora de português nem disso fala, talvez pelo fato de que a sua disciplina não sofreu alterações no horário. Quando indagados sobre o que conheciam da Reforma Curricular, apenas o coordenador citou alguns dos conceitos considerados pilares da Reforma, como interdisciplinaridade e a organização do currículo em áreas. O conceito de competência que recebeu enorme destaque em todos os documentos que se referem a Reforma, não foi citado por nenhum dos entrevistados, mostrando que a Reforma Curricular é estranha á eles, pois os professores acreditam que a tão falada Reforma do Ensino Médio ainda não chegou na escola, que não apareceu ninguém para dizer á eles como fazer as mudanças, afirmando não terem participado de nenhuma discussão sobre

a Reforma, demonstrando também grande insegurança quando falaram sobre os conceitos, dizendo que não sabiam se estavam fazendo corretamente, que tinham dúvidas em relação ao que realmente significava o conceito. Apesar de terem falado sobre os conceitos durante as entrevistas, não os relacionaram com a Reforma, parecendo que era algo a parte.

Coordenador e professoras foram bem claros em dizer que as mudanças realizadas na escola foram feitas por órgãos superiores a escolas, expondo que não participaram de nenhuma discussão referente a Reforma, comentando inclusive, que a autonomia da escola é extremamente limitada, em relação a mudanças no currículo, mesmo quando se trata da parte diversificada, embora como diz as Diretrizes Curriculares “*A autonomia da escola é, mais que uma diretriz, é um mandato da LDB.*”, não vimos isso acontecer na prática.

Essa situação não foi encontrada apenas nesta pesquisa, os relatos de Krawczyk (2003)²⁴, podemos perceber que as escolas pesquisadas, também mostraram grande dificuldade para agir de maneira autônoma, a autora afirma que isso pode estar sendo interpretado devido aos seguintes fatores:

- a. estrutura organizacional das secretarias que não comporta organizações curriculares alternativas;*
- b. obrigação da escola de reformular sua grade curricular levando em conta os recursos humanos que já possui, o que inibe vários projetos inovadores na área diversificada prevista pelos PCNs;*
- c. falta de recursos para novos investimentos;*
- d. corporativismo docente, que leva a escola a não propor nenhuma mudança que signifique alterações das condições de trabalho de seu corpo docente.”*
(KRAWCZYK, 2003)

Quando falamos na organização curricular, podemos perceber uma grande falta de clareza quanto a proposta da escola, pois cada professora teve uma resposta diferente, apesar de concluirmos através dos depoimentos que o currículo dessa escola é organizado por áreas, para trabalhar melhor a interdisciplinaridade, contudo fica claro que isso está mais no discurso, pois tanto o coordenador, como os professores afirmam que apenas se reúnem em áreas (exatas e humanas)²⁵ no início do ano, para o planejamento e durante o ano os professores acabam trabalhando um pouco sozinhos, pois não têm tempo de encontrar com o colega da sua área, por fazerem HTPC em horários diferentes e por terem mais de um emprego. Esses fatos comprometem os

²⁴ o artigo da autora apresenta os dados colhidos na pesquisa feita nos Estados do Paraná, Ceará e Pernambuco

objetivos do currículo organizado por área que parte da premissa que uma *“proposta por área implica aceitar o caráter transdisciplinar da linguagem e a inter-relação dos sistemas de linguagens”* (PCNEM p.12).

Em relação a interdisciplinaridade percebeu-se através das entrevistas e observações das aulas, que é colocado em prática de forma superficial, sem uma sólida base teórica. Nenhum dos entrevistados fala sobre o conceito propriamente dito, sempre colocando a interdisciplinaridade como o trabalho coletivo dos professores. Nas entrevistas com as professoras, todas dizem fazer relação com as outras disciplinas, contudo nas aulas, pude perceber que elas apenas citavam que os alunos já deveriam saber do que estavam falando, pois já deveriam ter aprendido com outro professor. Essa observação também foi feita pelos alunos, que disseram que isso acontecia algumas vezes em que os professores se referiam a outra disciplina afim da sua, um aluno chegou a dizer que isso acontecia às vezes por coincidência, dependendo do professor.

Uma reclamação constante do coordenador e professoras foi o problema da falta de tempo para a organização do trabalho em conjunto, motivo pelo qual eles acreditam ser difícil estar trabalhando interdisciplinarmente, além de terem citado também que foram educados de maneira diferente dessa nova proposta, que acreditam ser mais interessante, mas inviável na medida que não se tem tempo para a organização, não foram instruídos na faculdade e nem ao menos nos cursos de capacitação, para saber como trabalhar com essa proposta.

A intenção da escola em organizar o currículo através de áreas para trabalhar com a interdisciplinaridade, apesar de estar dentro do que se objetiva para o Ensino Médio, seria boa senão fossem os problemas da falta de tempo e da falta de formação dos professores para trabalhar com a proposta, formando barreiras para que sejam cumpridos os objetivos das Diretrizes Curriculares que prevê através da interdisciplinaridade *“a possibilidade de relacionar as disciplinas em áreas de projetos de estudo, pesquisa e ação,(...) sendo uma prática pedagógica e didática adequada aos objetivos do ensino médio.”* Vemos que a proposta é muito interessante, na medida que busca superar a compartimentalização dos conhecimentos, mas pelo menos nessa escola, não se dá a formação e a estrutura necessária para que a escola possa trabalhar de acordo com o desejado, como também critica Franco (2004) já citada anteriormente, no capítulo quarto desse trabalho.

²⁵ Organização das áreas diferente da proposta das Diretrizes Curriculares e dos PCNs.

Quando analisamos o conceito de contextualização, notamos que o conceito foi confundindo às vezes pelo conceito de interdisciplinaridade explicitamente dito, apesar de poder ser entendido como um tipo de interdisciplinaridade, na perspectiva de apontar certos conteúdos disciplinares com o contexto de outros²⁶, não foi essa a perspectiva que as professoras que o confundiram usaram.

Dos três alunos entrevistados, apenas o aluno do 1ºA conseguiu fazer uma relação mais direta entre o que aprendia na escola, com a sua prática no trabalho, além de colocar que o que aprendia na escola servia também para ele saber como se comportar nos lugares, chegando mais tarde a dizer que não questionava os professores, por não ter “moral” já que os professores eram formados e com isso saberiam mais do que ele. Podemos relacionar a postura do aluno com o que Freitas (2003) coloca : “grande parte do tempo escolar é destinado à vivência de práticas de submissão”, os alunos são chamados a participar de forma representativa, não tendo o poder de decidir sua vida escolar. Ele discute ainda a

“sofisticação das formas de controle da escola, em nossa sociedade, percebe que ainda que o aluno permaneça na escola sem aprender Português e Matemática, há o ganho com o cumprimento de outra lógica- a da incorporação de práticas de submissão. Para o sistema, ideologicamente, é importante ter todas as crianças dentro da escola. Caso não aprendam o conteúdo escolar, no mínimo aprenderão a ser submissas. A simples estada do aluno na escola já ensina as relações sociais hegemônicas ali presentes: submissão, competição e obediência a regras.”
(FREITAS, 2003 p.37 e38)

Os outros dois alunos acreditam que o que aprendem na aula não conseguem relacionar com o cotidiano, demonstrando que não estão conseguindo construir uma competência ligando a teoria e a prática, diferente do aluno do 1ºA que parece estar conseguindo fazer essa relação. A aluna do 3ºA ainda coloca que essa relação depende muito do professor, citando a professora de biologia, como ótima professora, pois procura dar uma boa base para os alunos fazerem o vestibular, dizendo que o vestibular faz parte da vida dela, assim como muitos jovens que apontam a universidade como o motivo de estarem cursando o ensino médio, como afirma (Franco 2001) “*observa-se , em 50% dos casos, a crença de que a escola possibilitará melhores oportunidades de ‘ser alguém na vida’ ou de ‘ingressar no mercado de trabalho’ . Almejar o ingresso no ensino superior*

²⁶ Conceção retirada das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

também é razão apontada por 37% dos alunos, sendo que apenas 6% declaram que estão na escola por obrigação ou por insistência dos pais” (FRANCO, 2001 p.178)

Os alunos também dizem que algumas disciplinas os ajudarão na sua vida profissional, desde que seja na área de trabalho que escolherem, mas independente da área todos acabaram citando português ou matemática.

Quanto a participação dos alunos nas aulas, eles dizem que é aberto para quem quiser participar, o aluno do 1º A dá exemplos de participação como resolver exercícios, ler um texto, nos dando a impressão que na verdade eles não tem uma participação ativa na aula, talvez porque se sintam inferior ao professor, como já dissemos anteriormente. O aluno do 1º H já nos dá outra perspectiva de participação, pois diz que os alunos podem debater com o professor quando não concordam com alguma coisa, fazer perguntas, tudo isso dependendo se a matéria e o professor os estimulam a esse comportamento. A aluna do 3º H diz que a participação da classe não é boa, tanto nas aulas que os incentivam a participar, como nas outras aulas, ligando ao fato de que os alunos vêm a escola como uma obrigação e por conta da constante falta de professores.

As professoras de biologia e português disseram que ao começar uma matéria nova fazem um resgate dos conhecimentos que os alunos possuem sobre o conteúdo a ser ensinado, geralmente colocando um filme ou uma música para contextualizar o que estão falando. Contudo os alunos ao falarem como as professoras iniciam a matéria nova, disseram que elas costumam passar o conteúdo na lousa, explicar e passar os exercícios, dizendo que quem aprendeu deve rever e quem não aprendeu estará aprendendo. Apenas a aluna do 3º ano citou os professores de história e geografia²⁷ que discutem assuntos sobre a atualidade, misturando o que eles querem explicar, com o que está acontecendo hoje. Fala também da professora de sociologia que faz debates sobre a atualidade, mas não dá espaço para os alunos participarem, ficando uma *“aula só dela”*.

O que podemos analisar através das falas dos alunos é que mesmo o professor trazendo fatos cotidianos que saem nos jornais ou revistas, os alunos não relacionam isso com seu cotidiano, nos colocando algumas questões: Será que os alunos não vêm o que acontece por exemplo na política do país, como algo que faz parte da vida deles, porque não se interessam pelo assunto ou porque acreditam que não fazem parte disso?

Um ponto importante a ser analisado em relação ao conceito de contextualização, é de que as professoras de biologia e português queixaram-se bastante dos alunos não possuírem conhecimentos prévios, desejados por elas, dizendo que os

alunos acreditam que quando as professoras trazem músicas, ou questões referentes a política atual do país elas estão “*matando aula*”, pois não conseguem fazer uma relação disso com o seu cotidiano e o conteúdo a ser estudado.

Freitas (2003) acredita que os estudantes de um nível socioeconômico mais baixo é uma poderosa variável explicativa de seu rendimento, já que possuem um capital cultural e social diferente do que a escola (de criação burguesa) espera e exige do seu aluno. Vemos que esse tipo de queixa está na fala dos professores de todos os níveis de ensino, principalmente o de Ensino Médio que historicamente é um nível de ensino ocupado pelas classes mais favorecidas, exclusivamente preocupado com a preparação para o nível superior. É o que também diz Krawczyk (2003)

“o aumento da demanda da escola média está acontecendo por sobre uma estrutura sistêmica pouco desenvolvida, com uma cultura escolar incipiente para o atendimento dos adolescentes das camadas populares, uma vez que, historicamente, a escola secundária, dirigida apenas para responder às necessidades de setores médios e da elite, teve como referência mais importante somente os requerimentos do exame de ingresso à educação superior.”
(KRAWCZYK, 2003)

A respeito do material didático, as professoras dizem utilizar o livro e a apostila como base do material didático.

As professoras também reclamaram das condições estruturais da escola, como a falta de um laboratório de biologia, do laboratório de informática estar sempre com problemas, da escola não possuir uma máquina copiadora, fazendo que com os professores que desejam levar alguma notícia de jornal, revista ou vídeo para discutir ou contextualizar sua matéria tenham que pagar os gastos por conta própria. “*O governo pede uma coisa e a escola tem uma estrutura que não atende a isso que ele pede e aí fica meio complicado.*” (Professora de Biologia)

Mais uma vez a pesquisa mostra que as Reformas que espera-se da Escola Média está acontecendo sob uma estrutura pouco adequada para o que se espera da escola e de seus professores.

Os projetos que a escola desenvolve podem ser vistos como uma forma de estar trabalhando a interdisciplinaridade e a contextualização, contudo com o que vimos isso bem pouco acontece, pois os projetos desenvolvidos na escola são feitos por poucos professores, não são feitos em todas as classes, às vezes acontecendo de uma sala apenas ter o projeto com o professor de uma disciplina, sem contar que a organização

²⁷ esses professores não foram entrevistados

dos projetos é feita nos intervalos das aulas e nos corredores da escola, pela falta de tempo que os professores tem de se encontrar. O coordenador pedagógico não dá nenhum apoio metodológico aos professores, para os projetos estarem sendo elaborados e aplicados, com a desculpa da falsa autonomia, de que os professores é que sabem o que é melhor para os alunos, então devem ser livres para planejar sozinhos e como quiserem. Deixando claro que os alunos não participam da decisão do tema do projeto, pois afirma que os alunos não os procuram com idéia de algum projeto. Será que alguma vez foi perguntado aos alunos o que gostariam de trabalhar em um projeto?

As professoras de biologia e português dizem que os alunos não gostam de participar dos projetos, pois eles têm mais trabalhos a fazer, e acreditam que é uma maneira dos professores estarem “*matando aula*”, pois não conseguem fazer uma relação com o conteúdo que estão aprendendo e o projeto, por isso as professoras acreditam que os alunos preferem quando elas dão as aulas tradicionais (com matéria na lousa e o professor falando a matéria). Minha questão aqui é: será uma preferência dos alunos ou das professoras, que acreditam ter mais atenção dos alunos quando dão esse tipo de aula ?

Já a professora de geografia afirma que os alunos gostam de participar dos projetos, pois é algo diferente para eles, pois participam de discussões e de outras atividades. Devido a essa informação deve-se investigar melhor se os alunos gostam ou não gostam dos projetos desenvolvidos na escola, se eles tem mais facilidade em aprender dessa maneira e como esse projetos são aplicados para termos certeza antes de criticar os projetos desenvolvidos.

Apesar de ter tentado fazer uma primeira investigação sobre o fato, os alunos entrevistados e os que tive uma conversa informal, disseram que não sabiam que as atividades que tinham feito fazia parte de um projeto, afirmando que suas turmas não participaram de nenhum projeto, demonstrando que os projetos não estão sendo passados de maneira clara para os alunos, como constatei em uma observação na aula de geografia, já citada anteriormente.

Todos os alunos entrevistados apontam o “Família vai a Escola” como um projeto, apesar de apenas o aluno do 1ºH frequentar esse projeto, isso nos dá a idéia que todos o citaram pois é um projeto que está bem divulgado e porque também é um programa estadual que tem o objetivo de introduzir a comunidade na escola, tentando criar um ambiente onde os jovens sintam que fazem parte da escola, já que existem atividades como dança, música e esportes. Segundo Krawczyk (2003) essas atividades

recreativas que nem sempre refletem a prática intelectual da escola, buscam por meio do reconhecimento das preferências dos jovens, uma imagem positiva deles.

As professoras e coordenador demonstraram também dificuldades para falar sobre o conceito de competência. Cada um a definindo de uma maneira diferente, como vimos no item anterior. Uma questão interessante que surgiu a partir das entrevistas, foi o fato das professoras e coordenador terem mencionado “*competência leitora*” pelo menos uma vez nos depoimentos. Podemos perceber também através de suas falas, que confundiram competência com competente, mostrando que não possuem uma sólida base teórica para entender o conceito.

Com os alunos foi o contrário, todos expressaram sua opinião vinculando o conceito a: cumprir corretamente suas obrigações, **saber fazer** alguma coisa, saber as coisas e ser inteligente. Isto me chamou a atenção devido a falta de informação que eles manifestaram sobre a Reforma.

Diante das respostas das professoras, coordenador e alunos podemos nos perguntar se no cotidiano da escola está sendo de fato criado um novo significado para o conceito de competência?

Os documentos como o PCN e as Diretrizes Curriculares que seriam para ajudar os docentes da escola a entenderem melhor o conceito e a trabalhar com ele, parecem não estar ajudando, pois vemos nas entrevistas que as maiores dificuldades em entender os documentos estão relacionadas a uma linguagem difícil de ser interpretada, já que as pessoas que os escrevem não fazem parte do cotidiano da escola, desconhecendo os problemas e da realidade que o professor enfrenta dentro da sala de aula. No caso do PCN servindo mais de consulta aos professores. Também se queixaram bastante sobre o fato das mudanças serem passadas de “cima para baixo” sem qualquer apoio para entenderem realmente o que e como precisam trabalhar.

Apesar de todas as mudanças propostas, a maneira de avaliar ainda continua a mesma: a prova. Todas as professoras disseram que avaliam seus alunos por meio de provas e duas disseram avaliar também a participação dos alunos na sala de aula, apesar de ser uma avaliação superficial, pois as professoras não têm como saber quem está ou não participando, já que ministram aulas para muitas classes e não sabem o nome de todos os alunos. Quando questionadas sobre o que achavam mais importante na formação dos alunos citaram: espírito crítico, saber tomar decisões, conhecer a si mesmo e o lugar onde habita, interpretar e entender o que lêem.

Como já dissemos anteriormente, Perrenoud (1999) diz que é impossível avaliar as competências de maneira padronizada e competitiva, como são as provas e o próprio ENEM, pois devem ser avaliadas em situações em que o professor possa comparar a tarefa realizada com o que o aluno fez ou faria se fosse mais competente, sem comparar com outro aluno (PERRENOUD, 1999 p.78)

Com a fala de autor especialista em competência podemos ver que os documentos pedem um ensino baseado no modelo de competência, mas não o avalia de maneira correta, evidenciando que os documentos propõe um modelo de ensino incoerente com o método de avaliação.

Nos depoimentos o coordenador e as professoras disseram que a discussão sobre os conceitos abordados (interdisciplinaridade, contextualização e competência) quando são discutidos, são de maneira superficial nos cursos de capacitação e nas HTPC. Esses espaços de tempo que deveriam ser ocupados com essa finalidade, além de ajudar o professor a buscar novos caminhos e metodologias de ensino, no caso dos cursos de capacitação e para organização do trabalho pedagógico e dos projetos para as HTPC, são ocupados para o preenchimento de formulários, dando ênfase a burocracia, como foi enfatizado pelas professoras.

Podemos perceber que as HTPC estão sendo usadas para diversas coisas como cursos de capacitação e preenchimento de formulários, exceto para a sua finalidade, que é o professor trabalhar coletivamente, fazendo planejamento e projetos, discutindo problemas com seus colegas. Para resolver esse problema deveria ser criado um outro horário para os professores fazerem os cursos de capacitação e preencherem a “burocracia” que todas citaram. Vimos pela fala da professora de português o quão importante são os cursos de capacitação para a formação do professor, e para isso o governo deve investir mais nesse tipo de curso, para que cada vez mais o professor possa encontrar alternativas de metodologia e avaliação do ensino.

Assim como neste trabalho, a pesquisa que já citamos realizada por Krawczyk e Zibas (2001) também foi colocado a importância do planejamento coletivo para trabalhar de forma interdisciplinar e a reivindicação dos professores em terem um horário para fazer seu planejamento individual e coletivo.

Um tema muito relevante e interessante que apareceu na pesquisa, que a princípio não era uma questão que queríamos tratar foi a discutível identidade do Ensino Médio. Como vimos nas respostas das professoras, dos alunos e do coordenador, o ensino médio atual ainda continua passando por uma crise de identidade, pois na visão

das professoras e do coordenador o ensino médio não está conseguindo atingir os objetivos deste nível de ensino segundo a LDB 9.394/96 que visa formar para o trabalho, para a continuidade dos estudos e para a cidadania.

A identidade do Ensino Médio não é um problema, pois como dissemos é historicamente indefinida, pois logo que surgiu, ainda no Brasil colônia, tinha o objetivo de preparar os alunos para a universidade, não era um curso com uma finalidade terminal, nem com aprofundamento, era considerado um curso de passagem para alcançar o nível superior.

Com a expansão industrial surge o ensino técnico como política de desenvolvimento para o país. Conforme vimos, o ensino médio propedêutico juntou-se com o ensino técnico nos anos 70, voltando a se desvincular em 1996 com a LDB 9394/96 que inclui o ensino médio na educação básica junto ao ensino infantil e ao ensino fundamental, com a finalidade de assegurar uma formação para o exercício da cidadania e para prosseguir no trabalho e em estudos superiores, conforme o artigo 22 da lei.

O debate então, sobre a identidade do ensino médio está ligado as dificuldades para determinar sua finalidade, levando em conta a demanda, a composição e a necessidade dos alunos. As Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio reconhecendo este problema, prevê através da Resolução nº03/1998/CNE que cada escola construa sua identidade dentro da própria comunidade. Para isso as escolas devem planejar espaços e equipamentos com as especificidades dos jovens, deve haver mudanças no currículo, na gestão escolar, no espaço físico, criando um espaço específico para o ensino médio, tirando o do espaço ocioso do ensino fundamental, que como vemos em muitos lugares, acaba ocupando o prédio do ensino fundamental, quando este não está sendo ocupado. Situação da escola onde foi realizada a pesquisa.

“A identidade do Ensino Médio na atual reforma, será constituída pedagogicamente com base em um currículo diversificado e flexibilizado. Esse é considerado o grande eixo de mudanças do Ensino Médio. Socialmente, a identidade do Ensino Médio estará condicionada à incorporação das necessidades locais – características dos alunos e participação de professores e famílias na configuração do que é adequado a cada escola. O novo currículo envolve a base comum nacional e a parte diversificada, com conteúdos e habilidades a serem definidos clara e livremente pelos sistemas de ensino e pelas escolas, dentro dos princípios pedagógicos de identidade, diversidade e autonomia, como forma de adequação às necessidades dos alunos e ao meio social.” (DOMINGUES, TOSCHI, OLIVEIRA, 2000, s/p)

Assim como outros autores, Prado (2002) afirma que houve um fim da dualidade do ensino médio, pois ao juntar-se com a educação básica deixa de ser um apêndice do ensino superior, criando uma identidade própria. O autor propõe que as escolas devem ser flexíveis e autônomas, para definirem seus projetos pedagógicos e currículo.

Barreto (2002) também chama atenção para a dimensão do conceito de identidade na organização curricular, para ela só o fato da *identidade* estar dentre os princípios que fundamenta o currículo, isto pode estar indicando que a escola está sendo vista como um espaço de construção de identidades.

O mais interessante encontrado na pesquisa é que o coordenador e as professoras vêem essa falta de identidade do Ensino Médio devido a separação do Ensino Técnico, com uma opinião contrária aos autores citados, pois antes da Reforma, os alunos pelo menos eram preparados para ter uma profissão, percebendo que eles entendem que apenas através de um ensino técnico, os alunos poderão ser formados para o trabalho, mostrando que desconhecem a discussão de que o modelo de competências, a interdisciplinaridade e a contextualização estão fortemente ligadas a preparação de um novo trabalhador, como discutimos no início do trabalho.

Atualmente na visão dos entrevistados o ensino médio não prepara os alunos para o trabalho, nem para o vestibular e muito pouco para a cidadania, pois acreditam que essa última formação não depende só da escola, mas sim do interesse do aluno em estar interessado no que o professor está ensinando. Segundo a fala do coordenador da escola, formar para vida foi o que restou ao atual Ensino Médio da rede pública. Quando questionados sobre o porquê da falta de interesse dos alunos, responderam que isso é causa da falta de finalidade do que eles estão fazendo no Ensino Médio, pois têm consciência de que não conseguirão entrar em uma universidade pública (onde eles possuem chance de se manter, pois uma faculdade particular não conseguiriam pagar), têm consciência de que um emprego será difícil conseguir, inclusive os alunos falaram bastante em fazer um curso técnico para os ajudar a conseguir um emprego. Dessa forma os alunos ficam desmotivados a irem na escola, além do fato de que como disse a aluna do 3º ano A, eles encontram a escola sem professores (pois faltam muito durante as aulas) e com uma coordenação desorganizada.

Os alunos entrevistados colocam que o ensino médio tem a finalidade de os preparar para o Ensino Superior. Devemos destacar a opinião da aluna do 3º ano A que diz que a intenção da escola é preparar os alunos para o vestibular, mas como o ensino está fraco, ela acha que não está adiantando fazer o ensino médio, só o faz por obrigação

e para colocar em seu currículo, mais uma vez se encaixando nas estatísticas apresentadas por Franco (2001). Percebemos nessa pesquisa e na pesquisa da autora que os jovens não vêem a escola como uma instituição cultural que poderá os ajudar a construir sua cidadania, como é objetivo do Ensino Médio. Os estudantes de uma maneira em geral estão vinculando a escola de nível médio ao trabalho e ao vestibular, esquecendo-se da outra função da escola, que já professoras e coordenador colocaram como uma função que a escola está tentando formar, descartando a formação para o Ensino Superior e o trabalho.

Podemos ver nesta escola que a falta de identidade do Ensino Médio está relacionada com a falta de motivação dos estudantes e da falta de sentido para o trabalho dos professores, na escola, dessa forma deve-se pesquisar para saber se isso é um problema dessa escola ou um problema que atinge toda uma rede de ensino.

Em relação as consequências das mudanças advindas com a Reforma, as opiniões foram diversas pois, ainda não conhecem muito bem a Reforma e por que também acreditam que a clientela que estão recebendo agora na escola, está com um nível muito inferior do que ao que recebiam antes, voltando a questão que colocamos no início deste tópico.

Considerações Finais

Pudemos perceber que historicamente a escola de Ensino Médio atendeu os interesses das elites, mas com as políticas de universalização do Ensino Fundamental, as camadas populares começaram a chegar neste nível de ensino, que bem pouco preparado está para atender essa nova clientela, que deposita sua confiança na escola em relação ao seu futuro, valorizando o estudo como um meio de ascender economicamente e socialmente e de conseguir melhores condições de trabalho, apesar das pesquisas mostrarem que o desemprego atinge em maior número quem está cursando ou quem já concluiu o Ensino Médio, provando como afirma Sposito (2004) que não há relação direta entre um maior nível de escolaridade e o emprego.

Observamos através desta pesquisa e de outras, que o Ensino Médio está associado entre outros significados, ao trabalho e ao futuro profissional dos alunos, fazendo disso um estreito vínculo entre a escola e o trabalho.

Como já discutimos o modelo de competências é incorporado as reformas educacionais, sobretudo na Reforma Curricular do Ensino Médio, responsabilizando esse nível de ensino em formar competências que faça de seus alunos, trabalhadores adaptados ao novo modelo produtivo, como afirmam os críticos deste modelo.

Com certeza demos levar em alta consideração as críticas feitas ao modelo de competências, mas nos cabe apontar que este modelo pode ser transformador da realidade social, desde que a escola crie condições para que as competências sejam construídas, com o objetivo do crescimento intelectual, da capacidade crítica, da autonomia e da cidadania dos alunos.

Para a escola criar condições para que o modelo de competências não reproduza os interesses do mercado de trabalho, devemos primeiramente equipar as escolas com uma estrutura condizente ao que a Reforma solicita e depois preparar o corpo docente para progressivamente se identificar com a Reforma, ou seja, através do estudo e da análise das propostas, terão condições de transformar suas práticas (historicamente acumuladas) em práticas que criem condições para que o modelo de competências incorporado a Reforma seja um instrumento de transformação e não de reprodução. Concluindo, defendemos um modelo de competências que tenha como princípio educativo o trabalho, desde que esse não esteja vinculado aos interesses capitalistas.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez Campinas (SP): Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

BARRETO, Elba S. S. As novas políticas para o ensino médio no contexto da educação básica. In: ZIBAS, Dagmar; AGUIAR, Márcia; BUENO, Marias. **O ensino médio e a reforma da educação básica**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BRASIL. Leis, Decretos (1996). **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, MEC.

BRASIL. MEC, CNE, **Parecer nº 03/1998** da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. [on line] Disponível em: <http://www.mec.gov.br/cne>. Acesso em 10 de Agosto de 2005.

BRASIL, MEC/SEMTEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro : Zahar, 1977.

BUENO, Maria Sylvia Simões. Orientações nacionais para a reforma do ensino médio: dogma e liturgia. **Cadernos de Pesquisa**, março 2000, nº 109, p. 7-23.

CARNOY, Martin, LEVIN, Henry. **Escola e trabalho no estado capitalista**. São Paulo: Cortez, 1987.

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

DELUIZ, Neise. O modelo de competências profissionais no mundo do trabalho e da educação: implicações para o currículo. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v.27, nº3, set. /dez.,2001.

DEUSAULNIERS, Julieta B. R. Formação, competência e cidadania. **Educação e Sociedade**, dez. 1997, vol.18, nº.60, p.51-63.

DOMINGUES, J.J.; TOSCHI N. S. ; OLIVEIRA J. F. A Reforma do Ensino Médio: a nova formulação curricular e a realidade da escola pública. **Educação e Sociedade**, abr. 2000, vol.21, nº70, p. 63-79.

FELIPPE, Beatriz Tricerri. Refletindo sobre o Ensino Médio brasileiro. **Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis**, nov.2000, vol.3, p.11-149.

FILMUS, Daniel. A Educação Média diante do mercado de trabalho: cada vez mais necessária, cada vez mais insuficiente. In: BRASLAVSKY, Cecilia (org.) Educação Secundária: Mudanças ou imutabilidade? Brasília: UNESCO, 2002.

FREITAS, Luis Carlos. **Ciclos, Seriação e Avaliação: Confronto de Lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Ensino médio e ensino técnico no Brasil e em Portugal: raízes históricas e panorama atual**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. Cap. 1, 2, 3, 4. p.9- 97.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do Ensino Médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, março 2001, nº 112, p.167-183.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações ao modelo de competência. In: FERRETI, Celso João.et al (organizadores). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JAMATI, Viviane Isambert. O apelo à noção de competência na revista L' Orientation scolaire et professionnelle- da sua criação aos dias de hoje. In: ROPÉ, Françoise, TANGUY, Lucie (Orgs.) **Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa**. Campinas, SP: Papirus, 1997. Cap. 3, p. 103-133.

KRAWCZYK, Nora. A escola média: um espaço sem consenso. **Cadernos de Pesquisa**, Nov. 2003, nº.120, p.169-202.

KUENZER, Acácia (org). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2002.

KUENZER, Acácia Zeneida. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v.28, nº2, maio /ago.,2002.

LAUDARES, João Bosco e TOMASI, Antônio. O técnico de escolaridade média no setor produtivo: seu novo lugar e suas competências. **Educação e Sociedade**, dez. 2003, vol.24, nº.85, p.237-256.

LEITE, Márcia de Paula, RIZEK, Cibele Saliba. Projeto: reestruturação produtiva e qualificação. **Educação e Sociedade**, nº 58, julho1997. p.178-198.

LEITE, Márcia de Paula. **Trabalho e Sociedade em transformação: mudanças produtivas e atores sociais**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

LOPES, Alice Casimiro. **Competências na organização curricular da reforma do ensino médio**. [on line]. Disponível em <<http://www.senac.br/informativo/BTS/273/boltec273a.htm>>. Acesso em 07 março 2005.

MACHADO, Lucília R. de S. O “modelo de Competências” e a regulamentação da base curricular nacional e de organização do Ensino Médio. **Trabalho e Educação**, ago./dez. 1998, nº4, p. 79-95.

_____. A institucionalização da lógica das competências no Brasil. **Pró- Posições**, jan/abr. 2002, vol.13, nº1, p.92-110.

MAIA, Eny, CARNEIRO, Moaci. **A reforma do ensino médio em questão**. São Paulo: Biruta, 2000

MARKERT, Werner. Educação Profissional e Competência: mudanças no mundo do trabalho e conceitos pedagógicos para o Ensino Técnico. In: ZIBAS, Dagmar; AGUIAR, Márcia; BUENO, Marias. **O ensino médio e a reforma da educação básica**. Brasília: Plano Editora, 2002.

MARTINS, Ângela Maria. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio: avaliação de documento. **Cadernos de Pesquisa**, março 2000, nº 109, p.67-87.

MELLO, Guiomar Namo de Mello. **As novas diretrizes para o ensino médio**. São Paulo: Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), 1998.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

RAMOS, Marise Nogueira. O “novo” ensino médio à luz de antigos princípios: trabalho, ciência e cultura. **Boletim Técnico do Senac**, maio/ago, 2003, nº2, p. 19-27

RICO, Juan Pablo Garulo. **O modelo pedagógico de competências como eixo orientador das políticas públicas de educação profissional**. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação – Currículo), PUC.

ROMANELLI, Otaiza de O. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROPÉ, Françoise, TANGUY, Lucie (Orgs.) **Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SILVA JUNIOR, João do Reis, GONZALEZ, Jorge Luis Cammarano. Reformas educacionais, competências e prática social. **Trabalho e Educação**, jul/dez 2001, nº9, p.37-77.

SILVA JUNIOR, João dos Reis. Mudanças estruturais no capitalismo e a política educacional do Governo FHC: o caso do ensino médio. **Educação e Sociedade**, set. 2002, vol.23, no.80, p.201-233.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil**. 2004 (Este artigo será publicado como capítulo do livro Retratos da Juventude Brasileira (título provisório) organizado por Helena W. Abramo e Pedro P. M. Branco, co- editado pelo Instituto da Cidadania e Fundação Perseu Abramo, no prelo.

STROOBANTS, Marcelle. A visibilidade das competências. In: ROPÉ, Françoise, TANGUY, Lucie (Orgs.) **Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa**. Campinas, SP: Papirus, 1997. Cap. 4, p. 135-166.

WOMACK, J. JONES, D. e ROSS, D. **A máquina que mudou o mundo**. Rio de Janeiro: Campus , 1992.

ZIBAS, Dagmar M. L. (Re) significando a reforma do Ensino Médio: O discurso oficial e outros filtros institucionais. In: In: ZIBAS, Dagmar; AGUIAR, Márcia; BUENO, Marias. **O ensino médio e a reforma da educação básica**. Brasília: Plano Editora, 2002.

Anexo 1: Roteiro das Entrevistas

Questões para a Coordenação

- *Quantos anos está na escola? Quantos anos está na coordenação? Formação?
- *Nos últimos anos houve mudanças no currículo da escola? Conte como foi.
- *Você conhece o plano de Reforma para o Ensino Médio? Como conheceu? O que pensa sobre a Reforma?
- *Para você o que tem de novo nessa reforma?
- *O que tem de novo no currículo?
- *Como essa Reforma Curricular foi implantada na escola? Quem participou? Como foi?
- *A escola tem autonomia para a elaboração dos projetos pedagógicos e do currículo?
- * Como é o relacionamento da escola com a Secretária a respeito dessa autonomia?
- *O PCN é trabalhado na escola? O que você pensa a respeito dos PCNs? O que os professores dizem sobre o PCN?
- *O que você pensa sobre o conceito de Interdisciplinaridade? O que traz de novo para o currículo da escola?
- *Você acha que a interdisciplinaridade é viável? Por que ?
- *Vocês põe em prática isso?
- * O currículo dessa escola está organizado por áreas ou disciplinas? Por que ?
- *(Caso for por áreas, como funciona? Como os professores se organizam para esse trabalho? Existem projetos entre as áreas? Como funciona? Como os professores se organizam para esse trabalho? Existem projetos entre as áreas?)
- *(Caso for por disciplinas, existe algum projeto interdisciplinar? Quais? Como funciona? Como os professores se organizam para esse trabalho?)
- *O que você pensa pelo conceito de contextualização?
- *O que significa? O que traz de novo?
- *Como você tem trabalhado esse conceito com os professores?
- * Existem projetos na escola?Como surgiram? Quem participou da construção desse projeto?
- *Como definem o tema do projeto? Como os alunos ficam sabendo?
- * O que você pensa sobre o conceito de competência? De que maneira você o conheceu?

- * A noção de competência foi difundida principalmente através das Diretrizes e do PCN, você acredita que esses documentos ajudam a entender o conceito e a trabalhar com ele na escola? Por que?
- * Com essas mudanças foram adotadas novas metodologias e avaliação do ensino? Quais e como aconteceram? Você acha que está dando certo? Por que?
- * Os professores discutem sobre esses conceitos (interdisciplinaridade, contextualização e competência)? Em que momento? O que dizem a respeito?
- * Os professores participam de algum tipo de curso de capacitação? Se (sim) são discutidos esses conceitos? Como isso é abordado?
- * Nas HTPCs são abordadas discussões sobre a reforma? Como isso é feito ?O que os professores acham dessas discussões?
- *Para você, qual é finalidade do ensino médio?
- * Dentro da discussão que tivemos você acredita que essas mudanças estão melhorando a qualidade do ensino? Por que?

Questões para os Professores

- *Quantos anos está na escola? Formação?
- *Nos últimos anos houve mudanças no currículo da escola? Conte como foi. Você participou?
- *Você conhece o plano de Reforma para o Ensino Médio? Como conheceu? O que pensa sobre a Reforma?
- *Você participou da implantação da Reforma nessa escola ou em outra? Como aconteceu?
- *Você acha que a escola tem autonomia nestas questões?
- * O Que você pensa pelo conceito de contextualização?
- * Você acha que isso tem sentido para sua disciplina?
- * Que tipo de material didático seus alunos utilizam em sua aula?
- *Você acredita que para ensinar a sua disciplina você pode utilizar acontecimentos do cotidiano dos alunos ou de acontecimentos atuais? Se (sim) como isso acontece? Dê exemplos.
- *O que você pensa pelo conceito de Interdisciplinaridade?
- *Você acha que para sua disciplina é viável?
- *Existe algum projeto na escola ?Como é ? Quem participa?

- *Você tem autonomia para elaborar e aplicar projetos? Como acontece isso?
- *Você considera os conhecimentos que seus alunos possuem nas outras disciplinas para ensinar seus conteúdos? De que maneira?
- *Em sua disciplina você utiliza algum recurso didático? Como usa e com que frequência? Para que eles servem aos alunos?
- *Você conhece o PCN? Você tem acesso a ele? Você trabalha com ele? Você acha que tem informações suficientes? Você define o seu programa de curso com base no PCN? Por que?
- *Como você escolhe os conteúdos que trabalha? Por que? Os alunos de alguma maneira participam dessa decisão?
- * Quando você inicia um novo conteúdo, que metodologia utiliza? Por que?
- * O currículo dessa escola está organizado por áreas ou disciplinas? Se o currículo for organizado em área: (como funciona? Como os professores se organizam para esse trabalho? Existem projetos entre as áreas? Quais? Como estão sendo desenvolvidos? O que os alunos acham desses projetos? Como é a participação deles? Você acha que está dando certo?) Se o currículo for organizado por disciplinas: (Existe algum projeto interdisciplinar? Quais? Como funciona? Como os professores se organizam para esse trabalho? O que os alunos acham desses projetos? Como é a participação deles? Você acha que está dando certo?)
- * O que você acha mais importante para a formação dos alunos através da sua disciplina?
- *O que você avalia no seu aluno, para saber se isso foi alcançado?
- * O que você pensa pelo conceito de competência? De que maneira você o conheceu?
- * A noção de competência foi difundida principalmente através das Diretrizes e do PCN, você acredita que esses documentos ajudam a entender o conceito e a trabalhar com ele na escola? Por que?
- *Você participa de algum tipo de curso de capacitação? Se (sim) são discutidos esses conceitos? Como isso é abordado?
- *Nas HTPCs são abordadas discussões sobre esses conceitos? Como isso é feito? O que você acha dessas discussões?
- *Para você, qual é finalidade do ensino médio?
- *Dentro da discussão que tivemos você acredita que essas mudanças estão melhorando a qualidade do ensino? Por que?

Questões para os Alunos

- *Sua escola passou por alguma reforma nos últimos anos? Como foi?
- *Você já ouviu falar que o Ensino Médio está passando por uma Reforma? Como ficou sabendo? O que sabe sobre isso? O que pensa a respeito?
- *O que você acha que é interdisciplinaridade? Já ouviu falar sobre isso? O que ouviu ? De quem ouviu?
- *Você acha que isso acontece na escola? Como?
- *Você consegue relacionar os conteúdos que aprende em uma disciplina com outra disciplina? Quais as disciplinas em que isso ocorre mais? Cite exemplos.
- * O que você aprende em uma disciplina te ajuda em outras? Como? Exemplos.
- *Os professores relacionam a sua disciplina com outras? Como fazem isso ? Exemplos.
- *O que você acha que é contextualização?
- *Você acredita que as coisas que aprende, fazem parte do seu cotidiano? Por que ? como?
- *Para que te serve no cotidiano os conhecimentos que você aprende na escola? Cite exemplos.
- *Você acredita que os conteúdos que aprende na escola poderá ser utilizado também na sua vida profissional? Se (sim) de que forma? Se (não) por que?
- * Nas aulas, de que maneira os professores costumam introduzir um conteúdo novo?
- *Você já ouviu falar em competência? O que ouviu? De quem ouviu? O que você acha que é competência?
- * Quais as atividades que você participa na escola? De que maneira isso acontece?
- * Você tem oportunidade de participar das aulas? De que maneira?
- *Para que você acha que tem o Ensino Médio?
- *Você acredita que o conhecimento que adquire na escola vai melhor te preparar para a vida, para o vestibular ou para o trabalho? Por que?

Anexo 2: Quadro Comparativo das Entrevistas: Coordenador, Professoras e Alunos

Coordenador:

Características do profissional	Está a 5 anos na escola, 10 meses como coordenador, é formado em matemática licenciatura, coordena o ensino médio diurno e de 5ª a 8ª séries e ajuda no ensino médio noturno, pois está sem coordenador.
Mudanças no currículo	Pequenas mudanças na grade curricular , de 5 aulas diárias passou a se ter 6 aulas. então foi mudando uma disciplina e outra no currículo.
Quem fez esta mudança?	que eu me lembro, foi uma coisa para todas as escolas, veio da diretoria de ensino, não foi a escola que decidiu.
A escola tem autonomia para elaborar ou fazer mudanças no currículo?	se diz muito que a escola tem autonomia, mas na verdade não é bem assim, se eu quiser mudar a carga horária de uma disciplina eu não posso, são coisas que são passadas pra gente e a gente tem que obedecer, tem algumas coisas que a escola tem autonomia, por exemplo, (participar de alguns eventos, de cursos de capacitação e elaborar projetos) mais do resto é mais difícil se tem a interferência do Estado olha a gente analisa e passa para os professores , e eles decidem se querem ou não participar, a gente fala, se eles não querem é problema de cada um.
Quem decide as questões na escola	
O que conhece sobre a Reforma Curricular do E. Médio e onde conheceram a Reforma	na faculdade e eu estava fazendo licenciatura, eu me lembro dos professores falarem alguma coisa a respeito, mas não me lembro bem o que eles falaram, com essa reforma nós tivemos a alteração na grade e que agora nós temos que trabalhar mais com a interdisciplinaridade , os professores agora estão mais organizados por área pra fazer o planejamento anual
Como essas mudanças foram implantadas na escola, quem participou ?	Eu não sei te dizer, as coisas vão chegando, e a gente tem que se adaptar do jeito que dá, na época que começaram as mudanças eu era professor e então a gente não acompanhava bem essas questões, é uma coisa que é passada do Estado pra gente , eu não sei como foi feita essas mudanças.
Organização do currículo	Organizado por área , mas as disciplinas não acabaram, o que a gente vem fazendo já tem algum tempo é se dividir, os professores de exatas e de humanas se reúnem pra tá discutindo, pra fazer o planejamento anual , pra que se tenha mais ligação entre as disciplinas e estar tentando fazer a interdisciplinaridade
Organização do trabalho por área	no início do ano eles se dividem, pra tá fazendo o planejamento , agora no restante do ano isso é mais difícil, não tem como reunir , por que cada um faz HTPC num horário, quando um tá fazendo HTPC, o outro tá dando aula, então fica mais difícil
O que sabe sobre Interdisciplinaridade	interdisciplinaridade é uma coisa nova no ensino, eu acho que é bem interessante a proposta, mais é difícil tá fazendo, Por que aqui na escola nenhum professor tenha sido educado dessa maneira, então a gente não sabe bem como fazer , o que a gente faz é se organizar em áreas , pros professores das matérias afins poderem estar conversando se organizando, eu fui professor e eu sei como é, a gente não tem tempo de se reunir , pra tá conversando, pra tá organizando algum projeto.
interdisciplinaridade é viável?	eu acho... desde que se tenha tempo pra você discutir com seus colegas, eu acho a proposta ótima, mas a gente não tem tempo pra tá fazendo, tudo interligado... isso é ilusão, enquanto a gente não tiver um tempo só pra isso, não vai acontecer da maneira que deve ser.
O pensa sobre contextualização	É bom a gente tá contextualizando a aula, trazendo coisas atuais pra se tá discutindo com os alunos , você tá sempre ligado no mundo, poder discutir como os alunos.
O que traz de novo para o currículo	você tá discutindo coisas que acontecem, você vê os professores trazendo notícias de jornal, revista , pra tá discutindo com os alunos (não existia no seu tempo de escola)

Projetos: existe projeto entre as áreas?	os professores procuram trabalhar mais na sua área, mas acontece sim de um professor de exatas estar participando de um projeto de humanas, como o contrário também.
Como os professores se organizam para fazer os projetos?	é uma coisa bem louca, eu me lembro que a gente se encontrava no corredor, na sala dos professores no intervalo, então é assim bem corrido, pela falta de tempo para reunir os professores.
Quais são os projetos existentes na escola?	tem 4 projetos em andamento, o projeto sobre o respeito, sobre a água, sobre o preconceito racial e sobre as drogas.
Os alunos tem participação na escolha do tema?	tem e não tem, por que é assim eles não vem falar pro gente: a gente queria um projeto sobre tal coisa, são os professores que sentem a necessidade que eles tem e elabora o projeto, então é claro que ninguém aqui vai colocar um tema que não tem nada a ver com eles, então desse modo eles participam da decisão do tema.
O que pensa sobre o conceito de competência	esse conceito é muito confuso, ele te dá várias interpretações, o que eu entendo por competência é que habilidades o aluno deve ter ao sair do ensino médio, então pra mim é isso, tem aquele monte de habilidades que você tem que trabalhar com o aluno, a principal competência que o aluno deve ter agora é a competência leitora, saber interpretar textos, dados, é isso o que mais está se falando nos cursos de capacitação.
Onde ouviu falar pela 1ª vez esta palavra	não sei, sempre foi uma palavra que ouvi, competente, incompetente.
Com as mudanças foram adotadas novas metodologias e formas de avaliação	isso é com cada professor, cada um tem sua metodologia, sua forma de avaliar, é claro que eles acabam mudando algumas coisas, com relação essa maneira de fazer contextualizado, um projeto interdisciplinar, os professores tem que no final do bimestre me passar uma nota de cada aluno, aí como ele faz isso é problema dele, a gente dá muita autonomia pra que o professor decida a melhor maneira de fazer.
Os documentos (PCN, Diretrizes curriculares) ajudam a entender o conceito de competência e trabalhar com eles?	eu acho bem difícil entender o que realmente esses documentos querem dizer, principalmente por que sempre estão mudando as coisas, não deixa claro o que realmente querem, esses documentos são feitos por pessoas que não tem noção de como é a escola, então é complicado você entender alguém que não sabe do seu cotidiano, dos seus problemas, eu acho que assim no geral eles não te ajudam a entender os conceitos, mas é mais uma coisa de consulta
Os professores participam de algum curso de capacitação	eles estavam participando do ensino médio em rede, dentro do horário da HTPC, era um curso a longa distância, que a gente passava vídeos, eles mandavam textos, os professores tinham que preencher vários papéis sobre os alunos, sobre o curso, foi um curso bastante longo, a gente quase ficou o ano todo nisso.

Tema do curso	a questão central foi a do protagonismo juvenil , falavam de como trabalhar com o jovem.
O que os professores acharam desse curso	a maioria gostou, achou que ajudou , mas tem sempre alguns que não gostaram, falam que esses cursos são perda de tempo, que não falam nada sobre a realidade, mas eu acho que foi bom sim, eles deram uma apostila para os professores , eu acabei participando de algumas reuniões e acho que foi bom.
Os conceitos abordados na entrevista são abordados no curso de capacitação	explicitamente não , é que acaba falando uma coisa ou outra de contextualização principalmente, em você tá contextualizando a aula com a cultura juvenil, então se falou um pouco disso
Os conceitos abordados na entrevista é aborda no HTPC	a reforma em si não , mas alguma coisa que venha da diretoria, da secretaria, alguns problemas da escola, como a indisciplina, se fala de interdisciplinaridade , os professores falam de algum projeto que estão fazendo, mas a grande parte das HTPC foram ocupadas pelo curso
Discussão sobre os conceitos abordados na entrevista	sempre que se tem um tempo a gente conversa sim, nas reuniões de HTPC, nos cursos, eles sempre acabam retomando uma discussão sobre esses conceitos. Os professores têm sempre muita dúvida, assim como eu, a gente não sabe se está fazendo certo , a gente não tem alguém aqui que fale: olha é assim que faz, a gente faz o que a gente entende que está certo, é difícil...
O PCN é trabalhado na escola? O que os professores acham dos PCN?	é trabalhado pelos professores , eles planejam suas aulas em cima das normas que se tem no PCN, o PCN é como se fosse um manual de consulta pro professor vai de professor para professor, cada um trabalha de um jeito, tem alguns que usam mais outros menos
Como vê a finalidade do E. Médio	é formar para vida , por que pro vestibular, eles não tem chance de concorrer com quem está em uma escola particular, eles mesmos falam isso, eles sabem que lá eles são preparados exclusivamente para o vestibular, aqui não é assim, não tem esse preparo exclusivo, para o trabalho também a gente não forma, por que aqui não tem curso técnico , não tem uma formação específica pra eles saírem daqui com um emprego, então eu acho que acaba se tentando preparar pra vida , mas também não é uma coisa que eu possa te afirmar que todos aqui vão sair preparados para a vida, a exercerem a cidadania, por que isso também não depende só da escola, depende do aluno também se ele não tem vontade de aprender de estudar, o que a gente pode fazer?
Por que acha que os estudantes não tem vontade de aprender	eles sabem que numa faculdade eles não vão passar, que o emprego tá difícil , até para eles que fazem o ensino médio, hoje uma exigência de qualquer firma, então eles ficam sem vontade mesmo, se desanimam.
Dentro da discussão vê alguma melhora na qualidade do ensino?	está mudando , eu não sei, se teve uma melhora na qualidade, mas estamos trabalhando por isso, e eu espero que a gente consiga reverter essa situação.

Professoras:

	Profª Geografia	Profª Biologia	Profª Português
Características do profissional	Está a quase dois anos na escola, é formada em sociologia, depois fez especialização em geografia. Faz 15 anos que está rede estadual.	Está a 2 anos na escola, é formada em biologia e faz 28 anos que é professora da rede estadual	Está 3 anos na escola e a 11 anos dá aulas, tem formação em letras.
Mudanças no currículo	mudança mesmo, não. Só essa mudança na grade , mas reforma curricular não.	No ano passado houve uma alteração, e deu uma pequena mudança na grade , o currículo da minha área de biologia, foi bastante alterado, nós tínhamos 4 aulas e passamos a ter 2 aulas	mudança não , assim de conteúdo e nas disciplinas não.
Quem fez esta mudança?	foi a secretária que decidiu , antes havia 5 aulas no período depois passaram para 6 aulas.	Não essa mudança veio de cima para baixo! Foi coisa lá de cima! (Não sabe porque isso aconteceu.)	_____
A escola tem autonomia para elaborar ou fazer mudanças no currículo?	é uma autonomia limitada , eles podem por exemplo eles podem mexer na parte diversificada do currículo , é uma autonomia pequena. Isso eu acho legal, por que a escola vai escolher o que vai fazer, de acordo com a região que fica a escola, então ela vai tá podendo decidir isso. Quem decide essa parte diversificada do currículo eu não sei , só sei que nós professores não somos , por que em nenhuma escola, nunca vi quem decide isso.	eu acho que não , elas são passadas pra gente , quando a gente vê a reforma está aí, já está implantada, e você tem que dançar conforme a música e a gente não tá tendo um apoio para trabalhar com isso	tem toda uma questão que ela tem autonomia, mas na verdade ela não tem essa autonomia , por que você vê pelas reuniões que a gente tem, sabe, com o pessoal da diretoria de ensino , você vê que deve seguir aquela filosofia deles, a filosofia do governo , existe um regimento da escola, (mas que se acontece algum problema) esse aluno vai para diretoria de ensino faz uma reclamação e aí a diretoria de ensino não quer saber do regimento, ela vem em cima da gente e dá a maior discussão. Então que autonomia que é essa? o que adianta ter um regimento?, e eu acho que todas as questões são assim, na grade curricular tudo. Tem a autonomia no papel, mas na prática..

O que conhece sobre a Reforma Curricular do E. Médio e onde conheceu a Reforma	Não, se eu vi eu esqueci não me lembro de uma discussão comunicativa a respeito da reforma do ensino médio, anos atrás eu ouvi falar sobre a reforma do ensino médio, mas era uma questão mais voltada para a eliminação de algumas disciplinas, mas eu não sei se é isso, aí depois acabou tendo um aumento das aulas, foi para 6 aulas no período, iria ter módulos de disciplinas e não só as disciplinas separadas., mas eu não vi isso ser implantado. Eu não conheço a Reforma, só bem por cima. Essa questão da reforma é antiga mesmo na época não foi uma discussão profunda, foi superficial, aí depois eu não ouvi falar mais nisso. A nossa escola aqui como todas em Jundiaí, não é só de ensino médio, tem o ensino fundamental junto, então eu diria que o fundamental exige um pouco mais da escola, por ser alunos menores, no ensino médio os alunos são mais autônomos, eu não sei se é por isso ou por que também essa discussão da reforma se esvaziou, eu não tenho idéia por que não se fala mais nisso.	a gente ouviu falar muito, mas de coisa concreta, pra gente lê, ainda não chegou na nossa mão, tem a LDB, o PNE, todo um aparato por traz, mais ninguém chegou e disse: olha é assim que vai acontecer, é assim que vocês têm que fazer daqui pra frente, isso eu não escutei não.	eu sei que agora tem aquela questão de que os alunos devem ter mais chance para não serem retidos. agora com a relação a conteúdo, a gente trabalha com projetos, certo, mas agora dizer assim que teve uma mudança muito grande, ela não foi feita, nenhuma mudança,
Como essas mudanças foram implantadas na escola, quem participou ?	eu dava aulas ainda no Gandra (escola de ensino médio de Jundiaí), foi lá que eu ouvi essa discussão, mas eu não vi nenhuma reforma no ensino médio.	Faz tempo que eu ouço falar dessa reforma, mas até agora eu não vi nada de concreto, já ouvi falar aqui e em outras escolas também.	Não (participou) por que também não foi uma grande mudança, então não teve muito que discutir...
Organização do currículo	por disciplina	Por disciplina e por área	por área.

Organização do trabalho por área		você pega a área das exatas, das humanas e biológicas e aí se tenta trabalhar com as disciplinas a fim, só que gente não tem horário para se falar, planejar, então acaba não ficando uma coisa séria. O que acontece é que uma liga para outra, fazendo um trabalho fora da escola, quando dá tempo.	ainda tem as disciplinas, mas quando a gente vai fazer o planejamento no início do ano a gente faz por área, com os professores da área da gente. (Como são divididas essas áreas?) Humanas e exatas, então você trabalha com aqueles professores da sua área faz o planejamento juntos as vezes faz os projetos
O que sabe sobre Interdisciplinaridade e se é ou não viável	Eu acredito que a minha formação é eclética, essa coisa de você dividir os conhecimentos em disciplinas, pode até ser uma coisa didática, mas na realidade o mundo é um só, e para entender a realidade você não pode ficar só na literatura, na história nem só matemática. Não é fácil pra gente fazer isso, eu fui educada de uma forma em que o conhecimento era compartimentalizado, agora a proposta é outra, eu acho mais interessante, mas eu tenho que aprender como fazer isso, a geografia em si é uma disciplina que pressupõe isso, né essa interdisciplinaridade,	viável é, só que agente não tem tempo de encontrar com os colegas, cada professor para sobreviver, tem que ter 2,3 empregos, então não dá tempo. Para trabalhar com interdisciplinaridade nós teríamos que ter 6 horas na escola dando aula e ganhar para trabalhar mais 6 horas na escola com meus colegas para discutir, para programar as aulas, para preparar o material, a gente só tem uma vez por semana que a gente se encontra no HTPC e nesse momento tem N coisas para você resolver, tem N papéis para preencher, as vezes tem algum curso para fazer, então é corrido, você não consegue sentar com o colega da disciplina a fim, e trabalhar a interdisciplinaridade, discutir o que ele está dando. Além do que tem colega que ainda não aceita a interdisciplinaridade.	toda vez que a gente monta um projeto no início do ano a gente vai trabalhar com tal professor, dá bem para você trabalhar com história, através da literatura, a geografia, mas você acaba indo cada um para um lado, por que você não tem assim, um tempo suficiente para estar conduzindo aquele projeto, fazendo reuniões para estar verificando os resultados, o que cada professor está trabalhando, aí você acaba trabalhando meio sozinho, as vezes que eu faço, pego um gancho com história, a to trabalhando tal coisa em português e de história o que você tá trabalhando? Então faço uma relação, mas dizer que existe um projeto e que os professores de tal área vão trabalhar isso aí, isso não existe, é difícil.
Considera conhecimentos que os alunos possuem em outras disciplinas?	com certeza, em geografia tem muitos gráficos, e eles usam os seus conhecimentos matemáticos na elaboração de gráficos, por exemplo nesse vídeo que eu estou passando, é sobre terras remanescentes de um quilombo, e a professora de história já trabalhou com eles então você tem que considerar o que eles já sabem.	sim a gente faz um resgate, mas agente percebe que é uns dois em uma sala de 40 que tem um conhecimento prévio, que assiste um jornal, que assiste um programa, é muito restrito o número de alunos que conseguem que tem um conhecimento prévio, que tragam alguma coisa, que tenha bagagem. por que a maioria não está interessado.	eu faço um debate com eles, você tenta levantar os conhecimentos que eles tem, aquilo que eles tem de conhecimento, que eles trazem pra cá, eu levo em consideração, as vezes eu parto de algo que eles me falam para eu começar a minha matéria.

O que sabe sobre contextualização	eu já ouvi falar sobre isso mas não necessariamente em relação a reforma do ensino médio. Assim o que eu sei é que você como professor deve tentar contextualizar a sua disciplina a fazer sentido para os alunos.	trabalhar em conjunto com outros colegas é muito complicado, por que a gente até tenta, mas você não tem horário para encontrar, porque o colega tem geralmente ele tem vários empregos, normalmente no HTPC que a gente pontua, olha tem isso e aquilo para fazer e cada um se adapta dentro da sua área, mas reunir para falar olha tá dando certo, não tá dando certo, isso realmente não dá para fazer.	a gente tem que contextualizar tudo, mas eu não sei se o rumo que a gente tá tomando é o certo , a gente contextualiza, a gente trabalha com aquilo que é de interesse para aluno , os conteúdo eu acho que tem que ser dados, mais aí parece que a coisa vai fugindo, sabe, você vai contextualizar alguma coisa que tá acontecendo , você traz para eles, mas aí agente percebe que eles não possuem conhecimentos anteriores.
A contextualização tem sentido com o conteúdo a ser dado	Tem sentido sim, por que geografia, de todas as disciplinas é a que mais é interdisciplinar possível , você lida com história, com cultura, com artes se você pensar nas representações de mapa, desenhos, em química, biologia quando se está falando das questões ecológicas.	Eu acho que faz sentido sim, a minha disciplina é uma disciplina que mexe muito com a vida então eles me questionam, eles vem sentindo dores, as vezes aqui você é psicóloga é médica, é mãe, por que as vezes eles moram com a tia, com avó, tem muita família desestruturada, e acaba sobrando um pouco pra gente mesmo .	claro, eu trabalho diariamente com isso, mas veja você: eu fui trabalhar o referendo com eles, aí eles falaram, referendo não é coisa de português, por que eu iria trabalhar isso, eles falaram que referendo eles estão vendo na televisão, só que eles nem sabiam o que era referendo, eles sabem a pergunta, mas não sabem o significado de tudo isso, então você contextualiza, mas eles reclamam .

Que tipo de material usa na sala de aula	o uso o livro didático, o livro como referência, como material de apoio, por que passar matéria na lousa eu evito, por que eu acho que se perde muito tempo, os alunos tendo o material escrito na mão, é mais fácil de fazer uma discussão. Então o livro seria a base, mas eu trago para a escola textos de jornal, de revista, video	normalmente nós temos giz e apagador, a escola tem uma sala de informática, tá sempre com problema. O nosso laboratório não é montado, tem algumas coisas de química, mas de biologia não tem nada, então o recurso que eu mais uso mesmo, é o livro, apostila, e as vezes eu falo sobre reportagem em tal canal, todo mundo assiste para depois a gente comenta, então a gente usa a mídia, traz revista, eu uso Super Interessante, Terra, National Geographic, a parte da mídia em que fala sobre as novas descobertas, então a gente traz pra escola esse material, eu por exemplo xeroco, trago para eles, não posso cobrar deles, pois a maioria não tem dinheiro para pagar, tem que trabalhar de uma maneira diversificada, mas a escola nem um xerox dentro tem, para eu trazer uma revista e xerocar e passar para todo mundo, então as vezes a gente não tem condições de fazer isso. O governo pede uma coisa e a escola tem uma estrutura que não atende a isso que ele pede e aí fica meio complicado.	dentro da sala de aula, com o número de alunos que agente tem, e com os recursos que a gente tem, acaba ficando com o livro didático, eu adotei uma apostila, acho que uns 15 de 40 tem a apostila, agora tudo aquilo que você for dar extra, é por conta sua, então se você for usar um filme, texto do jornal e quer trabalhar com eles, você tem que pagar o xerox, e são em média 40 alunos, a escola não tem como oferecer isso, se você vai locar um filme para contextualizar aquilo que você tá trabalhando, é do seu bolso e a gente ganha pouco
--	--	---	--

Como trabalha com o material diferenciado que traz	alguma questão que eu queira discutir com eles, sobre algum assunto relacionado a geografia, as coisas que estão acontecendo, é mais discussão mesmo.	através de discussão , sobre as novas descobertas, o que vai implicar na nossa vida , o que vai melhorar, se vai melhorar, é isso, agora se eu não trazer isso eles também não se preocupam em estar trazendo alguma coisa, para querer discutir com a gente	principalmente entendimento do texto e regras de concordância, gramática, bem o conteúdo de português . Primeiro eu tento levantar hipótese daquilo que eu quero trabalhar como eles, quais os conhecimentos que eles tem a respeito do assunto, eu tento tirar deles alguma coisa, aí você fica desanimada, por que eles falam mil asneiras para você, nunca aquilo que você tá pedindo, Então você tenta trabalhar com o conhecimento que eles tem , eles estão totalmente por fora . A única coisa que eles sabem bem , que eles tem conhecimento é música, e uma música que seja de rap , mas depende da classe, tem classe que gosta e classe que não, então você consegue tirar as informações deles, outra coisa que eles sabem muito é sobre as drogas , nem a questão sexo que é tão forte na idade deles, eles sabem tanto quanto das drogas.
Apenas para a Profª de Geografia você traz algum conhecimento do cotidiano dos alunos para a sala de aula?	eu nunca cheguei a perguntar como foi o seu fim de semana,. Acontece muito de você passa um texto ou uma questão que tem haver com o momento que está se vivendo e aí os alunos trazem coisas do seu cotidiano , aí eu discuto se eu acho pertinente , mas não que eu questione isso, automaticamente eles trazem isso, não que eu tente extrair algo da vida deles, eles é que acabam trazendo as coisas, então isso acaba acontecendo .		
Qual a metodologia que usa para começar as aulas	instinto ...eu fico imaginando, como é que os alunos vão aprender melhor esse assunto, na verdade é uma coisa de momento, eu não sigo a teoria de nenhum pedagogo , como ensinar	Primeiro eu faço um resgate , pergunto a eles o que sabem sobre o assunto, procuro fazer relação com alguma coisa que eles conheçam , tipo filme, alguma reportagem da televisão, como semana	a gente vai levando o curso da gente, não que ele tenha uma linha, mas é um conteúdo puxando o outro , então quando eu vou passar de um conteúdo pro outro, eu procuro ou encaixar uma música ,

	isso, ou aquilo, por que cada assunto que eu começo com eles, eu gosto de começar de um jeito, se eu me prender a uma teoria só, acho que vou ficar presa, eu gosto mesmo de trabalhar com o que me motiva a fazer determinada coisa, então eu não sigo teoria. eu conheço as teorias, mas não uso nenhuma em específico	passada que estava falando sobre as árvores gigantescas, falei sobre o filme “Senhor dos Anéis” em que aparece esse tipo de árvore. então sempre assim começo por algumas coisa que eles conheçam para eles poderem ter idéia do que estamos falando.	sabe, alguma coisa que eu esteja contextualizando aquilo que eu to trabalhando com eles, para depois você ir levando, procuro saber o que eles tem de conhecimento sobre o conteúdo.
Projetos	nós fizemos um curso chamado “Diferença para Igualdade” , que na realidade é para nós visualizarmos o preconceito, o racismo dentro da nossa sociedade e tentar superar. Agora na semana da consciência negra que é dia 20 de novembro, nós vamos fazer várias atividades para resgatar a auto estima dos afrodescendentes. Isto está sendo interdisciplinar na medida que vários colegas estão participando, eu de geografia, o professor de história, a professora de português, professor de inglês, professora de artes, no momento eu ainda não consegui o apoio do pessoal da área de exatas e biológicas, e cada um dos professores vai estar fazendo um trabalho com os alunos.	a gente (ela teve a idéia e mais 2 professores a ajudaram) desenvolveu um projeto água aqui na escola e só três professores participaram: geografia, física e biologia, os outros professores não sei interessaram e eu não posso obrigar ninguém a fazer projeto, é uma coisa que tem que partir do colega.	a gente faz as vezes um projetinho rápido e curto, agora tem em novembro o dia da consciência negra, então a gente das humanas trabalha junto, é um projeto relâmpago, então assim funciona, então eu vou trabalhar com textos sobre conscientização, a professora de história com a parte da história dos negros no Brasil, a professora de geografia via trabalhar de onde eles vieram, cada um vai dar sua aula a respeito desse tema, aí o projeto funciona bem.
Como é a organização dos professores para este projeto	as vezes no intervalo das aulas, que é uma correria, nas HTPC, nós não fazemos o mesmo horário, cada um faz em um dia e um horário, então é mais nos intervalos que a gente se cruza e conversa.	A escola toda está fazendo um projeto sobre o respeito, então você vai ver em toda a sala que você entrar, no quadro de avisos, cartazes sobre o tema, esse projeto tá sendo desenvolvido na escola, por que a escola tá um caos. Então começou o projeto começou a se dar mais ênfase a questão do respeito, então cada professor procura conversar com a classe nas suas aulas, pra tá fazendo uma	a gente senta rapidinho, olha vamos trabalhar isso nessa semana? Vamos! São projetos bem rapidinhos, um projeto curtinho,

		conscientização e a professora de artes está com a parte de fazer os cartazes, a parte artística né, a professora de português com as frases, os textos e a professora de matemática, mas... eu não sei bem o que ela está fazendo , são estes três que estão encabeçando o projeto.	
A participação dos alunos no projeto	a gente pergunta para eles se querem participar,(eu assisti as aulas que começaram o projeto e não a vi perguntando se eles queriam participar) eles acabam participando, eu acho que eles gostam, quando tem as discussões eles participam , geram debates, mas é difícil a gente ter sugestão de alguém,(será que pedem?) é mais pela gente mesmo. Costuma a dar certo , é uma coisa diferente para eles, eu acho que eles gostam	eles até participam, eu percebo que eles não gostam muito de projeto , por que dá muito trabalho , eles tem que trabalhar muito, realizar atividades, então eles preferem giz a apagador, eles não gostam de assistir vídeo, por que depois a gente sempre dá relatório para eles fazerem, então quando fala que vai ter vídeo, eles ficam bravos, por que eles estão numa fase da preguiça, eles gostam de entrar na internet, clicar lá para imprimir, e não lêem o que estão imprimindo, Em vista disso alguns professores não estão mais aceitando trabalho da internet, por que é uma ferramenta excelente de pesquisa, desde que você faça o seu trabalho em cima dessa pesquisa e não clicar e imprimir o trabalho de outra pessoa, que pesquisou para fazer. Então fica difícil, aula normal com o professor na lousa eles não querem, projeto também não, filme também, não. O que a gente faz ?	Ela diz que eles não gostam e não participam da decisão do tema. É a gente que traz os projetos, eles participam bem pouquinho, por que eles acham que vem para escola para aprender a matéria, eles querem a matéria , eu vejo que eles não vem finalidade nisso, se a classe tiver a maioria da raça negra, eles já não gostam, eles não vêem aquilo com bons olhos, por que se sentem constrangidos em falar daquele assunto, eles acham que quando a gente faz projeto, a gente tá matando aula , Na verdade o que eu mais acho que funciona com os alunos, apesar deles falarem em aula diversificada, eles gostam da matéria na lousa, adoram copiar a matéria da lousa , o que mais funciona no ensino médio, eu tenho sempre aula dupla, eu chego lá passo a matéria na lousa, eles copiam a matéria, aí depois eu explico para eles, é que eu percebo que eles gostam, é um momento que eu consigo prender a atenção deles.

O professor tem autonomia para elaborar e aplicar os projetos?	com certeza eles(coordenação) apóiam, dizem que é legal, incentivam, na verdade eles demonstram uma boa vontade, de deixar nós usarmos o auditório, agora não existe um apoio metodológico para fazer o projeto , isso não acontece, é mais boa vontade mesmo, mas já é alguma coisa, pior se enrugassem a cara e falassem vai dar aula, o que você tá inventando, quer queimar sua aula para fazer projeto, por que tem colega por aí que ouve isso, né, então é um balde de água fria.	autonomia eu tenho, porque normalmente isso fica na mão dos professores, não tem muito envolvimento da coordenação , as vezes você precisa sair com o aluno da escola, eu mesma precisei sair com o aluno da escola para colher água do rio aqui em baixo, não tinha um diretor na escola para autorizar eu a sair com esse aluno, pois sem autorização eu não posso sair, aí eu não sei, aí gente acaba atrasando tudo, fica complicado.	tenho, eles dão autonomia pra você tá fazendo, livremente, eu posso pegar os alunos trazer no pátio, na biblioteca, usar o vídeo, isso aí eu tenho autonomia agora apoio financeiro a gente não tem, para você estar mantendo isso aí , no caso de um xerox., de um filme, é tudo com seu dinheiro. (quando questionada se a coordenação dá apoio metodológico respondeu) : não, aí fica na mão do professor, eles apóiam no sentido de colaborar em nos deixar fazer coisas diferentes , como vídeo, uma coisa ou outra.
O que pensa sobre o conceito de competência, onde ouviu falar pela 1ª vez	eu ouço isso desde que nasci, por que sempre se fala se você é ou não competente, eu acho que quando se fala em competência, você deve ser relativo, pois tem pessoas que são competentes em uma coisa, já em outras não , ninguém é totalmente competente ou incompetente.	competências e habilidades...é nosso entrave maior aqui, a maior competência que eles pedem é a capacidade leitora e escritora , essa competência leitora cada professor tem que desenvolver na sua área, é mais de análise e interpretação, verificar se eles entenderam o que estão lendo, o que estão escrevendo, se estão entendendo o que a gente está falando, então é assim que a gente mede competência . Eu acho ouvi esses cursos de capacitação , por que é lá que eles falam sobre competência, habilidade...	competência para mim, são as habilidades, que o aluno tem em determinada coisa , cada um tem sua habilidade, pra mim competência é isso, tem aluno que tem competência pra tal área, tem aluno que não, é isso são as habilidades, o conhecimento que ele tem . o Estado vem, joga as coisas em cima da gente e é você que tem que estudar e descobrir o que é competência , então foi isso que eu entendi.
Acha que os PCN e as Diretrizes Curriculares ajudam a entender e trabalhar com o conceito de competência?	eles falam sobre as habilidades e competências dos alunos, tem a competência leitora, a competência artística, o meu medo é quando falam que você deve avaliar competência na prova, mas o que é que é competência? Eu acho que isso deveria ser mais claro para cada professor na sua disciplina, cada um tem um entendimento sobre o que é competência, então a gente as vezes	Não, eu fui entender o que é competência leitora de um curso que eu fiz faz muito tempo , e o governo não está mais dando esses cursos .	não, eles não são objetivos, são que nem as leis, que dão tanta margem, para várias interpretações , então eu acho que deveria ser uma coisa bem objetiva, é isso, bem claro, não adianta ficar colocando mil ressalvas, é isso e pronto.

	acaba não avaliando por que você não sabe o que é, não sabe como trabalhar.		
O que acha mais importante na formação do aluno através de sua disciplina	o conhecimento do mundo , para você ser cidadão , quanto mais conhecimento do mundo você tiver melhor, para desenvolver a consciência, o espírito crítico, para você tomar decisão, formar sua opinião , e a geografia possibilita isso, não só o espacial, como econômico, crítico, o social.	a minha disciplina trabalha muito com o corpo, então se eles tiverem um bom conhecimento do seu funcionamento e das doenças eles passam a evitar, a se precaver, a usar corretamente uma camisinha, é a parte da vida mesmo o que eu acho mais importante, o conhecimento das plantas e animais é importante , também vai fazer parte do dia a dia deles, eles vão encontrar animais pelo caminho, eles vão saber que não pode desmatar uma floresta, por que eles sabem as consequências depois, por que é esse conhecimento que ele vai levar que vai ajudar a tirar o planeta dessa situação que se encontra, dessa destruição, da poluição em grande escala, então eu acho essa parte mesmo, dele se conhecer, o funcionamento do organismo	eu acho que interpretar, entender o que está lendo, saber escrever corretamente, conhecer a política do país , por isso eu trago bastante textos sobre o que está acontecendo no país. É o que a gente espera minimamente deles.
Como avalia se o aluno conseguiu chegar nesses objetivos	através de prova mesmo e também quando estamos em uma discussão, dá para perceber quando eles entendem o assunto pelas suas opiniões, pela forma que argumentam, é claro que eu não espero que ele tenha uma opinião igual a minha, mas sim até que ponto ele conseguiu elaborar uma opinião sobre o assunto, e se ele não conseguiu elaborar, é sinal de que ou eu não consegui passar isso de uma maneira clara ou ele não deu a devida atenção quando eu estava tentando passar a minha mensagem.	na prova teórica, em questionários que eu mando para casa, não tem outra maneira de medir.	avaliação eu faço como eles estão participando na aula, quando eu dou um texto e eles compreendem a mensagem do texto, do que ele conseguiu capitar do texto, mas não o que eu consegui, eu não faço assim, a se ele não entendeu do jeito que eu entendi tá errado, eu vou procurar entender como ele fez para chegar em uma conclusão, por que as vezes eles vêm coisas que nós não vemos, aí eu vejo isso na prova mesmo, na participação na sala de aula, na apresentação de um trabalho
PCN: como os professores trabalham com ele	Eu já li, eu tenho impressão assim que você lê e daqui 2 anos você tem a impressão de que já	sim, o PCN agora está caindo em desuso, agora é o PNE , então quando você começa a se interar	eu sei o que é. No planejamento a gente pega o PCN, tenta enquadrar o que gente tá trabalhando

	ouviu falar, eu até li com atenção, mas não é uma coisa que você pegue todo dia, e acaba ficando na gaveta, , no dia a dia eu procuro planejar as aulas com o que eu tenho, e acabo não usando o PCN.	de um conhecimento, ele cai, e isso foi durante a minha carreira toda, tô me aposentando agora e sempre foi assim, toda vez que a gente tá começando a entender uma coisa, eles mudam de novo, mas o PCN ele é usado, ele é bem complexo, feito por pessoas técnicas e eles não tem o conhecimento do dia a dia da sala de aula. para fazer a programação, eu consulto o PCN, para planejar o curso, ele até pode ser suficiente, mais ele tem muito conteúdo, é quase impossível você dar tudo aquilo em três anos com duas aulas semanais e sem contar com uma estrutura preparada da escola.	dentro daquilo que está sendo proposto pelo PCN, e mesmo durante o ano eu to sempre vendo o que eu posso trabalhar, tá fazendo, incluindo, a gente trabalha com ele do lado. (Quando questionada sobre a suficiência do PCN diz):cu não sei se é suficiente, não é que eu queira ficar contestando, mas o que está escrito ali, parece que se você fizer igual vai dar tudo certo, e na prática depois isso às vezes não funciona, tem coisa que funciona legal, tem coisa que não funciona, aí é você na prática que vai estar vendo essas coisas e direcionando.
Curso de Capacitação	nós fizemos aquele curso que eu te falei sobre Diferença para igualdade, as vezes aparece algum curso que a escola oferece ou a Secretária, esse foi dado na HTPC.	agora eles estão falando muito sobre reciclagem, e eu fico muito irritada, por que parece que você não serve mais pra nada e eles querem reciclar você e te transformar em outra coisa e o que nós precisamos é de capacitação, para eles explicarem pra gente como é que é para ser feito, não é certo cada um fazer do jeito que acha que está certo, agente precisa ter certeza do que estamos fazendo, eles precisam direcionar melhor essas mudanças, joga-las em cima de nós e fácil,e depois exigir algo que não foi passado, que a gente nem viu direito, aí é complicado, a gente não tem noção do que é para fazer.	participava, por que agora acabou, do ensino médio em rede. esse curso falava sobre o protagonismo juvenil, em como trabalhar com os jovens, como fazer nas suas aulas para utilizar dos conhecimentos deles, para eles produzirem seu próprio conhecimento, eles deram uma apostila, o Estado deu o material e a gente trabalhou um tempo em cima disso.
São discutidos nos cursos os conceitos abordados na entrevista?	mais ou menos, eles falam um pouco das competências e habilidades, mas falam principalmente da competência leitora isso para todas as disciplinas, que nós devemos desenvolver a capacidade	Vai se falando mas é superficial, entendi algumas coisas através dos cursos, mas tenho muitas dúvidas ainda	são, sempre acaba se falando alguma coisa, é principalmente de estar trabalhando com a interdisciplinaridade, essa questão do jovem produtor do seu conhecimento. o material é muito bom, ajuda sim, por que quando

	deles se interessarem pela leitura, pela hábito da leitura, de uma forma mais interessante.		tem esses cursos, a gente tem a oportunidade de estar mudando as coisas , o jeito que você está dando aula, buscando novos caminhos , pra gente deixar a aula da gente mais dinâmica, mais gostosa, por que é duro você estar lhe dando com o jovem dentro da sala de aula, que tem 2,3 interessados realmente, a indisciplina, mal conseguem elaborar uma frase, escrever, e esses alunos não tem interesse no estudo, esses alunos, ou são apáticos dentro da sala de aula, por que não conseguem expressar sua opinião ou são totalmente indisciplinados.
Nas HTPC são discutidos os conceitos abordados na entrevista?	não se fala dessa reforma em si, a gente acaba tendo que preencher papéis, fazer algumas coisas burocráticas que a Secretária ou escola pede, as vezes tem esses cursos também, mas não se discute nada muito claro disso.	você nunca tem tempo, você tem sempre que preencher documento, é uma burocracia, quando se tem tempo, nós discutimos sobre os projetos, sobre essas coisas, mais é difícil se ter tempo para isso.	é difícil, por que gente tem sempre um monte de coisas para preencher, então a finalidade do HTPC, acaba ficando de lado, que é você estar discutindo os problemas da escola, os projetos. é uma burocracia danada, são papéis sobre informações dos alunos.
Qual a finalidade do Ensino Médio?	eu acho que é uma finalidade bastante discutível, por que o próprio nome tá dizendo: médio, e está no meio entre o fundamental e o superior, então ele é um pouco sem identidade, ele está no meio, tem muita coisa que eles aprendem no ensino fundamental que eles vêem de novo do ensino médio, com um pouco mais de profundidade, eu até acho isso legal, na medida que quando viram no fundamental, não estavam maduros para entender e agora no médio eles já estão preparados, mas eu acho que o ensino médio é importante sim, ele tem uma razão de ser, pois eles também não estariam preparados para sair do fundamental e ir para	eu acho o ensino médio importante, tem aluno que não passa do ensino médio, então é uma amplitude maior de conhecimento, então ele precisa do ensino médio, eu acredito que ele é importante, por que tem aluno que só faz ensino médio e para aí. Se ele fizer um ensino médio bem feito, se ele tiver uma visão maior ele vai ser beneficiado na vida dele, a gente gostaria que o ensino médio preparasse mais para o trabalho, que fosse mais direcionado, eu acho que era melhor antes, antes dessa mudança da grade, o aluno chegava no 2º ano e ele escolhia o que ele queria fazer, então cada um ia fazer um curso técnico na área que queria atuar, e hoje não, eles têm	quanto a formação deles, a gente não sabe nem por que dá ensino médio, por que a gente não prepara eles para o vestibular, a gente não trabalha eles para o trabalho, a gente tenta preparar eles parem serem cidadãos, mas a gente não faz nenhum dos três, por que do jeito que as coisas estão, é muito difícil você trabalhar a questão da cidadania, fazer com que eles sejam cidadãos, por que hoje não há um respeito em nada, e eles não vem a finalidade deles estarem estudando, eu acho que o ensino médio deveria ser, já que não prepara eles para o vestibular, deveria ser direcionado para a questão do trabalho, como era antes, eu na

	faculdade. O problema que se instalou depois dessa reforma, foi a separação do ensino técnico, por que antes tinha uma finalidade, de preparar para o trabalho, e hoje não prepara para o trabalho e nem para a universidade, pois o ensino não é voltado para o vestibular, então eu acho que ficou confuso isso. Que nem o ensino particular tem mais identidade do que o público, o objetivo deles é o vestibular, e o público não prepara para o vestibular e nem para o trabalho, por que tiraram o ensino técnico.	de fazer o ensino médio todo para depois seguir o que ele quer fazer da vida.	minha avaliação, e olha que não faz tanto tempo que eu dou aula, eu acho que só piorou, por que como eles não vêem finalidade naquilo que eles estão fazendo. Eu acho que deveria mudar o ensino médio, e mudar mesmo, preparar eles para um vestibular, por que eu acho um grande crime que o governo faz, de ter essa filosofia de não prepara-los para o vestibular, ou fazer com que a gente trabalhasse com o trabalho mesmo, eles não sabem nem fazer um currículo, eu dou aula no fundamental também, já na sexta série eu ensino a fazer currículo...
Com essas mudanças a qualidade do ensino melhorou?	eu não sei te dizer, por que eu teria que entender melhor essa reforma, ou por que ninguém falou sobre isso, ou se falaram eu não entendi direito, essa questão da contextualização, das competências, teria que ser melhor discutido, então na realidade eu não sei se teve uma melhora ou não, por que eu não conheço direito	olha, a qualidade quem faz é o professor e o aluno, se eu pego um aluno que não estuda, que não faz as atividades, e eu tenho uma bagagem excelente para passar para esse aluno, mas ele também tem que ser receptivo para receber essa informação, você teve uma visão pela aula, por que eles não tem perspectiva de futuro, a maioria vai fazer o colegial e para por aqui. Tem aluno que questiona, que pergunta, então esse aluno é aquele que busca a qualidade. Ultimamente a gente tem discutido isso, por que parece que a gente tá emburrecendo, por que a gente tem que abaixar para o nível aos alunos que estão chegando, eles chegam sem bagagem nenhuma, você tem que buscar e retomar a coisa lá atrás, então a qualidade está ficando deficitária sim, e não é culpa do professor que não tem conhecimento, mas quem está recebendo não traz uma bagagem não procura	eu acho que não, o Brasil pega coisas que funcionam na Europa e coloca aqui, então você vê que tem progressão continuada fora e dá certo, mais aqui não tem a estrutura para se fazer isso, então eles colocam propostas avançadíssimas e não dão estrutura para elas acontecerem, eu acho que é isso que deve acontecer.

		melhorar o ensino, por isso que vem depois as avaliações e aparece aqueles índices horrorosos, a gente tá preparado para ensinar bem, mas eles não estão preparados para receber bem, essa é a minha visão de qualidade, mas a clientela é isso o que você viu aí.	
--	--	---	--

Alunos:

	Aluno 1ºA	Aluno 1ºH	Aluna 3ºA
A escola passou por alguma reforma nos últimos anos?	Eu acho que não, eu entrei aqui esse ano, então não sei	No começo do ano, eles pintaram tudo, banheiro, mas agora já tá tudo zoado	não mudou nada não, continua a mesma coisa de quando eu entrei.
Conhece a Reforma do E. Médio?	Não	Não	Não
você já ouviu falar em interdisciplinaridade? Tem idéia do que seja?	Não, tenho não	Não, nunca.	não, nunca ouvi falar.
Depois de explicado o que é interdisciplinaridade, foi perguntado se eles viam isso acontecer na aula	Eu acho que sim, por que ontem mesmo a professora de física estava falando de florestas petrificadas, daí deu para interligar um pouco de física com geografia, né, por que daí a gente viu em geografia como é formada essas formações rochosas.	Acontece, mais eu acho que é coincidência, por que as vezes alguma coisa é dita, tipo em literatura, as vezes a professora fala alguma coisa que a professora de história também fala, mas do resto não tem nada a ver.	as vezes, agora geografia com história tá acontecendo, a gente tá vendo mais ou menos as mesmas coisas, português na parte de literatura, alguns poemas que tem a ver com algumas disputas que agente vê na história e na geografia, tá começando a fazer sentido sim. (São só essas disciplinas que ela acredita que aconteça)
Relaciona os conhecimentos que aprende em uma disciplina com outra disciplina?	só em algumas. Tipo matemática em física, um exemplo, as duas tem que usar matemática, Eu acho que é assim que uma interliga a outra. (as de humanas você interliga com as de exatas?) Ah não, isso não, sei lá eu não vejo interligação mesmo entre elas. Ele acredita que uma disciplina pode ajudar na outra, mas não sabe explica como.	difícil, bem difícil. As vezes a professora de história fala isso faz parte de tal literatura, por exemplo ela fala de literatura barroca, daí a professora de português fala alguma coisa disso, aí eu faço a relação. (Ele não acredita que uma disciplina pode ajudar na outra, pois) são coisas bem diferentes uma da outra	eu acho que não... ah assim ó: português, matemática com física, eu acho que se você consegue ter uma boa interpretação, você consegue ir bem na física, com os cálculos que tem na matemática
Os professores fazem relação da sua disciplina com outras?	Relaciona, eles falam assim: isso aqui interliga física com química, um exemplo, daí eles explicam até uma parte, e falam que dessa parte em diante é o outro professor que tem que explicar	Depende do professor, o de história as vezes comenta coisas de português. As vezes comenta assim, vocês já devem ter visto isso em matemática, ou vocês estão vendo isso em tal matéria.	não, as vezes a professora de geografia comenta, a vocês estão vendo isso em história, o de história também, fala isso. é mais a de geografia e de português que fazem isso.
você já ouviu falar em contextualização? Tem idéia do que seja?	eu acho que eu já ouvi falar, mas não sei o que é, nem aonde que eu ouvi também	Não, nem sei	não, também
Depois de explicado o que é contextualização foi perguntado se eles viam isso acontecer na aula	eu acho que sim, Principalmente português, por que eu trabalho com o público, então se eu me expressar de uma boa forma, é melhor para mim. (trabalha com vendas)	(os professores não levam em conta isso na hora de ensinar ?) 9Nenhuma das coisas que ele aprende na escola faz parte do seu dia a dia)	eu acho que não, eles estão preocupados em ter a matéria deles em dia, independente de relacionar com o aluno ou não.

	(como que português te ajuda nisso?) se eu estudar bem e saber as gramáticas, como falar certo, então tá me ajudando a se comunicar.		
Em seu cotidiano os conhecimentos que você aprende na escola te servem para alguma coisa?	Para a disciplina mesmo, para saber me comportar nos devidos lugares, eu acho que é por aí mesmo. E no trabalho também, matemática ajuda muito. (por que matemática te ajuda?) por eu trabalhar muito com número também eu faço muitas contas, eu faço um pouco de contabilidade também e se eu crra um número eu perco meu emprego, então me ajuda bastante.	Não faz parte	ah, faz sim por que você aprende lê na escola e isso tá super presente no cotidiano, depende da matéria por que cada matéria tem um professor e cada professor tem uma vontade de explicar aquilo pro aluno ou não, então eu tenho uma professora que eu acho cla exemplar de biologia ²⁸ , eu sei que ela tá me dando uma super base pro vestibular , que vai fazer parte da minha vida.
Acredita que o que aprende na escola vai te ajudar na sua vida profissional?	algumas matérias sim, tipo para mim biologia, por que vou querer ser biólogo, vou querer fazer biologia. Matemática também para fazer as contas, daí tem português também. Só artes que acho que não vai precisar não, que não vai me servir para nada	Alguns... Matemática alguns usa, física não se usa nada, história depende, só se você seguir essa área.	Ah, eu acho que sim, muito do português pra falar, pra escrever e os cálculos matemáticos.
professor vai passar uma matéria nova, como ele faz?	ele vai na lousa, passa o ponto, vista o caderno, depois explica, explica até ficar claro para todo mundo e passa exercício na lousa.	Ele começa da matéria passada e fala que vai ensinar uma matéria nova que vai continuar dessa.	eles pegam e falam matéria nova e começam a introduzir, por exemplo que nem em matemática ela passa um exemplo e explica a matéria através do exemplo, aí depois que ela acaba a explicação cla dá exercício do livro
Diálogo com os professores ao iniciar a aula	não ela já traz pronto as coisas e passa. (eles não perguntam nada para vocês antes de começar o ponto novo?) pergunta quem já viu essa matéria, daí eu que sou repetente e falo que já vi, eles falam que é legal, então você vai ver de novo, só que aí é uma cobrança ainda mais em cima de mim, por que eu devo ir melhor que os outros que nunca viram	As vezes no comccinho ele explica a matéria e pergunta se alguém já viu, se já viu ele fala então que a gente vai rever e quem não aprendeu vai aprender, aí ele fala então vamos aprender agora. (É depois que ele explica a matéria nova que ele conversa com a classe)	(que tipo de exemplo a professora usa?) ela põe uma equação na lousa e a partir daí ela começa, a de geografia ela mistura bastante coisa da atualidade , cla compara bastante, ela tá falando de uma guerra, então ela compara com um conflito atual que pareça com o que ela está tentando explicar, então ela faz jogadas assim de comparar um com o outro. o professor de história , ele tá sempre trazendo jornais, pra gente lê, se tem

²⁸ A professora a qual ela se refere foi a professora entrevistada por mim.

			dúvida ele explica ele mistura um pouco com atualidade. A de sociologia ela tenta, mas ela fala muito e acaba não dando a oportunidade do aluno falar, as aulas dela sempre são de debate, então ela fala muito e acaba deixando a gente sem o nosso espaço, então a aula é dela. (a professora de sociologia faz debate sobre várias coisas, que estão acontecendo, que sai no jornal)
Participação da classe nas aulas	é bem aberto (para participar)a classe é boa, indo até a lousa, fazendo as correções dos exercícios. Nos textos, assim... quando a professora de inglês passa um texto pra gente traduzir, depois cada um lê uma parte, quem não ler ou não tá prestando atenção, é ponto negativo. Daí todo mundo fica ligado prestando atenção.	Depende do aluno, tem aluno que até dorme em sala de aula, só pra não fazer nada, aí o professor fala: quem quisé paticipa, quem não quisé, dorme ou sai da sala. A gente debate com o professor, pergunta, ele até tem gosto de responder, É bem a vontade, quem quiser pode, é bem livre, se alguém não concorda pode discutir e tem professor que até que gosta disso. (E tem bastante questionamento por parte dos alunos?) Depende da matéria, se a matéria for legal, aí tem bastante, por que chama a atenção. Química é uma coisa que chama a atenção para mim, são coisas que acontece, tem fenômeno da natureza que ela explica como acontece..	não é boa, são poucos alunos que falam, e também não tem aquela aula que te dá um entusiasmo pra falar, mas as que são legais eles também não participam. Agora a gente tá tendo em biologia sobre os órgãos sexuais, então tá sendo super legal, a gente tá tendo várias informações, todo mundo gosta e participa. eu acho que a maioria vê a escola como uma obrigação, uma coisa forçada, aí a escola é uma bagunça, aí você chega lá e não tem aula, aí você fica preso lá dentro, outro dia tinha dois alunos conversando e ao invés da professora falar pra eles pararem de conversar ela falou: cala boca e chutou o armário que ficou amassado, o nosso armário, que raiva que a gente ficou, por que não tava acontecendo nada de mais, então ir para escola já é uma obrigação, já é ruim acordar cedo, e chega lá tá uma bagunça, ainda se acorda e pensa eu vou estudar eu vou ter aula, já e alguma coisa, já dá um animo.
Projetos	tem no fim de semana, a família vem a escola, mas eu não venho não, por que	Eu participo do basquete, e tem os jogos regionais. Tem de final de semana a	não, algumas meninas da classe vai na escola no final de semana que tem

	sábado eu trabalho e domingo faço outras coisas. (Não tem nenhuma atividade ou outro projeto que tenha no dia a dia da escola?) eu acho que não.	família vai a escola, daí a gente se reúne para limpar a escola, ou para jogar alguma coisa, ou para ver algum jogo (como que vocês ficam sabendo desses eventos?) Vem da coordenação, daí o professor fala que a coordenação pediu para avisar que vai ter tal coisa, o professor é tipo uma fonte de comunicação, por que eles não incentivam... a vem aí, vocês vão gostar, vai ser legal, só dão o recado mesmo. (eu conversei com algumas professoras que disseram que fazem parte de um projeto sua classe não participa de nenhum desses projetos?) a professora de inglês conversa com a gente sobre o respeito, mas não é nenhum projeto, projeto disso não tem, não passou pela minha classe. (nenhum professor desenvolve projeto na sua classe, também não tem conhecimento dos projetos através de alunos de outras classes.)	aquele programa "família vai a escola". (eu conversei com algumas professoras que disseram que fazem parte de um projeto sua classe não participa de nenhum desses projetos?) não, na minha classe não, agora que você tá falando eu lembrei que eu sempre vejo uns cartazes sobre o respeito, mas eu não sabia que isso era um projeto.
você já ouviu falar em competência? tem idéia do que seja?	eu acho que é quando você vai na escola e faz suas obrigações certo...	não faço idéia, eu acho que é quando você é competente, quando você sabe fazer alguma coisa bem, tipo quando uma pessoa é competente no serviço, daí cla boa no serviço.	eu acho que é quando um aluno sabe as coisas é inteligente e passa de ano
Qual a finalidade do ensino médio ?	para te preparar para o futuro... pros cursos superiores, só eu acho!	eu acho que para preparar você para os vestibulares, eu acho que é só isso.	talvez uma preparação para o que vem depois, por que você sai de uma 8^a série imaturo, e aí o ensino médio vem te preparar para o ensino superior, para aprofunda um pouco mais a matéria
O E. Médio prepara melhor para o vestibular, trabalho ou vida?	Vestibular. por que isso aqui é uma preparação para o vestibular, cada coisa que agente aprende aqui é alguma coisa que vai cair no vestibular, mas se você for bem na escola, vai te ajudar também na vida e no	Vestibular, por que os professores dão exemplos com questões do vestibular, peguei essa questão de um vestibular, eles dão muita referência do vestibular. (E para o trabalho e a	eu acho que a intenção deles seria o vestibular, mais o ensino tá fraco, então eu acho que não tá adiantando pra nada eu fazer ensino médio, é mais por uma obrigação e você ter no seu

	trabalho. por que se você for bem no vestibular você pode passar numa faculdade, e se você for bem na faculdade vai te ajudar arrumar um emprego bom, então se você arrumar um emprego bom, vai te ajudar na sua vida, para você não passar por necessidades. não tem mais nada assim que eu ache.	vida?) Acho que nada, só na hora para ver.	currículo que você fez, sabe os alunos são muito conformados, a que bom que não tem aula, e eu acho que não é assim
Observações Gerais	J: vocês costumam questionar o professor em alguma coisa quando ele está ensinando? A: não muito né! A gente não tem muita moral para falar, por que os professores já se formaram e eles sabem o que tem que passar pra gente, tem que concordar com que eles falam, né. O que o professor passar tá certo né! (Relações de Poder)	J: o que você achou do que nós conversamos? A: eu acho que tem muita coisa que você falou que eu nem sabia o que era, acho que não acontece muito isso lá na escola. (Não acredita que esta reforma esteja acontecendo em sua escola)	continua a mesma coisa de quando eu entrei, eu acho que poderia mudar, eu acho que até daria uma boa escola, mas o que está faltando é organização, por que eu acho que a direção é bagunçada, eu acho que a gente não tem uma boa direção na escola. Por que o coordenador, você tem alguma coisa pra falar com ele, ele nunca tá lá, com a diretora você não tem a diretora na escola, ela escolhe os dias que ela resolve trabalhar e o período, é raro você pegar ela na escola, então eu acho que isso é que não tá legal, o próprio coordenador, é muito enrolado para falar com ele.